# REVISTA DA SEMANA

Biblioteca Nacional Rio de Janeiro

NO TEXTO:

## O CARNAVAL DE JACQUES FATH

## CONTINUA NO BRASIL A "COPA RIO"



CRUZ

# Do coração do Recife:

# "PERNAMBUCO *falando para o* MUNDO"!



...E A TÔDA PARTE CHEGA A VOZ DO BRASIL, ATRAVÉS DE UMA EMISSÔRA QUE É E PROCLAMA SER GENUINAMENTE PERNAMBUCANA

**Recife...** terceira Metrópole brasileira, é uma cidade que cresce e se renova cada dia que passa... Quem a revê, após anos de ausência, exulta com o seu progresso e desenvolvimento... Pois é do coração do Recife, a Capital do Norte, que sobe aos céus a voz potente de PERNAMBUCO FALANDO PARA O MUNDO!

Com as suas poderosas Ondas Curtas dirigidas, cobrindo o Brasil e o Universo, o Radio JORNAL DO COMMERCIO, em apenas quatro anos de vida, já conquistou, inteiramente, a preferência de ouvintes e anunciantes.

*Radio*
**JORNAL DO COMMERCIO**

Propriedade da Emprêsa JORNAL DO COMMERCIO S.A. - Recife

REPRESENTANTES - RIO: RUA MÉXICO, 164 - S. PAULO: RUA FORMOSA, 409-3°




Em plena festa, uma baiana entrega qualquer coisa ao costureiro Jacques Fath. A animação vai alta.

# O CARNAVAL DE JACQUES FATH

## DUZENTOS HÓSPEDES ★ DOIS MIL CONVIDADOS NO CASTELO DE CORBEVILLE ★ ARTISTAS DO CINEMA E DO RÁDIO

Texto de **LOUISE COTTON**

★

Fotos **RAPHO** e **I.N.S.**

Os amantes das novidades e acontecimentos sociais experimentaram novas sensações, quando cêrca de duzentos hóspedes, em quatro aviões especialmente fretados para a viagem, voaram oito mil milhas, para tomar parte numa festa de lançamento de modas ao ar livre. E a festa chegou ao seu mais alto nível, quando os participantes somaram perto de dois mil convidados.

E' esta a quantidade de gente que compareceu ao baile oferecido esta semana pelo amável parisiense Jacques Fath nos jardins de seu opulento castelo de setenta e cinco quartos, em meio de pomar, na povoação de Corbeville. E' ali, naquele retiro situado a uma hora de Paris, na posição sudoeste, que Jacques Fath, tôdas as tardes, caprichoso e febril, procura o recolhimento tranqüilo e em paz.

Os passageiros que vieram do Brasil trouxeram saborosa novidade: o tema para a festa de Fath êste ano seria o "Carnaval no Rio". No ano passa-




**Madame e Monsier Derval, proprietários do "Folies Bergeres", dançando animados uma rumba**



**Entre dois brasileiros pode-se distinguir a cabeça de um menino, filho do costureiro Jacques Fath, com um ar de curiosidade e admiração.**



**Chegada de convidados. Ao centro**

**a foto, p**

do houve vários temas, e no anterior, foi motivo texano. E quando as belas parisienses experimentaram os trajes à brasileira, com balangandãs, lenços coloridos ao pescoço, pulseiras e rosários de diversos feitios carnavalescos, não podiam comparar-se às "baianas" do Rio e de S. Paulo em festas semelhantes. Estas criaturas metidas em seus compridos e engomados vestidos de

crinolina
çando, s
am" de
seguiran
da noite

Estrêla
estrêlas,
figuras c
se uma C
Carmen
suas vin
com os
olhos co

**Jean Luís**
**sua direita**



...a foto, pode-se ver um palanquim.

...os. Ao centro

...temas, e no ...o texano. E ... parisienses ...os trajes à ...balangandãs, ... ao pescoço, ...ios de diver-...valescos, não ...r-se às "baia-... S. Paulo em ...es. Estas cria-... seus compri-...s vestidos de

...s pode-se distin-... um menino, fi-...cques Fath, com ...de e admiração.

crinolina, mexeram-se, dançando, sambando e "carioc...am" de tal maneira que conseguiram esquentar o ar frio da noite enluarada.

Estrêla da noite entre outras estrêlas, incluindo-se diversas figuras da elite brasileira, via-se uma Carmen encarnada em Carmen Solliati. Na beleza de suas vinte e duas primaveras, com os seus cabelos negros e olhos conquistadores, ela usa-



Jean Luís Barrault dançando, tendo à sua direita Mlle. Teresinha, do Brasil.





va saia escarlate como usam as crioulas, com blusa branca e uma faixa de fita negra adornada de jóias. Os fotógrafos a seguiam por todos os lados, perseguindo-a por todos os recantos, não podendo descobrir nem imaginar quem seria ela, que nada mais era do que uma simples componente da sociedade de São Paulo. E num abrir e fechar de olhos foi ela vista com três manufatureiros de vestidos de

**(Cont. na pág. 54)**

**À direita: Mademoiselle Sarah Chateaubriand Diniz, com uma amiguinha, vestida com motivos brasileiros.**

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 34 ★ 23-8-52

# SUMÁRIO

REPORTAGENS

O Carnaval de Jacques Fath (por Louise Colton) .................... 3/56
O Drama do Egito .................... 11/15
Continua no Brasil a "Copa Rio" (por Levy Kleiman) .................... 27/31
A Alemanha ressurge (por Demóstenes Varela) .................... 46/47

LITERATURA

Coração de Mulher (por Edgard Proença) 7
O Pequeno Conto (por Géo William) ... 8
Semana Literária (por Edmundo Lys) .. 16/17
Acaiaca (por Yolanda Lorenzato) .... 23/44
Cântico dos Cânticos (por Lourdes Espindola) .................... 26/44

SEÇÕES PERMANENTES

A semana em revista .................... 8/ 9
A personagem da semana .................... 9
Lido... Visto... Ouvido... (Por Jim) 20/21
A Revista há 50 anos .................... 22
Puxe pelo cérebro .................... 40
Passatempo (por Renato Cartaxo) ..... 41

ROMANCE

Um príncipe em minha vida (por Michel Davet) .................... 24/34

FOLHETINS

Filho, meu filho .................... 32/33
As aventuras do Capitão Rob ...... 42/43

FEMININAS

Blusas de "crochet" rendado .......... 35
Para o fim de inverno no Rio ....... 36/37
Estampados na alta costura .......... 38
Recepção diplomática: reunião democrática (por Isolette) .................... 40
Rotina de beleza .................... 41
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) .. 48
À luz da psicanálise (Dr. Luís Fraga) .. 49

CARICATURA

Êste mundo e o outro (por Darcy) ...... 18

CAPA:

**Barbara Hale** (Columbia)

# CORAÇÃO DE MULHER

Eu quis, um dia, penetrar num coração feminino. Visitar-lhe tôdas as células, ouvi-lo ali dentro, onde não há luz e ar, mas os ruídos, as vibrações das sístoles e diástoles.

No coração da mulher é quase sempre onde se esconde a sorte dos homens. Dali depende tudo. Dali é que saem as alegrias triunfais e as próprias tragédias...

O meu esquisito anseio de um dia viver dentro de um coração feminino realizou-se, ontem, inesperadamente. Aproximei-me de uma criatura de olhar silencioso e de um sorriso feito de saudades. Vi-a, assim, como quem está sonhando ou como quem está sofrendo. Dei-lhe meu "boa-noite". Ela fitou-me, impassìvelmente, deixando-me embaraçado, na condição de uma fôlha sêca que está no chão, indiferente para os nossos olhos. Mas aquela expressão de tristeza, aquela mágoa violácea, deviam ter sagrados motivos de existência e precisavam desvendar-se.



Falei a êsse espécie de Soror Melancolia. Apertei-lhe as mãos frias. A atitude de silêncio e de abandono permaneceu. Os seus lábios eram traçados como os da Esfinge e lembravam, inertes, águas paradas e profundas. E então, cauteloso, como quem quer surpreender os doces silêncios das alcovas, entrei, suavemente, lentamente, subpretìciamente, naquele coração. Ali não encontrei a mesma algidez das mãos que antes se tocaram com as minhas. Encontrei calor. Lá dentro era como uma lareira em dias de frio intenso, agasalhadora, que aquece a própria alma da gente.

Pus-me, primeiramente, a observar os seus movimentos. O "tic-tac", como do relógio, se acelerou, batia, agora, mais desordenadamente. E' que fôra pressentida a minha presença. Fiquei, então, receioso de ser expulso como se faz aos ladrões ou aos intrusos impertinentes. Dominei minha emoção e falei:

— Perdoe a ousadia, coração.

E pareceu-me êle responder:

— Que veio fazer aqui?

— Vim saber por que sofre.

— Quem lhe disse isso?

— — Ora, quem! O sorriso pálido e o olhar lânguido de sua dona.

— E você sabe que o mundo exterior é uma grande mentira? E' ilusão? E' sonho?

— Não, não sei — respondi-lhe. — No entanto, eu vim aqui para conhecer as agruras ou as ditosas alegrias suas. Não é isso possível?

Aí o coração de Soror Melancolia agasalhou-me com uma ternura que me trouxe cândidos arrepios em tôda a alma e acendeu na minha carne a chama intensa da curiosidade insatisfeita. Insisti:

— Diga-me tudo, ande.

— Tudo? E você acha que o coração de mulher deve dizer tudo? Pois bem. Ouça a minha história: aquela tristeza exterior que você estranhou reflete a imensa saudade de alguém. Eu tive um amor que viveu, sorriu e depois desapareceu. As mulheres podem amar muitas vêzes, mas sòmente uma vez é que elas conhecem o verdadeiro amor. Foi assim comigo. Amei e fui feliz. Amei com ímpeto, com orgulho, com felicidade e com fé. Nesse tempo, com o coração em festas, o sorriso e o olhar não eram os de sombras crepusculares, mas como alvoradas radiosas, que ditavam aos meus ouvidos a canora música dos pássaros. Mas um dia... Sim, você sabe que não há bem que sempre dure... Um dia, tudo que era delírio passou a ser melancolia. Êle desapareceu, levando-me a alegria de viver, levando-me tôdas as esperanças e deixando-me, apenas, o sabor dos seus beijos, a sua voz que ainda ouço sussurrar aos meus ouvidos e a lembrança de um seu retrato, com quem eu converso em doce colóquio nas horas angustiosas de minha saudade... Veja você que eu não tenho revoltas dentro de mim. Tenho apenas saudades.

— E êle voltará?

— Não. Êle me esperará. Êle já morreu, não pode voltar. Mas dentro em breve celebraremos as nossas núpcias no céu. Ah! eu o espero, eu tenho fé, eu tenho esperança, eu tenho o direito de ser feliz...

Soror Melancolia, depois dessa exaltação, sùbitamente emudeceu. O seu olhar deixou de iluminar-lhe a vida.. Os seus lábios uniram-se, encerrando um último sorriso dolorido. O seu coração interrompeu o compasso rítmico de tôdas as vibrações. E ali dentro um silêncio de ciprestes. E ali dentro bailava, como se pisassem sôbre veludos, as sombras imateriais de uma grande saudade.

Saí dali com o religioso respeito que aquêle coração de mulher me inspirou comovidamente.

Apenas a saudade ficou cantando a música do amor, levando nos seus braços aquêle coração que soube amar e soube sofrer.

**EDGAR PROENÇA**

**ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS**

Porte simples — Um ano .................... Cr$ 200,00
Seis meses .................... Cr$ 100,00
Registrada — Um ano .................... Cr$ 230,00
Seis meses .................... Cr$ 120,00

**ASSINATURAS PARA O EXTERIOR**

Registrada — Um ano .................... Cr$ 350,00
Seis meses .................... Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

Diretor: **GRATULIANO BRITO**
Redator-Chefe de Publicidade: **J. M. COSTA JÚNIOR**
Paginação de **VICTOR TAPAJÓS** — Desenhos de **ALBERTO LIMA**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

**TELEFONES:**

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New-York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. — Êste número tem 60 páginas.

PEQUENO CONTO

# CLEPTOMANIA

Por GEO WILLIAM



NÃO era a primeira vez que a linda e jovem senhora surgia entre os balcões da loja freqüentadíssima, girando de um para outro lado, verificando, apalpando, perguntando. E não era a primeira vez que, depois de ter saído, os caixeiros davam pela falta de alguma peça de valor, um adôrno precioso, um aderêço ou algo mais.

Mas, apanhar o autor dêsses furtos continuados, tinha sido até então impossível, dada a multidão de mulheres que, rumorosamente, como sempre, alegavam a prioridade na compra, para serem atendidas com presteza. De mais a mais, o tipo elegante e fino da dama, distanciava qualquer suspeita.

Até que a casa resolveu contratar os serviços de uma agência de detective. Esta destacou três auxiliares femininas e a caçada à misteriosa ladra começou.

•

Apesar de tôdas as atenções, da severa vigilância feita pelas policiais, que se misturavam com as clientes, mais mercadorias desapareciam. Os prejuízos já eram de monta, pois que uma rica pele de marta, de alto preço, fizera quase que chorar os sócios...

Um dia, as vigilantes julgaram ter descoberto, finalmente, a "dama misteriosa" e sustaram a saída de certa senhora que lhes atraíra a atenção por ter, em determinado momento se abaixado e ajustado as meias. Justamente daquele balcão tinha sumido ume peça de brocado. A coisa foi notada e quando a senhora, após ter sido minuciosamente vasculhada no gabinete reservado, saiu feito fera, de tão zangada, porque nada nela tinha sido encontrado, as policiais tiveram que ouvir uma reprimenda dos maiorais da firma.

A verdadeira ladra ficou de sobreaviso, pois que assistira à detenção da inocente. Descobrira, fortuitamente, estar a loja sendo vigiada e tomou as suas cautelas, estudando, com perspicácia, os tipos, acabando por fixar a fisionomia das três detectives.

Resolveu, então, jogar uma peça a estas policiais, inimigas em potencial. Se assim pensou, melhor executou. Sabia que na seção de jóias haveria liquidação e, com isso, enorme afluência de compradoras. Também as policiais resolveram, na ocasião, concentrarem tôda a atenção nessa seção de preciosos. Foi lá que se deu o último ato de desmoralização das vigilantes.

•

A ladra, com arte insuperável, escondeu e fêz desaparecer vários aderêços. Depois, colando-se à policial, conseguiu colocar-lhe duas jóias em sua bôlsa, sem se fazer pressentir. Em seguida, pejada pelo muito que surripiara, acercou-se de um dos vendedores e, mostrando-lhe a vigilante, segredou-lhe:

— Eu vi aquela senhora colocar na bôlsa umas jóias!

Deu-se o escândalo. Inúteis os protestos da detective, que alegava ser ela a encarregada da vigilância. Na bôlsa encontraram as jóias. Depois quiseram saber qual o sumiço das demais que faltavam. Foi um Deus nos acuda. Enquanto isso, no passo ligeiro, distribuindo sorrisos, a verdadeira ladra saía da loja, levando consigo para mais de mil dólares.

Uma hora depois o diretor da firma atendia o telefone e ouvia: — Podem soltar a infelicíssima detective. Quem furtou fui eu. Mas, saibam de uma coisa: não sou ladra. Sou apenas uma cleptômana... Ah... o quê?

O diretor correu ao dicionário para se capacitar e ilustrar sôbre êsse têrmo que lhe era desconhecido. E deu-se por satisfeito em saber que tinha sido lesado por uma... amadora.

# A Semana

## O samba do Sacopã

OS jornais de segunda-feira, 11 de Agôsto, trouxeram uma notícia curiosa: o tenente Bandeira, acusado como autor da morte do bancário Afrânio, escreveu uma letra para ser musicada em compasso de samba, cujo tema é o famoso crime do "Citroen negro". A música é de Assis Valente, e o intérprete da mesma será o cantor Francisco Carlos. Não conhecemos a letra, nem a música. Entretanto, pelo que parece, o caso é de todo inoportuno. Lembremo-nos que há, na tragédia ainda misteriosa do Sacopã, duas mães que estão sofrendo as torturas de uma fatalidade angustiante: a do tenente Bandeira, indigitado criminoso, e a do bancário assassinado. Enquanto não obtiver a justiça, o esclarecimento completo e absoluto dêsse lutuoso acontecimento, não deve ser explorado comercialmente um tema que, por ora, mantém tôda a população do Rio, em suspenso, sem atinar com a vereda que leva à solução do fato. Um samba é a resultante de estados dalma. Tanto pode ser dolente, melancólico, como alegre, divertido, criticista, carnavalesco ou histórico; mas, para ser qualquer uma destas coisas, é necessário que o seu motivo, seu tema, sua razão de ser, esteja decidido, não sofra contestação, nem venha criar angústias cruéis na alma de pessoas porventura interessadas no assunto. O tenente Bandeira, que se mantém firme nas juras de inocência, poderia deixar sua inspiração poética, seu estro de acusado injustamente, para o fim do drama. Mais humano.




## O centenário de Teresina




OCORREU a 16 dêste mês de Agôsto, o centenário da fundação de Teresina, capital do Piauí. A cidade foi fundada pelo Conselheiro Saraiva, grande estadista do Império, que escolheu o local da chamada "Chapada do Corisco". O ambiente é dos mais belos para a edificação de uma cidade, com o seu planalto elevado sôbre as margens do rio Parnaíba e de seu afluente, o Poti, naquele tempo coberto de densas florestas tropicais. Saraiva (José Antônio), natural da Bahia, tendo sido nomeado em 1851, governador do Piauí não se conformando com a má situação da então capital Oeiras, tratou de edificar outra no local em que se ergue Teresina. O nome original era Cidade Saraiva, que foi mudada, por êle, para Teresina, em homenagem à Imperatriz Teresa Cristina. Saraiva delineou o traçado da nova capital com os mesmos cuidados e os mesmos métodos de Belo Horizonte, meio século antes desta. Mas, infelizmente, os prefeitos e os construtores não foram seguindo o traçado geométrico urbano, e Teresina resvalou em pouco tempo, para as sinuosidades tão características das cidades brasileiras sem qualquer regime de abertura de ruas, praças e edificações urbanas. Os habitantes de Teresina souberam prestar justa homenagem ao grande Saraiva, erguendo-lhe uma pirâmide com a inscrição "Em sinal da memória os piauienses agradecidos". Saraiva deixou o Piauí em 1853, mas, apesar de tôdas as dificuldades, deixou a nova capital instalada e em progresso.

# Em Revista

## A Ciência Brasileira




NO silêncio de seus gabinetes e laboratórios, os nossos cientistas passam a vida a estudar os meios mais eficientes de aliviar a humanidade de seus sofrimentos e das moléstias mais terríveis, como sejam a tuberculose e a morféia. Assim, conforme declarações à imprensa feitas pelo prof. Manoel José Pereira Filho, diretor do Serviço Nacional de Tuberculose, catedrático de microbiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Pôrto Alegre, vai a Fundação Ataulfo de Paiva proceder a importantes procedimentos científicos em tôrno da vacina BCG como elemento de premunização contra a tuberculose em nosso país. O instituto acima aludido terá a missão de estudar a secagem do BCG, ou seja do bacilo Calmete e Guerin. Já neste mês de Agôsto terá o nosso país, em funcionamento, o Laboratório Pilôto, com a produção de cêrca de 450 mil tubos de vacina por mês. Mas não fica apenas no campo da premunização da tuberculose a aplicação da vacina BCG. Estudos recentes de Rosemberg e seus colaboradores deram resultados apreciáveis sôbre a imunização, pelo BCG, em crianças filhos de leprosos. O prof. Pereira Filho declarou que, em cêrca de cento por cento dos casos, a reação de Mitsuda tornou-se positiva, acusando maior resistência à infecção hanseniana. Temos, assim, a ciência médica do Brasil voltada exaustivamente para a salvação de milhares de pessoas neste país assolado por duas doenças pavorosas.

## O que é o amor

SÃO João de Meriti, bem juntinho ao Distrito Federal, não é sòmente a localidade de brigas e disputas políticas de fazer inveja a Caxias. Também possui seus romances dignos de uma novela. Vejam o que ocorreu com o feliz casal unido agora pelos laços do sagrado matrimônio, Manuel Machado Bertão e Joaquina Correia. Êle, viúvo, e ela duas vêzes também viúva. Já se conheciam há muitos anos; mas, circunstâncias independentes de suas vontades impediam que viessem a consorciar-se perante Deus e os homens. Ambos casados, estavam proibidos de se unirem. Mas o destino é assim mesmo, e começou a tecer as teias do Amor. Um dia êle perde a espôsa. Pai de muitos filhos, dedica-se ao seu emprêgo em Niterói, numa casa comercial. Por sua vez d. Joaquina perdeu o marido. Ambos estavam viúvos. Embora, como êles mesmos dizem e todo mundo saiba, não tinham, verdadeiramente a idéia de casamento. A amizade era tôda independente de qualquer outra intenção. Amigos, apenas. Contudo, reaproximados pelo imprevisto, passaram a encarar a situação sob outros prismas. E veio a idéia de casamento. Acharam graça no caso. Mas também acharam que era possível. E em começos da semana última ei-los noivos. No sábado passado se casaram. Depois do ato, arrumaram as maletas e foram para a viagem de lua-de-mel, em Petrópolis. E querem saber quais as idades dos dois "pombinhos"? Êle está com 72 anos, e ela, com 71. Mas se julgam muitos felizes, pois que "o amor não tem idade"...



# A PERSONAGEM DA SEMANA



*Emir Hussein*

OS problemas político-sociais que se processam nos países do Levante, muitas vêzes com repercussões que muito preocupam os estadistas que lideram a política internacional do mundo, tiveram, mais uma vez, seu lugar nas páginas da imprensa, com a deposição do rei Talal, filho daquele famoso Abdallah, morto num atentado que emocionou o mundo. O estado de saúde de Talal já era precário muito antes de dar-se a tragédia de seu pai, e o episódio veio ainda mais agravar o estado de saúde do filho, que assumia a direção da Jordânia, com os nervos em estado deplorável, incapaz de ter a necessária tranqüilidade de espírito para governar seu país. A Jordânia, embora de pequeno território (34 mil quilômetros quadrados) e com pequena população (uns 450 mil habitantes) exige, porém, muita firmeza no trato internacional em virtude de sua posição e vizinhança com países que estão constantemente em rusgas e disputas de natureza político-religiosa. Talal nunca pôde, efetivamente, tomar nas mãos as rédeas do govêrno, vivendo sob tratamento médico em países da Europa, especialmente na Suíça. Prevendo um desfecho desagradável, mandou seu filho mais velho, Emir Hussein, estudar na Inglaterra, enquanto sua espôsa, a rainha Zeine cuidava dos outros três filhos menores. Antes de internar-se no grande colégio de Harrow, na Inglaterra, êle se aperfeiçoou em inglês no Colégio de Alexandria, falando hoje muito bem a língua de Churchill. A rainha muito sofreu com a perda do sôgro, e muito se preocupava com a saúde do espôso. Agravando-se agora êsse estado, o Parlamento de Amman, capital da Jordânia, depôs o rei enfêrmo e chamou ao govêrno o príncipe-herdeiro Hussein, que tomou férias extraordinárias no colégio, passando a ser "Soberano do Reino Hachemita da Jordânia", embora só possa assumir o govêrno a 2 de maio de 1953, quando estará com a idade legal para ser coroado Rei. Enquanto isso, o país será dirigido por um Conselho de Regência constituído por dois membros do Parlamento e o presidente do Senado. Emir Hussein nasceu a 2 de maio de 1935, tendo que esperar êstes nove meses de menoridade para dispensar a Regência e sentar-se no trono. Hussein fêz na Inglaterra boa amizade com Faiçal, jovem rei do Iraque, o que é motivo de tranqüilidade na região.

---

# CONTOS PARA A "REVISTA"

**Em face do grande acumulo de contos, a redação resolveu suspender o recebimento de novos originais. Os que foram recebidos até agora serão julgados e os aprovados serão publicados.**


## QUER SER ESCRITOR?

**Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Av. Rio Branco, 117 — Sala 305, para remessa do pragrama e bases do Curso.**

## COMO APRENDER A DANÇAR

**4ª EDIÇÃO AMPLIADA**




Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 540 São Paulo

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

Esta fotografia tomada no Egito no começo dêste ano por ocasião das sangrentas agitações que ali se verificaram e que, agora se vê, foram o último prenúncio da revolução branca da semana passada, define o estado de sofrimento do povo.





**Faruk levava vida alegre. Aí aparece êle dançando uma rumba nos salões do Jockey Club de Deauville. Era figura obrigatório nos centros elegantes do mundo.**

# O DRAMA DO EGITO

## POR QUE FARUK FOI DEPOSTO ★ A SITUAÇÃO INTERNA ★ CAUSAS DO MOVIMENTO ★ COMO SERÁ GOVERNADO O PAÍS

**Texto de HAROLD GREEN** ★ **Fotos "KEYSTONE" e "RECORD"**

O movimento revolucionário, abrupto e incruento, que destronou o Rei Faruk, do Egito, vai entrando em fase de consolidação, de vez que o Exército, que o fêz para salvar a nação, agora toma contato com as correntes partidárias e de opinião que não atuaram no golpe. Mas o faz em têrmos de govêrno forte. A situação de Faruk, porém, é clara e assim são remotas ou inexistentes as hipóteses de sua volta ao poder ou mesmo seu regresso à pátria.

Segundo todo o noticiário de tôdas as fontes informativas e até mesmo o silêncio de Faruk, hoje em Capri, o desmoronamento se deu por causa dos desmandos, esbanjamentos e favoritismos do Rei e sua Côrte. Ao lado de uma política sem rumo certo, repetiam-se os desmandos, desrespeitos à Constituição, o público espetáculo da desregrada vida particular de Faruk, a última derrocada das fôrças egípcias na luta contra Israel, pelo que parece responsável o péssimo material bélico, obtido por processos excusos — tudo culminou com o afastamento dêle e sua gente.

Por isso mesmo, o referido golpe de fôrça, desferido sob o comando do tenente-general Mohamed Naguib, foi recebido, é fato, com geral agrado por parte do povo egípcio. Ante a derrocada geral do Exército, que fôra especialmente vítima da desorganização nacional nos campos de batalha, deu o golpe salvador. Vão aqui os têrmos com os quais o general Naguib fêz o Rei Faruk ciente do movimento e suas razões: "O país atravessou nestes últimos tempos um período de anarquia e instabilidade total devido à vossa má gestão dos negócios do Estado e desrespeito à Constituição. Não estão seguros a vida, a honra e os bens de nenhum cidadão egípcio. A reputação do Egito foi manchada diante de todos os povos do mundo. Os corruptores e traidores encontram proteção junto de vós. Enriqueceram-se êles à custa do povo faminto. Tudo isso foi sobejamente provado por ocasião da guerra com a Palestina e no processo instaurado sôbre o caso das armas defeituosas, no qual vós protegestes os criminosos, falsificando os resultados da investigação, fazendo assim que o povo perdesse a confiança na justiça. Em conseqüência, o Exército encarrega-me de pedir a vossa abdicação em favor de vosso filho, o Príncipe Ahmed Fuad, antes do meio-dia e vossa retirada do país antes de seis horas da tarde do dia 26 de julho. O Exército vos responsabiliza pelas conseqüências que resultarem de vossa recusa de concordar com a vontade do povo".

Realmente, o noticiário agora, como sempre, é unânime em narrar os erros e desmandos da administração do ex-Rei Faruk. A opinião pública mundial ficou a par daquilo [illegible] sòmente o povo egípcio vinha [illegible] rando, até à eclosão do golpe [illegible] estado desfechado pelo general [illegible] guib. O Exército decretou a [illegible] venção direta na vida adminis[illegible] tiva do país, procedendo a um [illegible] purgo sem precedente, em tôda [illegible] história do Egito.

Os antigos favoritos do monar[illegible] deposto estão sendo encurralados [illegible] senso de responsabilidade, que [illegible] atinge, como executores imedia[illegible] dos esbanjamentos reais. Assim [illegible] cedendo, o Exército não está [illegible] compelido por sentimentos de [illegible] gança, mas com o objetivo único [illegible] apurar responsabilidades contra [illegible] nação. E os fatos vêm à tona, [illegible] quanto os seus cúmplices estão [illegible] metidos em prisão militar ou "[illegible] sistências forçada".



Cenas como esta repetiram-se êste ano no Egito. O povo agitado nas ruas. Êles — os do povo — e os inglêses pagavam o pato. E não havia orientação firme por parte do Govêrno.

O escândalo da campanha da Palestina, que tanto dano causou às tropas egípcias do "front", através do contrabando de armas imprestáveis, está sendo olhado, agora, pelo prisma de acusação aos que o praticaram com a participação da "entourage" imediata do rei. A explosão da fábrica de pólvora do Cairo, que estava cheia de munições de má qualidade, veio comprovar a irresponsabilidade que caracterizava os auxiliares da Côrte.

Além dêsses fatos de ordem administrativo-militar, está merecendo particular atenção, por parte dos que detêm o govêrno do Cairo, os crimes cometidos por malversação do dinheiro público. Honrarias e condecorações com que o rei agraciava os seus íntimos, vieram pôr a descoberto a procedência de muitas fortunas. Por isto a opinião pública condenou o rei. O próprio soberano exilado tem que se sujeitar à sindicância, que se está processando, sôbre seus bens de raiz, incluindo a fabulosa riqueza que lhe pertencia.

O Conselho de Regência, que se instaurou até à maioridade de Fuad II, prosseguirá com o Exército o inquérito aberto castigando os responsáveis e limpando a nação de seus venais usurpadores. Desta maneira, crê o novo govêrno fazer face às dificuldades que aparecerão, manter coesa a estrutura interna por uma aproximação mais direta com o povo, fortalecendo a nação para os seus compromissos de ordem externa.

Na chefia do Poder Civil está agora como Primeiro Ministro Ali Maher, mas o Exército, que fêz a revolução, está pedindo aos partidos políticos que se definam, apresentem os seus pontos de vista e programas para que tudo se esclareça bem e definitivamente no interêsse da pátria. Aqui se impõe uma pergunta: vão êles, os partidos, concordar, cooperar? Como agirão?

O "Wafd", agremiação muito atuante, já lançou manifesto dizendo que defenderá os seguintes postulados: supressão do direito que tem o rei de votar as leis feitas pelo Parlamento; responsabilidade efetiva do gabinete perante os representantes do país; consolidação do regime constitucional com fundamento num govêrno majoritário, embora respeitados, inteiramente, os direitos de oposição; respeito permanente às liberdades públicas; extinção da polícia política; denúncia do tratado anglo-egípcio de 1936. Por que os egípcios se consideram capazes de comandar os interêsses muçulmanos no mundo, o "Wafd" quer a união com o Sudão e conseqüente refôrço da Liga Árabe.

Há, pois, graves problemas internos que o atual govêrno civil do Egito, apoiado pelas Fôrças Armadas, terá que enfrentar além dos gravíssimos casos de política externa.

Interessante, o problema da Regência. E' sério, pois Ahmed Fuad II tem apenas seis meses. E do Parlamento, a ser convocado, terá que depender o Conselho de Regência que, por muitos anos, será o próprio govêrno egípcio. Como atender à tôdas as correntes? Depois, o problema do canal de Suez e a questão do Sudão egípcio são, entre outros, graves assuntos a encarar fora das fronteiras.

O Conselho de Regência Trina, constituído logo após a vitória do golpe de estado, assumiu, na tarde do dia seis dêste mês, o govêrno do Cairo, com forte determinação de empreender frontalmente uma verdadeira campanha de salvação na-



Lá, como em tôda parte, os estudantes agitaram o ambiente. Dir-se-ia que são êles, sempre, as aves denunciadoras das tempestades. A mocidade desperta cedo.



Tipos de soldados da polícia egípcia guardando, em dia agitado, uma das embaixadas estrangeiras localizadas no Cairo, durante as sangrentas escaramuças que se verificaram nesta cidade do Egito nos princípios dêste ano.




Certas camadas têm uma prevenção especial contra os inglêses. As inscrições a pixe denunciam que, ali, o inglês é o "bode expiatório" de tudo que acontece. Parece que o novo Govêrno egípcio não é hostil aos inglêses.






Êste é Mustaphá Nahas Pascia — chefe do Partido Waldista — que, segundo as últimas notícias está sendo objeto de sério expurgo. Êste é um dos principais partidos políticos do Egito.

Em dezembro, uma bomba destruiu reservatórios d'água dos inglêses. Êstes, desenganados da manutenção da ordem, resolveram se proteger destruindo setenta e cinco casebres perto dos reservatórios.

cional. Apesar de ter decretado um expurgo em grande escala nas fileiras do Wafd, o mais forte partido político do Egito, o "premier" Ali Maher tenciona estabelecer o seu govêrno numa política de todos os partidos consubstanciada numa "Frente Egípcia" única.

O novo triunvirato egípcio ficou assim formado: príncipe Abdel Moneim, advogado Bahiedene Barakat e o coronel Mehana.

Um dos primeiros atos dos novos mandatários do palácio Abdine foi a formação de um "Escritório de Seqüestro", com plenos poderes para decretar, oficialmente, o seqüestro dos quatro palácios do ex-rei Faruk, no Cairo e em Alexandria. Paralelamente, adotaram os regentes, como medida de salvação nacional, a limitação da propriedade de terras. Tudo isto está se processando dentro de um clima de perfeita ordem, obedecendo-se aos imperativos de soerguimento do país, que foi o lema escolhido pelo general chefe do movimento revolucionário vitorioso.



Esta cena ocorreu a 23 de julho p. passado: altas patentes do exército egípcio, reunidas sob o comando do General Naguib, esperam que Faruk se resigne dentro de nove horas.



**No dia trinta de julho próximo passado, o Iate Real chega a Nápoles, onde deixa o ex-rei Faruk e família. As caixas parecem de vinho ou "champagne" e o sino — dizem — é de ouro.**

**O problema dêste canal — o de Suez — é um dos mais sérios que a política egípcia tem que enfrentar. Uma das portas do mundo, o Canal de Suez é sempre um perigo — um caso eterno.**



A situação do Egito é considerada delicada pelos observadores estrangeiros, uma vez que dela depende a estabilidade da segurança do Oriente Médio e Próximo.

Mas esta inquietação de ordem político-internacional tende a desaparecer desde que o Conselho de Regência sancionou absoluta franquia para a inversão de capitais estrangeiros, como recurso indispensável para uma reforma social. Entrementes, a tendência atual do govêrno do Cairo é simplesmente corrigir erros passados e dar seguras diretrizes ao país.

Desta maneira cogita o Egito vencer o perigo do isolacionismo que poderia ser fatal para os países da comunidade asiática, sabendo-se que sempre foi a sua posição, a de comando, na política dos povos muçulmanos. E para o Ocidente a tranqüilidade egípcia significa mais um elo na cadeia de mútua defesa à influência direta de Moscou.

**Ainda em 29 de julho p. passado, atendida pelo rei a int'mação militar, o Gen. Naguib, ao centro, dá suas primeiras impressões aos jornalistas, após assumir o contrôle do Egito.**

# SEMANA LITERÁRIA

## Recordando Toulouse-Lautrec




O cinema vai lembrar Toulouse-Lautrec em um filme atualmente sendo realizado em Paris com argumento adaptado do famoso romance biográfico de Pierre La Mure, o escritor francês radicado nos Estados Unidos — "Moulin Rouge". O papel de Lautrec será interpretado pelo ator José Ferrer, recentemente laureado por sua criação, no cinema, do papel de Cyrano de Bergerac, segundo a peça de Rostand. No clichê, um cartaz de Toulouse-Lautrec para o "Théâtre Libre", de Antoine. O genial pintor não se negava a fazer "publicidade", como vemos aqui, embora seus trabalhos dêsse gênero estejam em geral assinados apenas com suas iniciais, T.-L., mais não sendo preciso para identificar a mão que realizou tantas obras imortais.

## Por êsse mundo das letras

● Érico Verissimo falou, na Rádio Globo, sôbre sua vida e seus livros. Disse coisas muito interessantes, como sempre, "causeur" brilhante que é. Os ouvintes do programa fizeram muitas perguntas que êle respondeu pacientemente, apesar da tolice de muitas.

O "caso" Érico Verissimo pode ser indicado como um programa dos jovens escritores, mais interessados na propaganda e nos títulos do que na própria obra: escrevam primeiro que a publicidade vem depois. Érico é um exemplo. Hoje que sua obra lhe conquistou um lugar ímpar na literatura brasileira, tem propaganda enorme, inclusive no rádio e absolutamente grátis. Sentindo-se, aliás, muito honrado.

● O Sr. Otávio Mangabeira não se limita a ser político. E, para justificar seus títulos acadêmicos, bom machadista que é, acaba de concluir sua obra de redução de Machado de Assis. O têrmo redução pode levar a sentido ambíguo... O que o escritor-político fêz foi sintetizar o sintético Machado, reduzindo tôda a sua obra a um único volume, sem nada tirar de saboroso e de característico, a Machado. Nesta época de "digests", os esforços do escritor por certo serão recompensados. Êsse "Machado de bôlso" vai agradar a muita gente que cita Machado de ouvido, isto é, por ouvir citações.

● Pablo Neruda, de regresso ao Chile, passou pelo Rio, a bordo do "Giulio Cesare". Também o poeta Augusto Frederico Smith chegou pelo mesmo navio. Num ponto, a opinião de ambos coincidiram: a viagem foi boa e seria melhor se não fôsse êsse poeta aí... Smith desembarcou meio alarmado com o comunismo.

● "Gazeta de Notícias" festejou mais um aniversário de fundação. Merece registro literário. A "Gazeta" foi o nosso primeiro jornal diário interessado pela literatura. Foi na "Gazeta" que se tornou conhecido Eça de Queiroz. Parabéns e honra à memória de Ferreira de Araújo, um dos grandes jornalistas do Brasil. E como citaríamos a "Gazeta de Notícias" sem falar em Figueiredo Pimentel, o escritor hoje esquecido, romancista brilhante que deu uma nota original à nossa imprensa, criando entre nós a crônica mundana? Recordemos que Figueiredo Pimentel, também lançado pela "Gazeta", é um dos raros criadores de alguma coisa em nossa imprensa. Fêz o "Binóculo" e fêz um gênero.

**FRADIQUE**

## LETRAS MINEIRAS

**CONSTITUIU, sem dúvida, acontecimento de maior importância na vida artística da Capital mineira a Exposição Internacional de Arte Moderna, visitada por milhares de pessoas, e encerrada na semana que passou. Como sempre, foram bastante variadas as opiniões dos visitantes, em uns suscitando grande entusiasmo e a outros deixando indiferentes, numa atitude de pouca compreensão diante da evolução da pintura em nossos tempos. A exposição, contudo, ocupou a atenção de nossos círculos artísticos e a imprensa a ela se referiu durante todo o tempo em que estêve franqueada ao nosso público.**

★

**O ACADÊMICO Wellington Brandão, figura prestigiada no ambiente literário de Minas, trará a lume, ainda êste mês, pelas "Edições Mantiqueira", a segunda edição de seu livro "Tratador de Pássaros". Trata-se de um volume de excelentes ensaios, os quais confirmam a reputação do brilhante escritor mineiro como um dos valores mais expressivos de nossa atual literatura.**

★

**OS AMIGOS e admiradores de Da Costa Santos prestaram-lhe merecida homenagem, por ocasião da passagem de seu aniversário natalício, dia 17 último.**

UM AUTOR:

# JEANNINE BOUISSOUNOUSE



*JEANNINE BOUISSOUNOUSE é um dos casos mais curiosos das letras francesas atuais. De jornalista ela passou a romancista e a historiadora. Ela mesma explica o fenômeno, achando natural que o jornal a tenha conduzido a essas atividades, pela emovisinhança dos gêneros. O jornalismo impõe a observação e a investigação, dois processos que pertencem à técnica, tanto do romance como da História.*

*Já ela estava interessada pela História, quando lhe foram confiados documentos muito interessantes e inéditos sôbre Colombo. Por ocasião da ocupação alemã, êsses documentos desapareceram e ela ficou impossibilitada de nos dar o livro sôbre o descobridor, de acôrdo com a correspondência de Colombo e com notas diárias do navegante. As circunstâncias levaram-na, assim, a se interessar pela história espanhola e, particularmente, por Isabel, a Católica. Investigando, para escrever sôbre a soberana, chegou à conclusão de que Isabel foi uma das maiores influências humanas da História. E rodeada por um estranho mundo. Assim, nos deu essa biografia emocionante, melhor êsse ensaio, "Isabelle la Catholique — Comment se fit l'Espagne".*

*Jeannine Bouissounouse não limita porém suas atividades e suas investigações à rainha santa. Também pretende escrever um livro sôbre Torquemada e já iniciou, fora do ciclo espanhol, uma biografia de Marie Stuart. Antes de seu livro sôbre Isabel, publicou a jovem e talentosa escritora francesa dois romances considerados em alta conta pela crítica: "Le Chemim Mort" e "L'Étoile Filante", além de seu diário "Maison Occupée", de tanto interêsse contemporâneo. E' preciso notar, aliás, que gôsto da História, em Jeannine Bouissounouse não representa uma evasão de sua época.. Pelo contrário, sua obra histórica nos mostra a fidelidade dos tempos, as "réprises" dos fenômenos sociais, a constância dos caracteres humanos e sociais através dos tempos.*

UM LIVRO:

# "ENTRE MAR E RIO"

*DE Portugal, via Bélgica, onde está o autor, chega-nos o novo livro de poemas de Ribeiro Couto. Um livro de encantada ternura. Um livro de temas evocativos, diremos mais, de lirismo evocativo. Um livro de versos inspirados em Portugal, poemas com motivos portuguêses, trabalhados por quem muito conhece e muito ama a terra portuguêsa, essa terra que sempre há de acordar em nossos corações ondas de enternecido amor. Porque é muito curioso: no fundo do brasileiro existe sempre um pouco de sebastianismo, mistura de amor e de admiração pela pátria-mater, pela brava gente que nos criou, pelo povo ilustre que fêz a nossa terra, pela pátria que deu a nossa pátria. Possível que a algum brasileiro de outra origem, de raça diferente na sua genealogia, escape êste sentimento que nós outros, descendentes de lusitanos, sentimos mais entranhado. Entretanto, todos os nossos grandes poetas, mesmo os mais brasileiros, no sentido do tempo, principalmente êles, têm se deixado levar, em horas de emoção profunda, por êsse carinho de neto, no amor e na admiração dos avoengos d'além-mar. Há sempre um ponto maior de referência. Ora será "Os Lusíadas", ora o "Só". Aqui é a paisagem, ali é a história gloriosa dos barões assinalados. Neste há de ser a prosa lírica de Garrett, naquele a obra monumental do mestre de Val de Lobos, naquele outro a ironia queiroziana, ainda noutro a sugestão moderna de Fernando Pessoa. A verdade é que temos sempre um motivo a mais, com o grande motivo de nossa origem comum, para amar Portugal.*

*Ribeiro Couto, poeta dos mais nossos, de afeto transbordante, deixa aqui seu tributo a Portugal, como brasileiro antes e, depois, como filho de português. Banhado da mesma água atlântica, sua lírica de agora, engrinaldando a terra antepassada, é irmã da outra, daquela com que êle cantou a Noroeste, com que escreveu os doces e brasileiríssimos poemas de São José do Barreiro, com que aquereiou as miniaturas admiráveis de "Jardim das Confidências".*

*A sua herança maior de Portugal, além das de sangue, o bom sangue português que tantas vêzes molhou a terra do Brasil, para fecundá-la, para fazê-la nação e pátria, está no livro imortal do poeta de Coimbra, do moço de olheiras e capa negra que morava na Tôrre de Anto. Sentimos neste livro que êle foi escrito com os olhos úmidos de lágrimas, na saudade do primeiro encontro com o grande pequenino livro único, tão único que se chamou — "Só". E quantas vêzes, nestas páginas, se insere o nome querido do poeta, quantas vêzes êstes versos ecoam os acentos dos versos de Antônio, quantas vêzes esta tinta vem com a tonalidade daquelas com que o Hamlet português cantou as paisagens, as gentes, os sentimentos cantados neste livro, todo português, duas vêzes português, tanto Portugal aqui é ternura e amor, postos na saudade.*

*"Entre Mar e Rio" não é apenas um dos mais belos livros de poemas brasileiros sôbre Portugal, de todo o amor a Portugal. E' um dos mais belos livros de poesia escritos na nossa língua — essa língua que também é comum, por sôbre o Atlântico, que é o grande Mar Português, e é o nosso mar, com as ondas que embalaram as caravelas descobridoras e que viajam as jangadas, o mar que inspirou a epopéia da raça, no livro de Camões e que, hoje, acalenta a musa praiana e dolente de Caymi.*

Edmundo Lys

# FORÀ DO PRELO

● **O DEUS QUE FALHOU** — Êste livro é uma profissão de fé dos seis homens eminentes que entreviram, outrora, uma nova era para a humanidade no Comunismo de Stalin. Identificados com a teoria e a técnica comunistas compreenderam com mais clareza do que os outros a razão pela qual, na realidade, o credo do Estado Soviético destrói os valores do mundo civilizado. Neste livro êles explicam clara e corajosamente sua crença atual, bem como seus pontos de vista anteriores.

Por que teria o Comunismo, como método de vida, seduzido um homem profundamente católico como Silone e atraído indivíduos notáveis como Gide e Koestler? Por que se tornou quase inevitável que Richard Wright, combativo escritor negro em Chicago, ingressasse no Partido Comunista? Por que teria Louis Fischer, que representava um considerável grupo de correspondentes estrangeiros britânicos e americanos, depositado sua confiança na Rússia, sem atração especial pelo Partido? Por que teria sido a Guerra Civil da Espanha a pedra de toque para a curta permanência de Spender no Partido e seu repúdio subseqüente? Que teria levado êstes seis homens a simpatizar com o dogma de Stalin? E — o que é mais importante — por que teriam mudado de opinião? E' justamente a tais perguntas que se responde neste livro, através de relatos altamente pessoais.

● **O PENSAMENTO INDUSTRIAL DO BRASIL** — Já se encontra nas livrarias a segunda edição do livro "O Pensamento Industrial no Brasil".

A primeira edição, de 2.500 exemplares, esgotou-se em pouco mais de dois meses, o que levou a Editôra Martins a lançar a segunda edição, que já se encontra à venda.

● **EXPEDIÇÃO AOS MARTÍRIOS** — Diante do novo livro de Francisco Marins, "Expedição aos Martírios", publicado pelas Edições Melhoramentos, ocorrem-nos as palavras de Paulo Setúbal: "Os Martírios! A serra fantástica, a serra do ouro, a serra abarrotada de folhetas e grânulos, que vem falada em tôdas as crônicas e relembrada em tôdas as memórias".

Lendarizaram-se fatos em tôrno dos "Montes Martírios", na expressão de Karl von den Steinen — e até hoje não foi possível provar a existência daqueles montes nem daquelas minas... Como se percebe, é um filão admirável para ficcionistas e historiadores. E Francisco Marins, que sabe harmonizar História e ficção, escreveu "Expedição aos Martírios", dividindo em três partes as páginas ilustradas por Osvaldo Storni: em Piratininga e Itu; de Pôrto Feliz e Cuiabá; Araés e Martírios.

O autor consegue manter em tôda a obra aquêle clima de expectativa que caracteriza o tema e aquela simplicidade já apreciada em "Viagem ao mundo desconhecido", "Nas terras do rei café", "Os segredos de Taquara-Poca", "O coleira-preta", "Gafanhotos em Taquara-Poca".

● **O SÁBIO PERFEITO** — A sátira, quando bem explorada em romance, pode proporcionar verdadeiros triunfos literários. E disso temos alguns exemplos bem eloqüentes na literatura inglêsa, bastante rica de autores e obras do gênero.

No Brasil, muito pouco se tem feito para enriquecer êsse setor da nossa bibliografia. Parece mesmo que os escritores de hoje temem enfrentar os riscos que a sátira apresenta, entre os quais avulta o de não ter graça e mergulhar num ridículo tremendo.

Danúbio de Deus Vieira concorreu a prêmio na Academia Brasileira de Letras com êste seu livro "O Sábio Perfeito", recompensa que não chegou a ser distribuída a nenhum autor em 1947. Entretanto, o Relator do Prêmio chegou a manifestar sua admiração pelo asseio gramatical do trabalho, obra de um profundo conhecedor de nossa língua. Além disso, Érico Veríssimo foi dos primeiros a proclamar a originalidade da sátira, magnificamente desenvolvida pelo autor através de um diálogo esfusiante de humor e de idéias. As personagens saltam nítidas e perfeitamente reconhecíveis no cenário intelectual do país.

O autor merece figurar entre os bons cultores do gênero, destinando-se seu livro a um sucesso justo e certo.

● **JORNALISMO E DEMOCRACIA** — Quando William Allen White se tornou o diretor-responsável da "Gazette", pequeno jornal provinciano de Emporia (Kansas), os Estados Unidos já haviam entrado na fase tumultuosa do seu desenvolvimento econômico. A máquina iniciava no Norte o seu ciclo avassalador, gerando novas fontes de progresso e desmoralizando as velhas fórmulas da economia colonial. Novos recursos foram surgindo, à medida que as estradas de ferro estendiam os trilhos em tôdas as direções. Nessa ocasião, junho de 1895, escrevendo o artigo de fundo do seu jornalzinho, "Willie" dizia estas palavras sensatas que vieram a ser quase um lema na sua carreira jornalística: "A finalidade principal dêste jornal é manifestar o pensamento médio dos melhores habitantes de Emporia e de Lyon County, abrangendo todos os seus vários interêsses. O editor contribuirá com o máximo do seu esfôrço. Êle não tem machados para amolar. Não edita esta fôlha para explorar a política. Se lhe fôsse oferecido um emprêgo, êle não o aceitaria. Esta metido no negócio de jornal como estaria num armazem — para ganhar honestamente e deixar atrás de si um nome honesto".

Sua primeira campanha memorável foi desfechada contra as autoridades locais, quando a "Gazette" publicou o tremendo artigo "O que há com Kansas?" — editorial que repercutiu em todo o país e lhe deu posição definida e brilhante entre os seus contemporâneos. Foi então que Mark Hanna, líder político do partido vencedor das eleições na campanha de 1896, chegou a confessar-lhe: — "Bem, jovem, suponho que você sabe que me utilizei do seu "O que há com Kansas?" em todo o país".

Pouco depois era apresentado a Theodore Roosevelt. Sentiu logo uma profunda admiração por êsse idealista da política, percebendo nas suas palavras a clarinada de uma nova era que já despontava radiosa. Ingressou na política de corpo e alma, porém, sem se afastar das normas que traçara naquele modesto artigo da "Gazette". Combateu sempre as coligações amparadas pelos trustes, cujas intenções julgava prejudiciais aos interêsses do povo. E assim atravessou uma vida profissional limpa, formando com destaque entre os jornalistas que souberam plasmar a alma democrática do povo norte-americano. Em 1922, ainda teve ocasião de escrever a um amigo: "A paz é boa. Mas quando você procura a paz pela fôrça e sem discussão livre, isto é, opinião livre, honesta e ordeira, o seu interêsse pela justiça é relativo. Paz sem justiça é tirania, não importando os expedientes com que você procure adoçá-la".

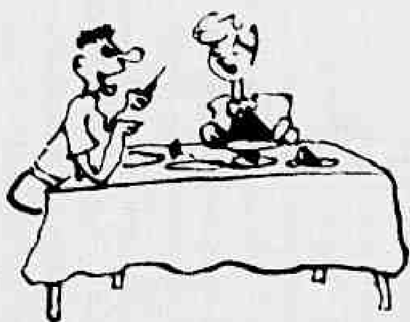
William Allen White é um exemplo do que pode construir o jornalismo, quando consciente da sua missão educativa num país democrático.

# ESTE MUNDO E O OUTRO

Criação de DARCY

## OH! O CASAMENTO

**MINHA SENHORA!**
SE O SEU MARIDO NÃO COMETE 8 DESTES 10 "ATENTADOS", A SENHORA ESTÁ CASADA COM UM SANTO...











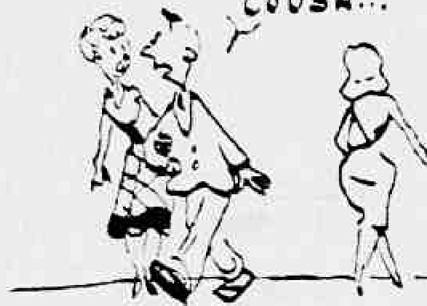

















**CAVALHEIRO!**
SE A SUA ESPOSA NÃO COMETE 8 DESTES 10 "ATENTADOS", CHAME UM MEDICO. ELA ESTÁ DOENTE...





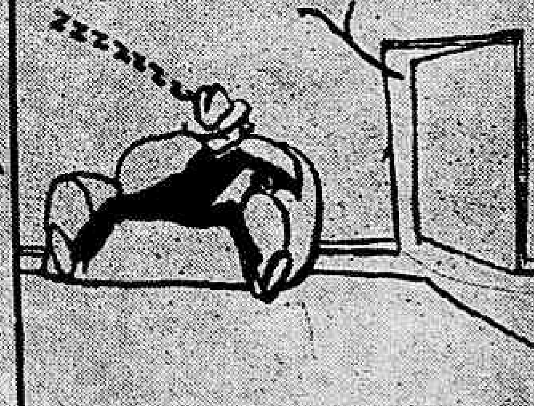





















# O "PALÁCIO DO RÁDIO"

## EM BELÉM DO PARÁ

BELÉM, a culta capital do Estado do Pará, atravessa um surto de adiantamento urbanístico, que lhe dá uma feição atraente e moderna. Na Avenida Quinze, que é a principal artéria da cidade-morena, teve início o mês último a construção de um edifício de 15 pavimentos, iniciativa corajosa da Rádio Clube do Pará, que ali terá seus estúdios com auditório para cinema e teatro, de que tanto necessita a terra paraense. Além disso, seis lojas já adquiridas para exposição de automóveis, casa de chá, bazar de modas e, nos demais pavimentos, escritórios e apartamentos residenciais. A construção do "Palácio do Rádio" foi confiada à Imobiliária Sul Americana, com sede no Rio, à rua da Assembléia, 104, salas 613 e 615, telefone 42-8692, e em Belém, à praça da República, sendo planta e construção do engenheiro Judá Levy.



# LIDO... VISTO...

## "Nós não iremos à Canossa..."

NÃO há dúvida que foi, por todos os motivos, o general Góis Monteiro, com sua cultura, sua inteligência e suas atitudes, sempre vitoriosas, quem vulgarizou entre nós a expressão Canossa e seu significado...

E hoje não há chofer de praça, que leia jornais que não saiba que Canossa é a célebre cidade italiana onde o Rei Henrique IV, arrependido, foi ao encontro de Gregório VII, a beijar, de joelhos, a mão do Santo Padre, que o excomungara...

Ir à Canossa ficou como sinônimo de arrependimento, de contrição, por culpas passadas, mas o fato é que às vêzes há nobreza em ir à Canossa e os que vão nem sempre mostram sentimentos menos dignos, mas até demonstram superioridade, almas onde não se aninham o ódio e o rancor e muito menos a intolerância e a intransigência.

Houve, porém, um grande homem de Estado, exatamente um general, como o nosso ilustre patrício, Bismarck, que ficou furioso um dia quando insinuaram que êle iria à Canossa.

E no Reichstag, o Parlamento alemão, em 1872, pronunciou a sua célebre frase, que pedimos licença a D. Rosalina, para também citar em alemão: **"Nach Canossa gehen nicht!"** ..— "Nós não iremos à Canossa" — exclamou o Chanceler, aludindo ao conflito do seu Império, recém-fundado em Versailles, com o aparentemente frágil mas sempre poderoso Vaticano.

Emílio Castelar, o notável orador, então presidente da República espanhola, reivindicou as glórias de haver provocado a tirada bismarckiana. Fôra êle, disse o admirável escritor de "Byron" — o próprio Castelar, que era político e literato — quem, como presidente da República, escrevendo a Bismarck, dissera-lhe: — Vós ireis à Canossa. E o criador do Império alemão, todo preocupado da Kulturkampf, exclamara, a propósito, o seu célebre: **"Nach Canossa gehen nicht."**

## RESPONDA ESTAS:

**36** Qual o país da Europa que sempre viveu sem guerras?

**37** Qual o ministro norte-americano descendente de um Rei?

**38** Qual o almirante brasileiro nascido em Portugal?

**39** Que é mixira?

**40** Que é um Banco Cooperativo?

*RESPOSTA AS PERGUNTAS DO NÚMERO ANTERIOR*

*31 — Como bebida desde a descoberta da América; 32 — "Epitaph o a Small Winner"; 33 — A formiga Amazona "Polyergus"; 34 — Em 1880 pelo dr. Tarnier, na Maternidade de Paris; 35 — Arraial de S. Sebastião.*

## Nem com uma flor...



Numa mulher não se dá nem com uma flor... No entanto esta linda "fraulein", uma dançarina, numa briga espetacular, foi atirada escada abaixo por um representante do sexo forte. Ainda haverá juízes em Berlim?

## À beira do abismo

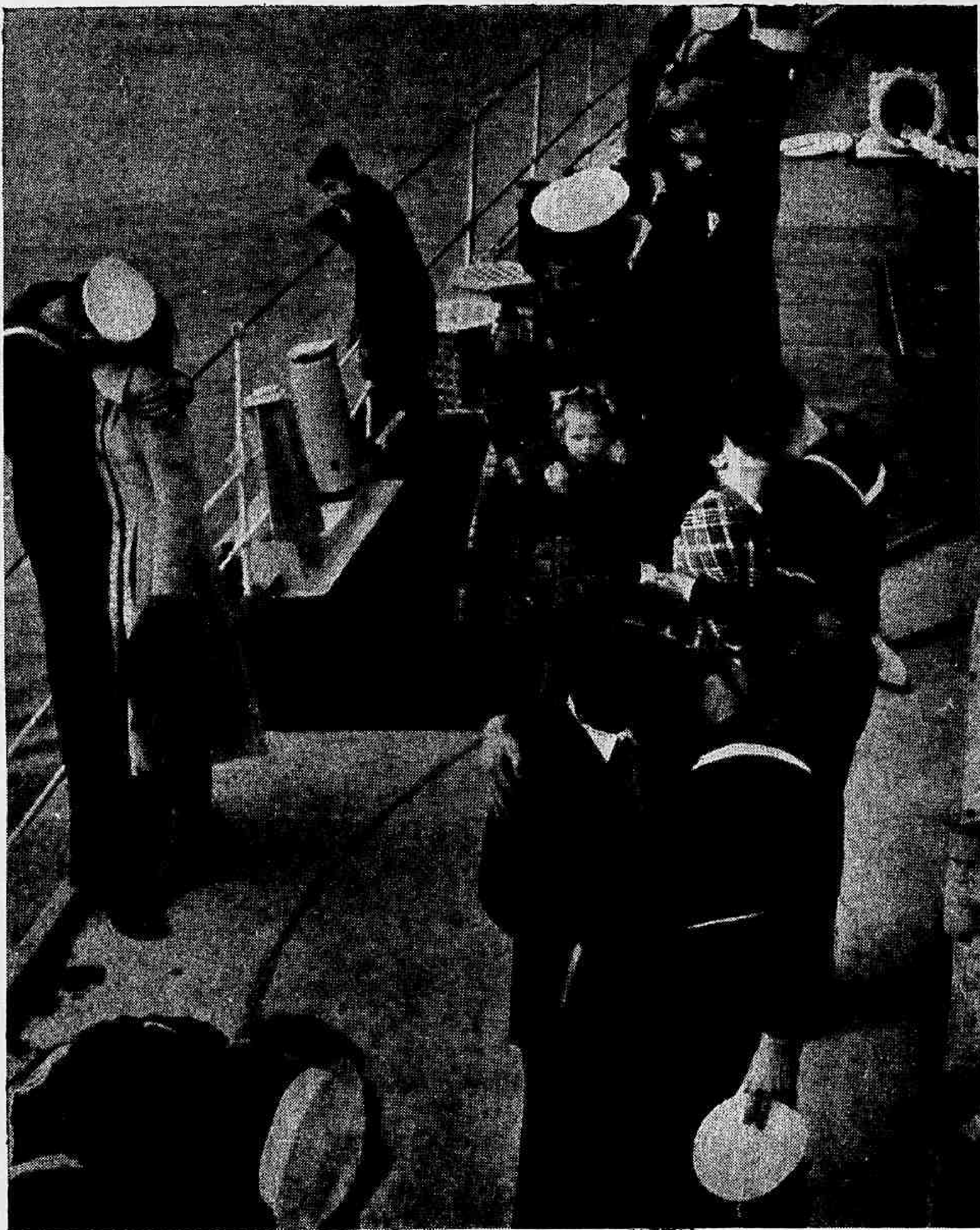


**— Salve-me, salve-me!**

**— Ó, você me desculpe, mas o meu horóscopo para hoje diz que eu não me meta em emprêsas arriscadas...**

# OUVIDO... ONTEM, HOJE, AMANHÃ... (JIM)

## Quase 1.000 dias para êstes beijos!



Quase 1.000 dias, sim, esperaram êles e elas por êstes beijos, cheios de amor e de saudade e que não respeitaram hierarquias, igualando oficiais e marinheiros, como se vê... Instantâneo tirado à chegada de um cruzador inglês, depois de um cruzeiro de quase três anos...

## O "quase-fugitivo"




— **Queres fugir comigo?**
— **Impossível. Eu sou o guarda...**

## POUCAS... E BOAS...

● *SURREALISMO*

*No edifício em construção, como sempre, a economia fizera prodígios, mas o edifício balança, balança, antes de cair... Pela escada trepidante vai subindo o engenheiro do palacete em construção, quando uma voz grita do alto: — Pára! E' perigoso!*
*— Que é que você sabe disso, grita furioso o homenzinho, eu sou o arquiteto...*
*— Pois eu sou a arquitrave! — responde a voz, já abafada pelas nuvens de pó do edifício, que se desmorona...*

● SUJEIRA...

Uma comissão administrativa, incumbida pela Prefeitura de Nova York, de apurar irregularidades na administração, descobriu que grande parte das despesas extra-orçamentárias, tais como banquetes, festas, gratificações, etc., corriam pela verba da Limpeza Pública e estavam escrituradas sob a rúbrica: **Remoção de Lixo...**
Guarda-livros e contadores: — Estará certo? Mas ouço a voz do leitor: certíssimo! Sujeira...

● *DATILÓGRAFA*

***Depois de uma distração a loirinha explica ao chefe:***
***— Eu pensava...***
***— Qual pensava! Você não tem que pensar, mas que escrever, palavra por palavra o que eu vou dizendo.***
***A linda datilógrafa muito obediente, escreveu a primeira carta, cumprindo à risca as ordens recebidas:***
***"Prezado amigo vírgula escrevi prezado mas não importa acuso o recebimento de sua última e comunico-lhe que o espero no meu escritório quarta-feira das nove às onze ponto. Que cacetada receber êsse cacête bem paciência com os meus mais sinceros cumprimentos ponto".***

● **CASAMENTO**

**"Casamento é como um prato de cogumelo, que só se sabe se está envenenado depois de o haver comido."**

## QUEM DISSE ISTO?

**36** "A salvação do povo é a lei suprema."

**37** "Não há mais nenhum êrro a cometer."

**38** "Se minha mão direita soubesse o que faz minha mão esquerda, eu a cortaria."

**39** "Médico, cura a ti mesmo."

**40** "Muitas são as leis numa República corruptíssima."

***RESPOSTA AS PERGUNTAS DO NÚMERO ANTERIOR***

*31 — Barão de Cotegipe; 32 — Luis XI, rei de França; 33 — Silvio Romero em "Provocações e Debates"; 34 — Alexandre Dumas foi quem empregou a frase numa peça e essa vulgarizou-se depois; 35 — Euclides da Cunha, n'"Os Sertões".*

# A REVISTA HÁ 50 ANOS

17 de Agôsto de 1902

## DESAMPARADOS

FOI no chapadão extenso que chanfra as cumiadas da grande cordilheira das Vertentes; naquele ponto dos limites entre Minas e Goiás, em que o dorso da serra parece morder as nuvens baixas e aprumar-se para abrir leito ao remansado Paranaiba. Passava como peregrino por aquelas paragens èrmas, tão cheias de saudade e de beleza, cuja contemplação levanta o espirito à indagação dos grandes problemas cosmogônicos. O vento cabriolava pelas campinas solitárias, carregando panos de neblina, que se afunilavam, estendiam-se em amplos mantos de arminho roçagantes, ou voejavam ao longo, na comissura do horizonte, quais brancos albornozes numa escapada de cavaleiros do deserto. Pelas fraldas dos morros, cingindo-os, bordando os vales, em cujos fundos se espreguiçavam pauis sonolentos, o buritizal erguia suas verdes frondes, tão lavadas pelas chuvas e tão brilhantes, que se afiguravam majestoso gorjal de pedras finas.

Ai, neste quadro grandioso, em que tudo era majestade e pujança na natureza, deparou-se-nos caminheiro singular, mofino e raquitico, mal coberto por um esburacado chapéu de palha e uns farrapos de algodão encardido, que estavam a calhar naquela pele cheia de lividez. Era uma pobre criatura incompleta, insexual, nem menino, nem homem, cujo rosto chupado tinha uma expressão de contristadora alegria nos lábios descarnados que nem podiam se unir, nos olhos pequenos e admirativos que nos esguardavam como a coisas exóticas.

— Um bandeira! bandeira! — gritou o misero e, espingando-lhe a estatura exigua, levantou a cabeça, abrindo os braços em menção de quem quer abraçar. De seu magro pescoço desceram sôbre a pele do peito adusto e arrepanhado rosários e bentinhos.

— "Tá lá o bandeira!" — acabou assim de exprimir o que queria dar a conhecer ao viajor, que eu era, pela mesma menção de abraço, e apontou, depois, para a fralda do morro onde balouçavam as frondes do buritizal. Tinha visto um grande tamanduá. Depois, deu uma gargalhada e continuou pela estrada afora, tartamudeando palavras, cortando-as com risadas extravagantes, que mais pareciam vozes animais. Acompanhei vagarosamente aquêle ente mirrado, tão forte na sua inciência, tão forte na sua nenhuma fôrça, que mais se anulava diante da natureza pujante e infinita que o circundava.

Perdizes piavam tristemente pelo campo, chorando o tempo em que viveram nas matas, onde abundam os frutos e cantam as fontes cristalinas. Conta a lenda que daí as expeliram os jaós numa guerra cruel cuja memória umas e outras conservam no seu pio lamentoso ou no inolvidado desafio. Mudo, no meio do escampado, e compadecendo aquela miséria humana eu seguia com os olhos os movimentos daquele ente sem ventura, inquirindo por que motivo as feras o haviam poupado em suas montarias ou os coriscos no meio das tempestades.

Foi então que o idiota, dando pulos de contente, mostrou no meio de uma moita um casal de pequenas perdizes quase implumes, pipilando, batendo uma na outra os côtos das asinhas. O ninho estava desamparado à beira da estrada e também o tinham poupado as enxurradas, em torrentes, nesse tempo de grandes chuvas, e as rapôsas em sua ronda da noite. Também os mesquinhos e desamparados encontram caricioso aconchego no seio largo da natureza infinita. — **AFONSO ARINOS**.

## O MENDIGO

● No meio de um caminho, um dia, o acaso me deparou um pobre mendigo, velho e decrépito, miseràvelmente decrépito... Olhos afogueados e lacrimosos, lábios azulados, farrapos sórdidos, chagas nojentas; — oh! como a miséria, a triste miséria, ia roendo medonhamente aquêle pobre mendigo, velho e decrépito, miseràvelmente decrépito!...

Viu-me e estendeu as mãos — inchadas, vermelhas e sujas. Pediu-me esmola, — uma esmolinha qualquer, pelo amor de Deus, pediu-me êle, gemendo desconsoladamente a sua dor. Em meus bolsos, nem carteira, nem relógio, nem um lenço sequer. E o mendigo esperava, esperava sempre, — mãos estendidas, trêmulas, francamente trêmulas, em movimentos bruscos e irregulares.

Envergonhado e confuso, sem saber o que fazer, apertei fortemente aquelas mãos sujas e trêmulas de mendigo velho e decrépito, miseràvelmente decrépito. E disse:

— Perdão, irmão, perdão — em meus bolsos não há sequer uma simples moeda, uma moedinha insignificante, que te possa eu dar. Perdão, irmão...

Comovido até às lágrimas, o velho encarou-me, olhos muito abertos. Depois aquêles lábios azulados sorriam tristemente e uma voz rouquenha se fêz ouvir:

— Obrigado, meu irmão, obrigado. Grande esmola é apertar-me estas mãos, — estas pobres mãos de mendigo que a miséria chagou e a velhice enfraqueceu. Obrigado, meu irmão, obrigado...

Oh! como eu compreendi naquele instante que também eu havia recebido alguma coisa daquele pobre mendigo, velho e decrépito, miseràvelmente decrépito!

**TURGUENEFF**

## PENSAMENTOS SÔBRE A MULHER

★ *APRAZ-NOS ouvir Lamartine discorrendo assim: "Foi no coração, que Deus fêz o gênio das mulheres, porque as obras dêsse gênio são tôdas obras de amor".*

★ *MARGARIDA de Navarra depois de ter declarado que: "Nunca nenhum homem se honrou por maldizer das mulheres", aproveita, cremos nós, a circunstância de não ser homem para escrever as seguintes linhas: "Desde que Eva fêz pecar Adão, tôdas as mulheres ficaram com a posse de atormentar, matar e condenar ao inferno os homens".*

★ *HÁ TREZENTOS anos de distância, uma outra mulher (é verdade que sob o pseudônimo masculino de Jorge Sand) disse isto, que é uma das maiores verdades que se tem escrito a respeito das mulheres: "A mulher é, por sua natureza, imbecil; parece que para contrabalançar a eminente superioridade que as suas delicadas percepções lhe dão sôbre o homem, o céu lhe deu intencionalmente uma vaidade cega, uma credulidade idiota. Não é preciso mais para tornar posse dêsse ente tão sutil, tão maleável e tão penetrante, do que saber manejar a lisonja e acariciar o amor próprio. Muitas vêzes os homens mais incapazes de um ascendente qualquer sôbre os outros homens exercem-no ilimitado sôbre o espírito das mulheres. A lisonja é o jugo que faz curvar até mais baixo essas cabeças ardentes e ligeiras".*

★ *NINGUÉM é capaz de louvar uma mulher nem um autor medíocre, como êles próprios se louvam".* Vauvenargues.

## CURIOSIDADES

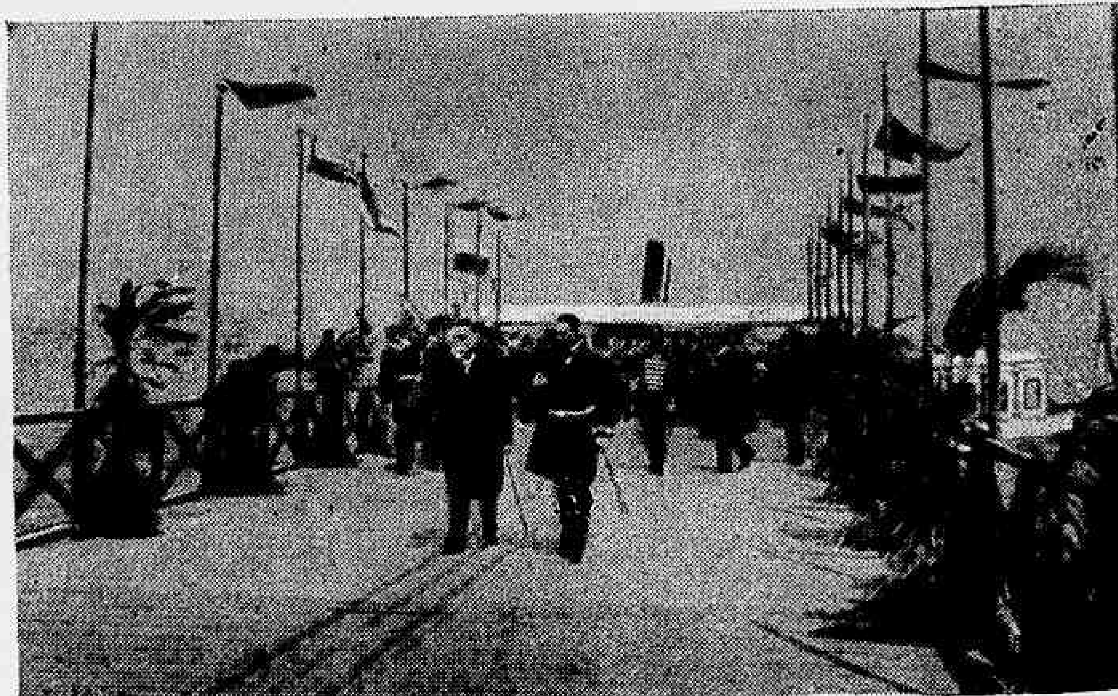
★ **O café com leite de Mme. Humbert:**

**A famigerada aventureira tinha, segundo conta um jornal parisiense, uma receita maravilhosa para fazer excelente café com leite. A título de curiosidade oferecemos aos "gourmets" essa famosa receita culinária:**

**1.° — Moer o café em grão; 2.° — Moer o café moído; 3.° — Remoer o café remoído; 4.° — Embrulhá-lo cuidadosamente num guardanapo; 5.° — Deitar um pouco de água numa cafeteira; 6.° — vazar lentamente o café bem moído; 7.° — Juntar-lhe o leite; 8° — Deixar ferver; 9.° — filtrar; 10.° — Servir. Talvez seja muito bom, mas complicado demais.**

★ **A servidão abate os homens até fazer-se amar por êles.**

★ **A clareza adorna os pensamentos profundos; a obscuridade é o império do êrro.**



**A Festa da Escola Naval: — Desembarque do Sr. Presidente da República.**




# ACAIACA

EM Diamantina, tradicional cidade de Minas, havia sôbre o monte Cruz das Almas, a centenas de arremessos de flechas da taba indiana, belíssimo cedro, a que o gentio chamara: Acaiaca.

Fôra árvore de forma bizarra, recoberta de parasitas, com grossos cipós em coroas a entrelaçar-lhe os galhos, qual cordames enleados aos mastros de navios. Essa árvore magnífica, de luxo esplendente, engalanada com fôlhas virentes e ramagens dançarinas, enamorada da própria beleza, pródiga de seiva, era o símbolo da primavera em festa perene, na floresta equatorial.

Sua majestade Acaiaca, soberana do "hinterland" selvagem, era altíssima e a Tôrre Eiffel no Campo de Marte, com seus 300 metros, ficava-lhe anãzinha... perdida e sumida, qual fragmento de asfalto nos "boulevards" de Paris.

Nem flechas, nem murucus, lanças de ponta aguçada, arremessadas pelos mais hábeis guerreiros de tribos longínquas, ousariam alcançar suas últimas folhagens, cuja supremacia sem par, interceptava às demais, a luz do sol, do ar a brisa, e o clarão da lua!

Vinte índios de mãos dadas, dançando em tôrno dela, empenhados em agradá-la, o tronco não lhe abarcariam.

Tronco altaneiro e moreno, côr de canela, paramentado com estranhas roupagens, com tatuagens em alto relêvo, incisões e hieroglifos, traçados com genipapo ou com tinta viscosa e vermelha, qual sangue a correr-nos nas veias; indelével e corrosiva era a tinta do urucum enquanto a árvore fidalga era o orgulho do gentio!

Contudo, não era um brotinho, a Acaiaca; antes, respeitável matrona, de era bastante remota e embora cheia de "dengues", nem Balzac se a tivesse visto tentaria glorificá-la em seu famoso livro, glória através dos séculos.

Foi pátria, mãe, irmã e amiga leal dos primeiros moradores dêste planêta confuso, de gente menos feliz do que êles, nossos irmãos das selvas, sem problemas que resolver, recalques por esconder, sem vícios de que penar, sem filas que obedecer, descontos de sindicatos, taxas e impostos a pagar, comandos de greve branca, jejuns pela alta dos gêneros, desordens por tôda parte, a Central a desabar, nas ruas e por cima da gente, carros "et coetera" a passar... com o arame a sumir-lhe no bôlso de tudo o pobre a correr! Polícia por todos os cantos e da Vida com os seus desencantos, Cupido na Pretoria. Na Câmara em "câmara ardente", divórcio que sai mas não sai; enfim, como se já não bastasse, no dia das eleições candidatos a sufragarem e outros mais por derrotarem... quantos ais! Deus meu! Que suspirar!

★

Dos mares, da terra e da amplidão dos céus, como donos absolutos, quer na guerra, quer na paz, embora ignorantes, viviam e bem agiam os silvícolas, com a sábia filosofia do mais sábio dos filósofos no reinado de Aristóteles.

E, para nos provar a idade da árvore, várias vêzes secular, uma tradição nos conta que, no dilúvio universal, jovem casal de índios para escapar das torrentes que tudo, tudo sumiam na fúria da tempestade fremente, teve a luminosa idéia de subir a um dos galhos protetores e por lá permanecer por vários dias do ano.

Havendo paz e amor, ali onde a vida parecia ter deixado a Terra para se transportar às alturas, sôbre o maciço esverdeado que formava o zimbório da imensa catedral Acaiaca, a jovem índia pôs-se a invocar Rudá, deus que lhe simboliza o amor:

"Rudá, Rudá! Tu que estás nas nuvens e que amas a chuva... faze com que meu amado por mais mulheres que tenha lá na Terra, as ache tôdas feias e se lembre de mim, sòmente!"

★

Da natureza em tormenta, sublime era o espetáculo da rebeldia dos rios, ante a impetuosidade das chuvas, das margens vestidas de ervas, mas despidas de proteção, do estrépito de cachoeira a espadanar-se entre pedras, do marotear de macacos em desafio à procela, de feras antidiluvianas, o forte rugir em protesto, das aves em revoada, do escarcéu assustadas e a tudo dando o desprêzo, o pássaro da chuva Araquã, a trinar... a trinar... num "paragua, paragua" tanta sinfonia de amor!

Enfim... as chuvas passaram, as águas baixaram, os índios desceram e a Terra povoaram! Então, outras tribos se formaram!

E tôdas, sem distinção, amaram a bela Acaiaca que lhes simbolizava a fôrça e lhes dava a bravura guerreira e lhes era, sobretudo, sagrada, com as fôlhas miraculosas, remédios aos males do corpo e cujo poder medicinal era mil vêzes mais rápido que o da santa "apii", erva fina e esfiapada que, diziam, a mortos ressuscitava! mas ai! como castigava, a Acaiaca, àquele que bem merecesse! **(Cont. na pág. 44)**

**Conto de YOLANDA LORENZATO** — **Ilustração de ORVAL**

# Um Principe em minha Vida

Novela de MICHEL DAVET

**Capítulo IX**

QUANDO chegava a safra de milho, não era difícil ver-se um javali, ao cair da noite, vir procurar comida à porta das casas rurais. Então os homens saíam noite a dentro munidos de lampiões, cornetas, instrumentos estridentes, batendo em velhos tachos de cobre, produzindo tudo isso o mais terrível barulho, para afugentar os animais selvagens.

Com a barulheira os javalis sentiam grande pavor, mas as crianças dos arredores é que muito se divertiam como se estivessem em plena festa carnavalesca. Percebia-se, porém, que a noite se indignava com essa manifestação contra seu descanso, e a natureza inteira como que protestava contra o direito de sua tranqüilidade, saindo do seu sono para uma algazarra irritante.

Era nesse tempo que Malique costumava ir cortar madeira nos mais cerrados locais da floresta em Clos-Grand, e, todo o meio-dia, eu ia levar-lhe o almôço bem quentinho, que se constituía de sopa e, por vêzes, um prato de "mourtayrol".

Um dia eu o surpreendi em meio do caminho, machado ao ombro, desfolhando uma margarida, como se quisesse consultar-lhe as pétalas, naquele costume de "bem-me-quer... mal-me-quer...". Tinha êle o ar de um bandido tranqüilo, à beira da estrada como à espera de algum viandante.

Antes que eu lhe perguntasse o motivo daquela antecipação, êle foi dizendo:

— Vi o javali lá em cima da colina, e vim esperar você aqui.

Malique não costumava nunca falar muito. Seus olhos azuis tinham por hábito olhar os que falavam, e seus ouvidos, o de ouvirem o que os outros diziam, e seu semblante refletia coisas que os outros não podiam entender. Era verdadeiramente o tipo do nosso camponês, silencioso, pacífico, que não deixa descobrir seu coração, e guarda para si mesmo os seus pensamentos. Seguindo para o mato, eu o segui com a refeição. Lá, sem nada



mais dizer, recomeçou o trabalho. O machado saía ritmadamente sôbre os troncos das árvores, batendo lentamente, pesadamente, numa cadência regular e segura. Sob os golpes do aço, as copas das árvores visadas tremiam, como se estivessem a sofrer. E eu sofria sòmente ao pensar que as árvores sofriam. Uma abelha, volteando por sôbre seus ramos, parecia consolá-la com uma canção que não podíamos compreender. O zumbido da abelha era como uma prece de saudade àquela árvore onde ia buscar o nectar das flores nas manhãs de primavera, e que agora o homem vinha roubá-las numa disputa desigual. De súbito Malique estacou, a mão mole, deixando o machado enterrado ao tronco, como penetrando numa ferida profunda que não deitava sangue. Eu lamentava a sorte da árvore. Ela já fôra uma simples plantinha tenra e frágil como as ervas humildes, e, como que ansiando crescer e subir para ver o céu azul e tão alto, tudo fizera para chegar àquela altura, cheia de sonhos e ambições, como se tivesse o espírito dos homens. O canto dos pássaros deviam desfazer os seus dias de aborrecimento. Mas da vida as árvores não conheciam senão os sêres alados que nasciam e morriam entre seus ramos, entre os tapêtes de boninas, os ninhos delicados e os amôres que a natureza nutre para a conservação das espécies. As árvores não seriam mais felizes se falassem ou pensassem. Um dia vem o homem e as abate. Será que elas sofrem? Derrubadas ao solo, ficam apenas os troncos que a luz vem iluminar como se fôssem corpos brancos e mutilados, que, algum tempo depois, ou ressecam mortos, ou reflorescem num milagre de vida eterna entre florações louras.

Vi que Malique, ao suspender o trabalho, soltou um suspiro, como se os seus pensamentos fôssem idênticos aos meus. Êle, apesar de sua rusticidade, era possuidor de uma alma doce, que o sofrimento das coisas magoavam. Tinha o mais profundo amor à terra e a tudo que nela vivia.

E me disse: — Dentro em breve tudo isto estará por terra, entre as urzes. Mas, que quer você, Bertille? E' preciso arranjar dinheiro neste mundo, a fim de podermos viver felizes. Precisamos oferecer um pato bem assado à nossa Manoue, agora pelo Natal e, para você, menina, tudo o que você desejar.

Dizendo isto, põe aos quadris as mãos calosas e continua:

— Será que você não deseja alguma coisa agradável?

— Meu Deus! Claro que desejo tudo o que é bom; mas não penso nisso, pois me sinto muito feliz, contente com o que tenho.

— Bem, é verdade; mas, às vêzes, a gente tem alguma preferência. Especialmente as mocinhas como você, que têm tantas idéias nas cabecinhas. Eu gostaria de saber, Bertille, o que mais você desejava, se é que pensa em possuir alguma coisa. Eu... — Malique retoma o machado, mas não me fita. Senti por êle uma grande ternura, uma ternura pela qual não prestara nenhuma atenção antes; mas êsse sentimento não era novo, não surgira naquele instante. Eu gostava de tê-lo ao pé de mim, que fôsse bom e terno, e me tratasse como se eu fôra uma rainha.

Um esquilo pula perto de nós, com a cauda no ar, olhos brilhantes, cheio de si como se fôsse um senhor que pisasse as terras de sua propriedade. Mas, por detrás de nós, de súbito, ouvimos que os ramos faziam ruído sob os pés duros de alguém que amassasse e quebrasse os gravetos do solo. Vi então que Malique se transfigurava. Seu rosto tranqüilo se transformara numa expressão de pavor. Imobilizado, pôs os olhos fixos na direção de uma clareira da mata.

Então se aproximava um animal selvagem de grandes proporções, cabeça baixa, focinho contra a terra como se farejasse a caça para sua alimentação, a fungar num grunhido surdo de enorme porco de focinho ameaçador na sua marcha de bicho temível. Eu senti o sangue gelar-me nas veias. Fiquei como que fincada ao solo, sem poder fugir diante do perigo.

(Continua na pág. 34)

**RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:**

**Bertille, órfã, é criada e educada por uma tia, irmã de sua mãe. Menina ainda, aos nove anos, começa a ficar com o pensamento cheio de histórias de príncipes que a tia velha lhe narrava. Um dia, adormecendo no campo, sonha com o seu príncipe, que a beija. Ela acorda e não pode mais sossegar. Manoue, sua tia, fica apreensiva. Malique, seu irmão de criação, procura convencê-la de que tudo isso não passa de imaginação. Bertille faz a primeira comunhão. Cresce. Está com dezesseis anos.**

**Tradução de RENATO DE ALENCAR**

**Ilustração de RAMON**



# Cântico dos Cânticos

Conto de LOURDES ESPINDOLA

MARTA levantara-se tarde, e estava muito irritada. Sentara-se como fazia todos os dias, maquinalmente, diante do espelho, para ocupar-se de sua «toilette» cotidiana. Isto nela, não era mais sintoma de vaidade, mas, um simples e necessário hábito higiênico. E mesmo hoje, dia de seu aniversário, nada a estimulava a fazer-se «coquette» como as outras mulheres. Mais do que nunca, sentia a nostalgia da mocidade perdida e a solidão de sua vida.

Chegara à idade melancólica dos fins de tardes outonais, e procurava nas lembranças das manhãs primaveris e nas do meio-dia do verão, cheias de luz, um pouco de calor para aquecer seu frio crepúsculo.

Tantos aniversários havia festejado no decorrer de sua desbotada existência! Porém, de poucos se recordava.

Na infância, sempre esperara por êsse dia com a mesma ansiedade com que aguardara o Natal. Sabia que iria receber presentes, usar vestido novo, ser mimada e perdoada de suas travessuras habituais, próprias da idade... E na véspera, mal dormia, pensando em tudo que poderia acontecer nessa data sempre fixada pelos pais, a qual marcava a lápis vermelho no calendário. Era o seu feriado. À noite, não sem grande relutância, recolhia-se ao leito, cansada e febril, pedindo sinceramente a Deus para que chegasse rápido o ano seguinte, e novamente ela fôsse o centro de tôdas as atenções. E com êsse pensamento adormecia, sonhando com o grande dia que vivera. Como fôra delicada sua sensibilidade infantil!

Na adolescência, os sonhos foram outros, cheios de mistérios. Queria tudo, porém demonstrava nada querer. Já então, era muito imaginativa, mas pouco expansiva em relação aos de sua idade. Olhava-os com ar de superioridade e achava-os inexpressivos e infantis. Oh! adolescência, como és presunçosa!

Tudo isso estava agora tão distante! Mas, naquela época, a fizera sofrer muito. Seu coração fechara-se aos novos e abrira-se aos mais velhos. Nesses, porém, não encontrara acolhida e compreensão. E de repente, se sentida a criatura mais solitária do mundo. Isso acentuara-se com a primeira grande desilusão de sua vida: o Amor.

Durante muito tempo seu pensamento estivera ocupado mais com um dos professôres, do que com os estudos.

Marta não sabia como êsse caso sentimental nascera. Naturalmente, pela convivência quase diária, ou pela influência que exercia sôbre seu temperamento a idade madura.

E por estranho que hoje lhe parecesse, gravara fortemente na sua alma de adolescente — nessa idade em que os sentimentos são tão efêmeros — a lembrança dêsse primeiro encontro com o amor, e, passados tantos anos não lhe vinha à memória desbotado pelo tempo, mas sim, em suas côres naturais.

Amou com todo o ardor de sua mocidade. Porém, o ente amado não quis extinguir o fogo sagrado, que, como uma vestal, ofertava-lhe.

Oh! se êle a tivesse querido! Se não lhe chamasse, naquele dia em que completara 17 anos, e tão ansiosamente o esperara, de criança que não sabe o que quer! Não levara a sério seus sentimentos, e ela carregara consigo essa mágoa durante tôda sua juventude. Bem sabia querer, e não o esquecera fàcilmente, mesmo quando, terminados os estudos, deixou de vê-lo para sempre.

Outros aniversários vieram; porém Marta nunca mais sentira a alegria despreocupada da infância, nem os anseios da adolescência. Transferira para a juventude a solidão da sua alma de adolescente, onde a ternura não desabrochara, e com falsos e ensaiados sorrisos procurou vivê-la como pôde.

Marta fôra moça sem mocidade, e essa fase de sua vida, pouco tranqüila, muito embora suas inquietações fôssem de outra ordem.

Perdera os pais, e ficara em atitude interrogativa em face da realidade. Sentia-se forte para enfrentá-la, e jamais ficaria na encruzilhada, mas, não podia seguir em frente, teria que mudar de rumo.

Foi trabalhar e passou a viver sòzinha. Indiferente a tudo e a todos, procurava apagar seus sonhos de outrora e não esperar mais pelo bem-amado, que tanto desejara.

Todavia, na triste morada de sua alma, jamais deixou de acender sua lâmpada a fim de esperá-lo.

Assim, chegara agora à maturidade cronológica, porque, pelo seu temperamento, já a havia atingido precocemente.

Estava na plenitude da vida, e nada realizara! A quem dedicar tôda a ternura que sentia latente no seu ser?

Nos últimos meses, começara a notar o renascimento dos anseios da adolescência, que pensava, estivessem mortos.

Que ridículo desencontro entre seus sentimentos e sua idade! Realmente, não podia acreditar no que lhe acontecia! E por isto estava hoje tão irritada. Sentia em si, a presença nítida e importuna dum hóspede inesperado. O desejo!

Resolveu então sair à procura de alguma diversão que a fizesse fugir de si própria. E foi quando tudo começou a tomar forma.

Entrando por acaso num teatro qualquer, só depois do início da representação da peça, notou que se tratava dum drama de amor. E seu drama íntimo aliou-se e fundiu-se de tal maneira ao que representavam no palco, que ela deixou de ser a pobre Marta solteirona e solitária, para viver com tôda intensidade a vida amorosa da heroína da peça.

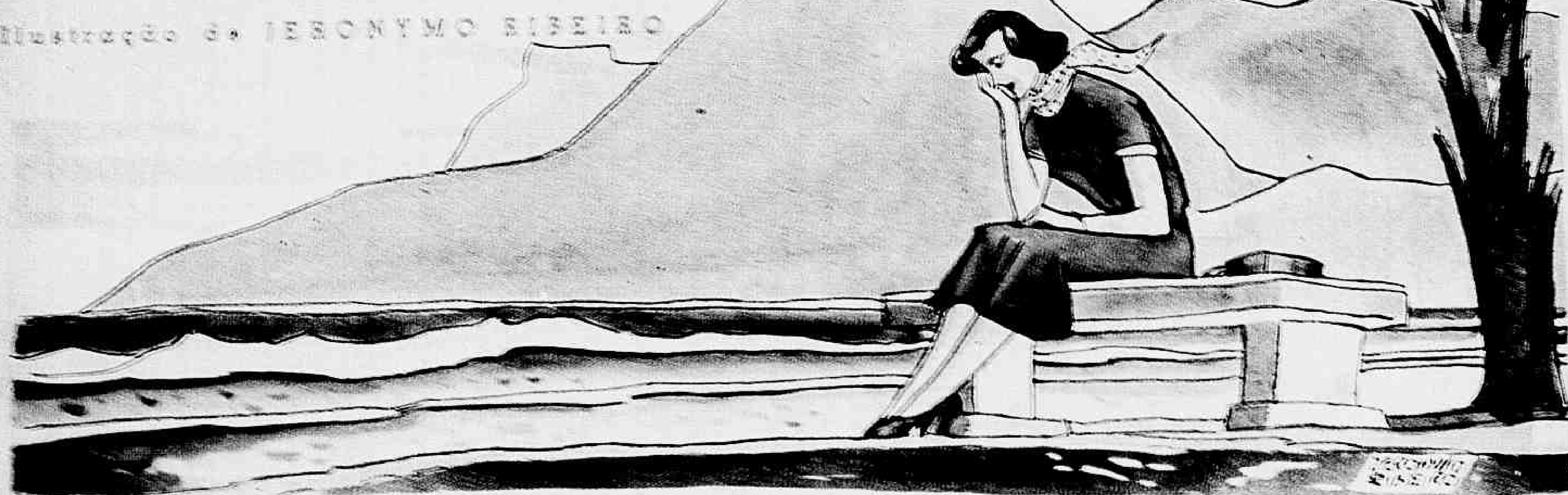
Oh! como para ela êsse acontecimento tivera significação especial! Quando o galã falava com aquela inflexão de voz ardente como o amor que interpretava, doce como o murmúrio duma carícia, e tinha aquêles gestos e atitudes ao mesmo tempo másculas e carinhosas pondo tôda a fôrça criadora de sua arte no papel que encarnava, ela sentia calafrios percorrerem-lhe os nervos. Vibrava como se estivesse ao seu lado, e êle a tocasse, amasse e beijasse...

E foi sob essa tremenda impressão que, terminado o espetáculo, saiu meio aturdida confundindo-se com as centenas de pessoas estranhas que entusiàsticamente o haviam aplaudido.

Mas, sua imagem, ficara-lhe no pensamento. À noite, sonhou sendo amada por êle com aquêle mesmo ardor com que o sentira amar a heroína da peça, que era também ela mesma.

(Cont. na pág. 44)

Ilustração de JERONYMO RIBEIRO



## CONTINUA NO BRASIL




Lance do jôgo em que o tricolor venceu ao Áustria por 5x2. Castilho defende aos pés de Pichler.

# A "COPA RIO"

COMO FOI PLANEJADA A «COPA DAS NAÇÕES» ★ POR QUE FOI DISPUTADA EM 1952 ★ OS TIMES EUROPEUS FICARAM COM MÊDO ★ OS RESULTADOS DO TORNEIO INTERNACIONAL ★ QUEBRADO O TABU DO MARACANÃ

**Texto de LEVY KLEIMAN ★ Fotos de JOSÉ SANTOS e ALBERTO FERREIRA LIMA**

DESDE a construção do Maracanã que o Rio se transformou na meca do futebol mundial. A "Copa do Mundo" bateu todos os recordes universais de arrecadações e de público, o que levou os dirigentes a concretizar uma série de certames internacionais, imaginados pelo jornalista Mário Filho, a fim de que o maior palco esportivo do mundo não ficasse restrito aos campeonatos regionais.

Assim nasceu a "Copa Rio" que, pela primeira vez, foi disputada no ano passado, e que findou com a vitória do Palmeiras, de S. Paulo, o qual, nos jogos finais, se impôs ao Juventus, da Itália. Foi um sucesso financeiro e técnico.

A "Copa Rio", de acôrdo com o seu regulamento, deveria ser disputada de dois em dois anos e, portanto, a sua próxima realização só teria lugar em 1953. Êste ano outro certame internacional seria levado a efeito, a "Copa das Nações", com a participação de selecionados de diversos países, uma miniatura da "Copa do Mundo". Acontece que o Fluminense, desejando

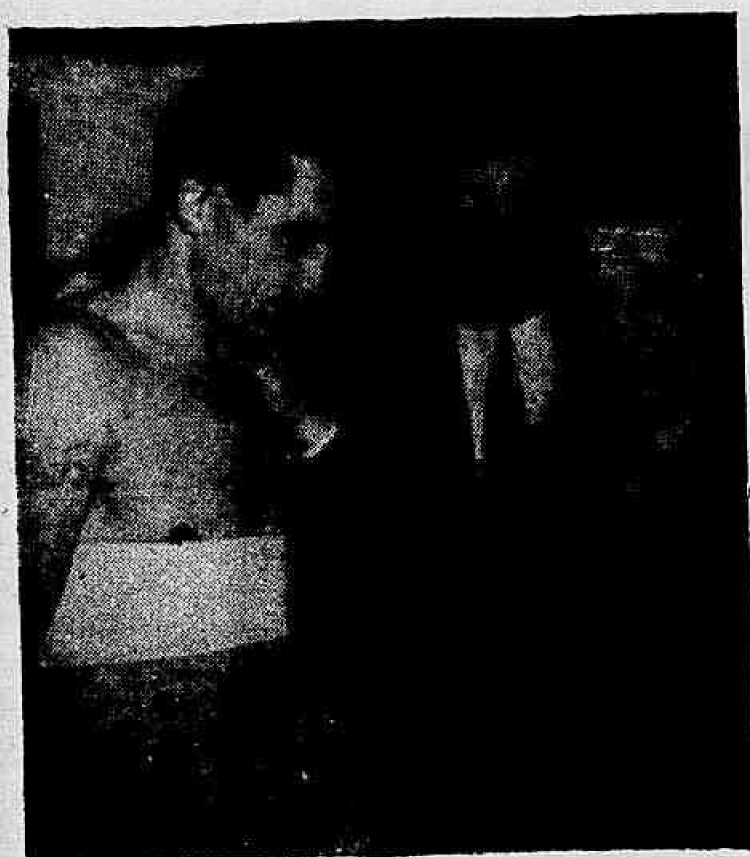



O Fluminense conquistou a "II Taça Rio".

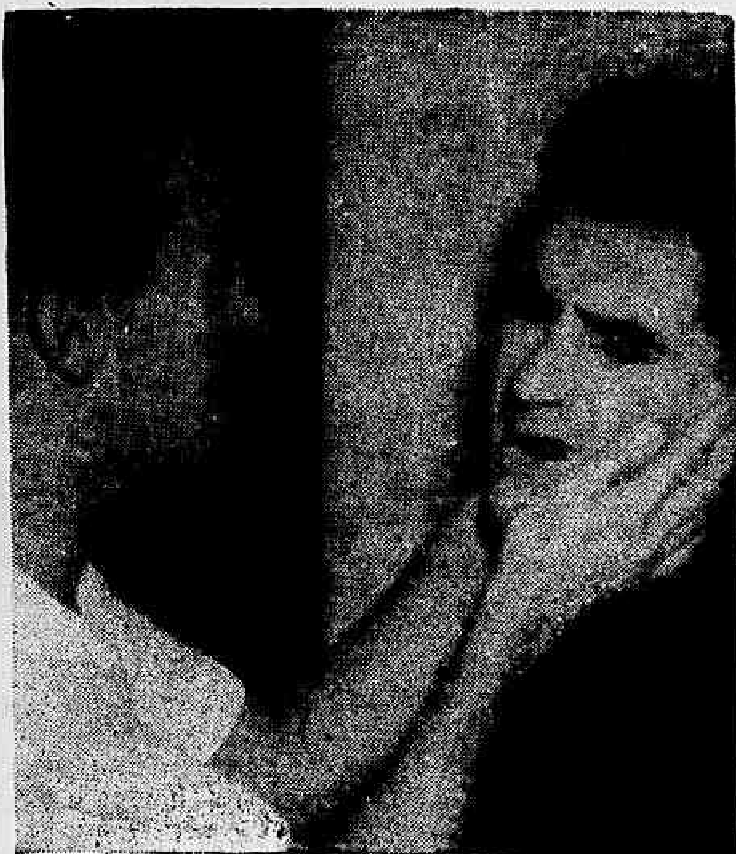
# CONTINUA NO BRASIL A



O Áustria foi o melhor time que veio da Europa. Foi adversário duro para os brasileiros. O Coríntians só conseguiu vencê-lo nos últimos minutos por 2x1.



O ponteiro direito Melchior contundiu-se numa disputa do balão com Bigode. Ei-lo ao lado do presidente do Áustria, dr. Karl Schwarz, e do presidente do Fluminense, Fábio C. de Mendonça.



Murilo, o atlético zagueiro do Coríntians, foi uma das vítimas da violência empregada pelos uruguaios do esquadrão do Peñarol. Ei-lo chorando de dor, consolado por Cláudio, jogador paulista.



Miguez, do Peñarol, não foi uma vítima do jôgo bruto, mas sofreu nas mãos do público. Levou uma pedrada após o jôgo com o time do Sporting, de Lisboa, quando ia para o vestiário.




COM OS OLHOS RASOS DÁGUA ZAIRA PROCURA EM VÃO UMA RESPOSTA PARA AQUÊLE MENINO QUE NUNCA CONHECEU A DOÇURA DO CORAÇÃO DE MÃE.











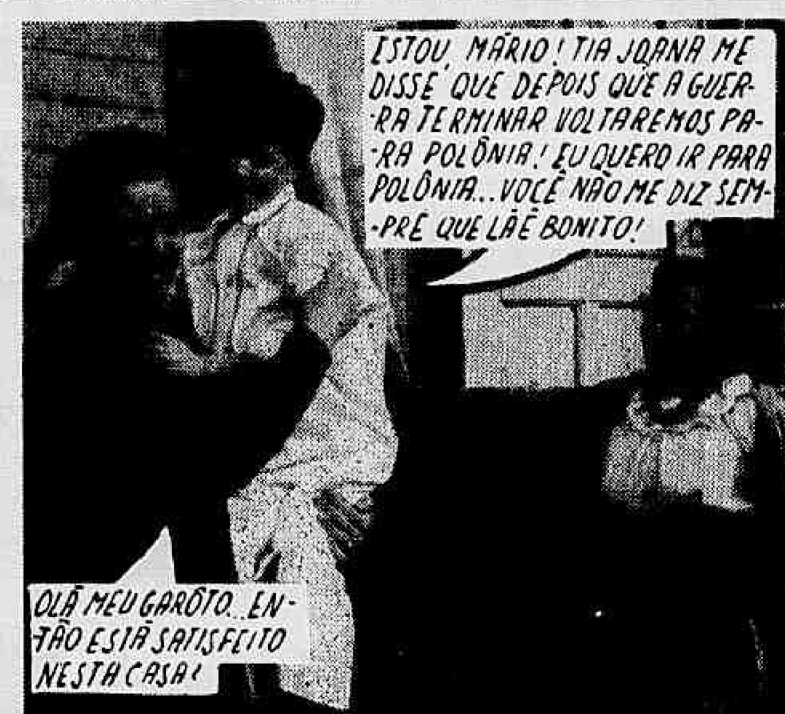


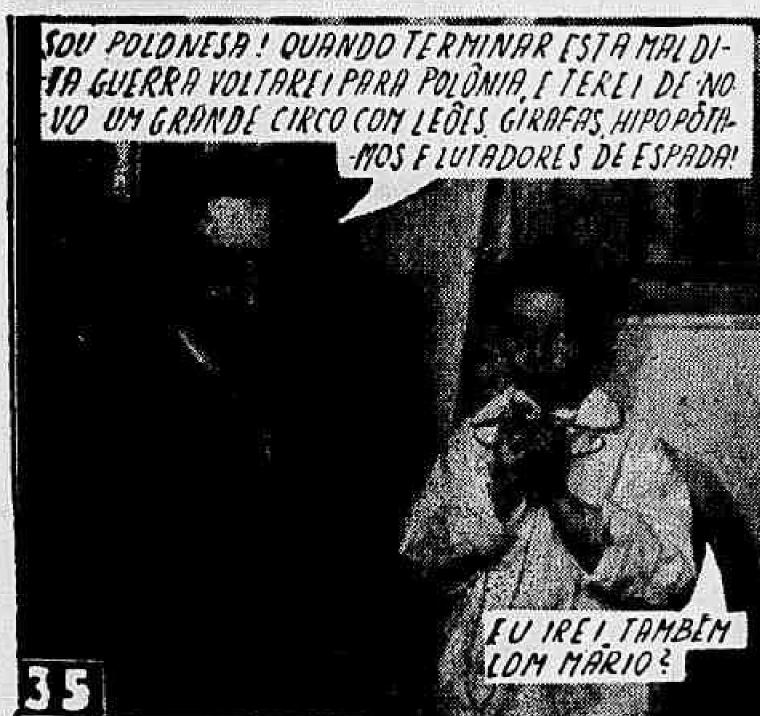














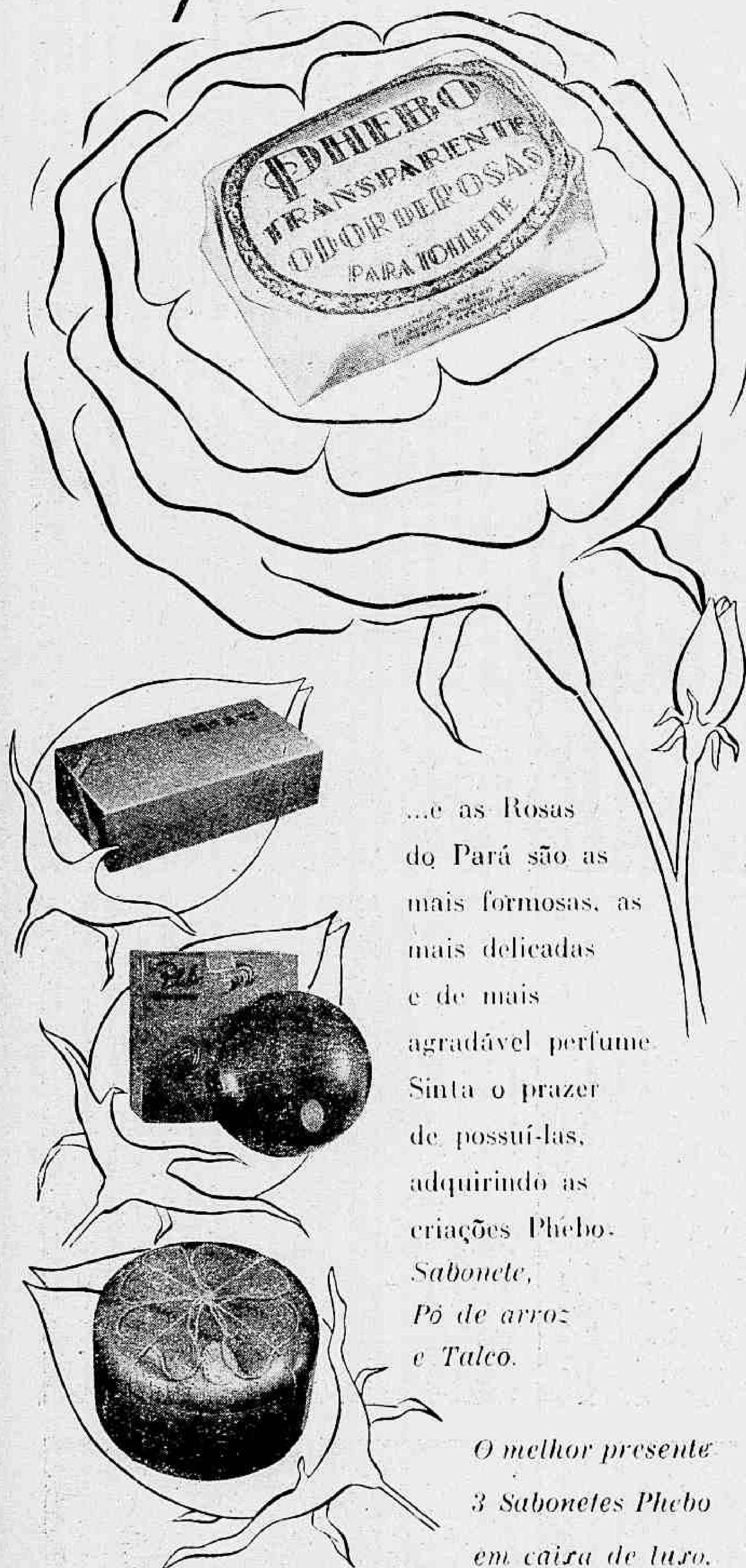


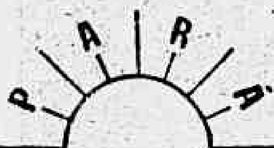






SEGUE






# UM PRÍNCIPE EM MINHA VIDA

(Continuação da pág. 25)

Súbito, Malique se colocou ao meu lado para proteger-me de qualquer ataque do animal, enorme e feroz javali. Num movimento rápido e forte, senti que s us braços me erguiam alto, e me vi colocada sôbre um galho de robusto marmeleiro bravo, e eu, recobrando o ânimo, quando já me parecia sentir o hálito do animal, subi ainda mais alto, para escapar a qualquer ataque. Malique não se refugiou na árvore. Ficou na estacada, tendo as costas protegidas pelo caule do marmel iro e o machado em guarda, pronto para enfrentar a fera. Felizmente o javali parecia levar outro destino, e, desviando-se de nossa posição, enver dou por uma picada no seio da floresta, perdendo-se de vista.

Malique ri e ergue a cabeça, dizendo-me:

— Você agora já pode descer. O bicho não voltará mais por êste caminho. Além disso, os machos não são ferozes. Sòmente as fêmeas, quando estão com bacorinhos, são perigosas.

Dispus-me a descer da árvore. Eu devia estar muito pálida. Malique me pega pelas axilas e me ajuda a descer ao solo. Mas não me larga logo. Olha-me com firmeza e diz com voz amável:

— Como está trêmula, Bertilie! Não precisa ficar assim com essa carinha de mêdo. O animal não nos fará mais mêdo. Já se foi, e deve estar longe.

Eu estava s ntindo os efeitos daquele momento. Inclinei minha cabeça contra seu peito. Sentia-me perturbada. Batia forte o coração de Malique. Mas, dentro em pouco, eu já não sabia se era o seu coração que estava assim agitado, ou se era o meu...

Permaneci assim silenciosa e imóvel, e, pouco a pouco senti em tôrno de mim o abraço de seus braços fortes, como se quisesse envolver-me num amplexo doce. Veio um momento em que nossos rostos estavam muito próximos. Eu me sentia como que paralisada, sem ânimo para desvencilhar-me de seus braços. Nem podia pensar. Uma moleza deliciosa e repousante me tomava todo o corpo, aumentando como um perfume que escapa do vidro. E me deixei abraçar, deixei-me ir, sem nada dizer, o coração queimando, o corpo febril, fremindo com emoções estranhas.

Entretanto, qualquer coisa nos faz estacar. Nossos rostos se afastam um do outro e minha bôca não pôde conhecer o sabor de seus beijos. Era como que um s ntimento profundo e oculto em nossos sêres, mais forte que nós mesmos, que parecia gritar dentro de nós, que aquilo não era correto. Eu senti uma espécie de vergonha, insuportável vexame moral.

Malique ficou estático, respirando mais forte, enquanto eu, livre de seus braços, corri como uma cega, pelo caminho a fora.

À noitinha, quando fomos cear, eu procurava, furtivamente, dar com os olhos nele. Meu coração já estava atormentado pelo amor. Cada vez que eu procurava ôlhá-lo disfarçadamente, dava com os seus olhos fixados em mim. Eu sentia subir um fogo às faces. Devia estar muito ruborizada. Ficava com a cabeça atordoada, sem atinar com as coisas. Manoue, — coitada! — nem maldava que entre mim e Malique já havia um segrêdo que nós não lhe revelaríamos.

Mas isso não durou mais que vinte e quatro horas. Malique procurava evitar-me quando eu me chegava para junto dêle. Parece que esquecera tudo muito ràpidamente, ou então, que procurava esquecer. E tudo voltou a ser calmo e sem maiores complicações como sempre, até ali.

O amor vinha e passava sem nada deixar no coração que significasse algo de sua doçura e novidade. A morte passa, e muito mais que a morte, passam os sofrimentos, as saudades e pezares que morrem com a gente.

### Capítulo X

Aquele tempo estava fazendo tal calor que nós deixávamos o milho no terr iro após o trabalho das colheitas e não o levávamos ao celeiro, deixando tudo assim durante a noite, quando procurávamos trabalhar sem os rigores do sol. A temperatura, depois que a noite caía era mais agradável, e ficávamos a trabalhar até altas horas.

Para alumiar o ambiente, acendíamos um lampião, mas o pobre não chegava a clarear mais que os degraus da escada sôbre a qual estava suspenso.

O fraco clarão da chama tornava as coisas mais sombrias em tôrno de nós, e eu destacava a figura de Kisette, nossa gatinha, que nos olhava sisuda e perfilada. Debulhávamos o milho, e, por vêzes, um carocinho branco escapava e luzia como uma faísca. Nossas sombras se perdiam na noite densa.

Para amenizar aquêle trabalho, Manoue marcava com o pé o compasso de uma de suas canções natais. Eu, que também sabia tudo aquilo de cor, fazia dueto com ela, e eu mesma me surpreendia de fazer aqui, ouvindo que nossas vozes quebrando o silêncio da noite, iam até à floresta adormecida.

Um dos versos dizia assim:

«O orvalho das roseiras te fará morrer,
Menina, se o beberes de manhãzinha».

Desde algum tempo que uma corujinha viera fazer o ninho num buraco de velha árvore. Ela soltava pios que pareciam de animal ferido, um grito angustioso que feria impiedosamente a solidão da noite. Eu gostava de ouvir-lhe o grito, como o de qualquer outro animal ou pássaro nas horas silenciosas da noite. O som triste dessas vozes me levavam a regiões misteriosas e melancólicas, fazia-me imaginar sêres incomuns, que a solidão da noite fazia vibrar.

Quando eu procurava revelar os meus sentimentos em tôrno de tais coisas, Manoue exclamava:

— Mas, minha filha! Como você é imaginosa!

E Manoue se comovia, os olhos em lágrimas, ao ouvir o grito doloroso da corujinha no ôco do pau.

(Continua no próximo número)

# BLUSAS
## *de crochet rendado*





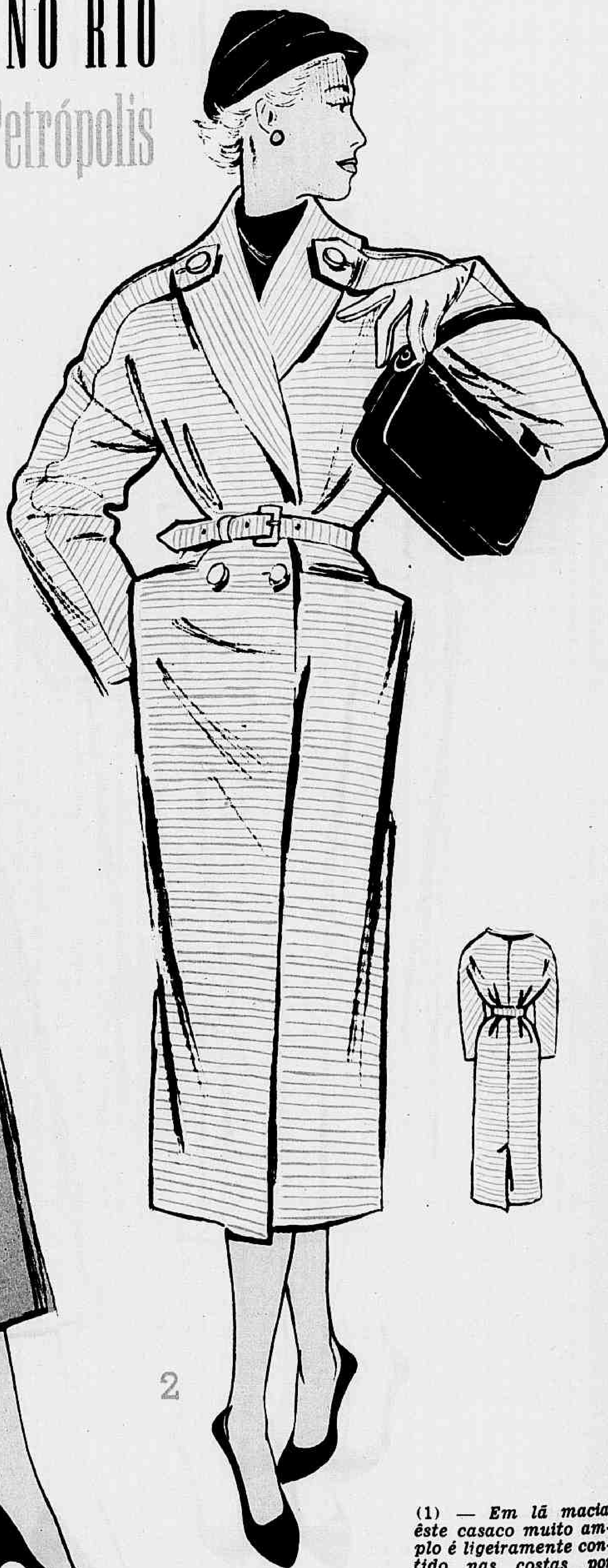


DELICADAS e absolutamente encantadoras, estas blusas, finas como teia de aranha, surpreenderão por sua durabilidade. Vaporosas e femininas, não parecem constituir um dos ítens mais práticos e laváveis do guarda-roupa da mulher elegante. Na foto: blusa de grande decote quadrado com casaquinho combinado. O desenho de medalhão da blusa é aproveitado apenas para acabamento do casaco em meio ponto simples. À esquerda: combinação de sianinha e **crochet**, em vertical, para uma blusa branca sem mangas e com gola bem ajustada ao pescoço. A blusa preta de mangas curtas é feita também com uma combinação de sianinha e ponto de **crochet** fantasia. À direita: um original motivo de "crochet" rendado, nada difícil aliás de fazer, é repetido para formar a trama dessa blusa decotada, em linha preta. A blusa branca de mangas compridas é feita com sianinha e entremeios de "crochet".

# PARA O GRANDE INVERNO NO RIO

## e depois para o frio da serra de Petrópolis




***(1) — Em lã macia, êste casaco muito amplo é ligeiramente contido nas costas por uma martingale baixa. (2) — Em veludo "cotelé" êste casaco é leve e muito faceiro.***







***(3) — Casaco três quartos, com mangas "raflan", enfeitado por largos pespontos. Usado com saia da mesma lã. (4) — Elegante rendigote em xadrez. A gola bem fechada, os largos punhos e os bolsos verticais são guarnecidos de veludo.***

# ESTAMPADOS

## *na alta costura*



CARVEN — *Eis um encantador costume, fresco e juvenil, executado em sêda artificial cinza com bolas brancas, com fino debrum branco. No bôlso, rosas amarelas.*



JACQUES GRIFFE — *Robe - manteau com mangas japonêsas três-quartos, muito traspassada e fechada por um grande laço do mesmo tecido. Estamparia em dois tons.*



MANGUIN — *"Redingote" em fustão "croquet" estampado, com fundas "pinces" no busto marcadas por fileiras de botões. Mangas três-quartos com punhos virados e gola clássica.*

# NÃO VIRE a PÁGINA!

## UM LIVRO PODE RESOLVER O SEU PROBLEMA.

## DESAFIAMOS QUE NÃO ENCONTRE 3 LIVROS DE INTERESSE!!!

- A CARNE — Julio Ribeiro — Nº 140 — 25,00
- APRENDA A VIVER — 159 - 15,00
- PRATICAS SEXUAIS NO MATRIMONIO — Nº 125 — 20,00
- CONQUISTE AMIZADES AUMENTANDO A SUA SIMPATIA SOCIAL — 161 - 15,00
- ESTIMULANTES SEXUAIS — Nº 67 — 15,00
- Assim se Emagrece Comendo — 156 — 15,00
- Sexo e Psicanalise — Nº 130 — 20,00
- JIU-JITSU!! SEM MESTRE — 129 — 15,00
- ENXERTIA PRÁTICA — 50 — 15,00
- CALENDÁRIO DO JARDINEIRO AMADOR — Nº 16 — 15,00
- ESTACAS, MERGULHOS, ALPORQUES — MULTIPLICAÇÃO DE PLANTAS — 49 — 15,00
- SENSUALIDADE — Vol. I — Nº 131 — 20,00
- SENSUALIDADE — Vol. II — 132 — 20,00
- FÓRMULAS para GANHAR DINHEIRO — 153 - 15,00
- GUIA INTIMO DA SEXUALIDADE — O ATO SEXUAL, DETALHES — Nº 5 — 15,00
- NATAÇÃO sem Mestre — 135 — 15,00
- Como evitar a SOLIDÃO AMOROSA — COMO CONQUISTAR E ARRUMAR NAMORADA — Nº 18 — 15,00
- O que todos os homens devem saber PARA CONQUISTAR AS MULHERES — Nº 124 — 20,00
- COMO SE FAZER AMAR — Nº 23 — 15,00
- O que toda a mulher deve saber PARA CONQUISTAR OS HOMENS — Nº 136 — 20,00
- VENÇA A TIMIDEZ SEXUAL — 145 — 20,00
- TATICAS DE XADREZ — Nº 123 — 15,00
- PROBLEMAS SEXUAIS dos SOLTEIROS — Nº 66 — 15,00
- MANOEL MACÊDO — Correspondencia Amorosa — FRASES ESCOLHIDAS — Nº 21 — 15,00
- TÉCNICA & PRÁTICA SEXUAL — Nº 2 — 20,00
- MÉTODOS CIENTIFICOS E MODERNOS PARA LIMITAR OS FILHOS — 87 - 20,00
- A FELICIDADE SEXUAL NO CASAMENTO — Nº 3 — 15,00
- A ARTE E A TECNICA DO BEIJO — Nº 93 — 15,00
- COSTUMES SEXUAIS ESTRANHOS — Nº 4 — 15,00
- MANOEL MACÊDO — Cartas de Amôr — Nº 20 — 15,00
- A CONQUISTA AMOROSA PELA APLICAÇÃO DA PSICOLOGIA SEXUAL — Nº 92 — 15,00
- REGRAS de ETIQUETA SOCIAL — 149 — 15,00
- DICIONARIO MODERNO DE SEXO E AMOR — CIENTIFICO - CURIOSO - DIFERENTE — Nº 7-15,00
- ABC... DESENHO DE LETRAS — Nº 44 — 30,00
- A COZINHA NORTISTA — Nº 86 — 10,00
- Nº 85 — 15,00
- OS ENCANTOS DA MULHER NÚA — Nº 148 - 15,00
- O NÚ ATRAVÉS DA ARTE — Nº 1 — 20,00
- ANORMALIDADES SEXUAIS — Nº 95 — 20,00
- DISCURSOS para todas as OCASIÕES — Nº 122 — 15,00
- Estudos sobre o Amor e o Sexo — Nº 91 — 15,00
- TROVAS e MODINHAS POPULARES — 154 — 15,00
- PSICOSEXUALIDADE — Nº 126 — 20,00
- ELIMINE O SEU COMPLEXO DE INFERIORIDADE — Nº 139 — 20,00
- CASTRO ALVES — OS ESCRAVOS — Nº 121 - 10,00
- ESPUMAS FLUTUANTES — CASTRO ALVES — Nº 46 10,00
- POESIAS — HINOS DO EQUADOR — Nº 60 — 10,00
- CERTO ou ERRADO? — TIRA-DÚVIDAS DE PORTUGUÊS — Nº 69 — 15,00
- ERROS DE PORTUGUÊS E SUAS CORREÇÕES — Nº 26 — 15,00
- LUIZ A. P. VICTORIA — FALA E ESCREVE CORRETAMENTE A TUA LÍNGUA — Nº 27 — 15,00
- MODÊLOS DE CARTAS para todos os fins — Nº 90 — 15,00
- YES SIR! Inglês sem Mestre — Nº 32 — 12,00

NO RIO - Procure em nossos balcões → Av. Rio Branco, 25 e Rua México, 128-Sobreloja

NO INTERIOR
NADA ADIANTADO
PEÇA PELO REEMBOLSO POSTAL

- MÉTODOS para HIPNOTISAR — 147 — 15,00
- HIPNOTISMO PRÁTICO — Nº 15 — 15,00
- FATOS CURIOSOS E INACREDITAVEIS — 151 — 15,00
- DICIONÁRIO DA MITOLOGIA — LUIZ VICTORIA — Nº 8 — 15,00
- Cock-Tail de PALAVRAS CRUZADAS — 157 — 10,00
- DICIONÁRIO DE PROVÉRBIOS — Nº 88 — 15,00
- TEST PARA OS SEUS CONHECIMENTOS — LUIZ VICTORIA — Nº 34 — 15,00
- O LIVRO DAS MÁGICAS — Nº 68 — 10,00
- COMO LER OS PENSAMENTOS — Nº 13 — 15,00
- Quiro — COMO LER AS MÃOS — CONHEÇA O FUTURO — Nº 14 — 15,00
- COMO INTERPRETAR OS SONHOS — Nº 12 — 10,00
- ENCICLOPÉDIA INDUSTRIAL OCULTISTA — Nº 10 — 15,00
- COMO TIRAR A SORTE — Nº 39 — 15,00
- AS CHAVES OCULTAS DO PODER — Nº 11 — 15,00
- MANUAL DO Motorista — MECANICA - TRAFEGO — Nº 36 — 15,00
- ENGUIÇOS DO AUTOMOVEL — 138 - 15,00
- MODÊLOS DE CARTAS SENTIMENTAIS — 163 - 15,00
- OS SONHOS, O RISO E AS MULHERES — 152 - 10,00
- HABITOS SEXUAIS do HOMEM — Nº 127 — 20,00
- METODO DE DATILOGRAFIA SEM MESTRE, PRATICO, RAPIDO — Nº 96 — 15,00
- QUE É VOCÊ? MAIS PARA HOMEM OU PARA MULHER? TESTE DE MASCULINIDADE E FEMINILIDADE — 164 - 15,00
- HABILIDADES E PROEZAS da Juventude — Nº 137 — 15,00
- CONSELHOS AOS PAIS SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL DOS FILHOS — 166 - 20,00
- O BANHO / O BEIJO E OUTROS CONTOS — 65 — 15,00

### EDITORA GERTUM CARNEIRO

Av. Rio Branco, 25 - Dep. 18-B - Rio
(Não temos catálogo)
Peço enviar pelo REEMBOLSO POSTAL os livros cujos números indico abaixo:

... ... ... ... ... ... ...

BASTA INDICAR O NÚMERO
(Não mande dinheiro, ou selos, nada adiantado)
Nos pedidos abaixo de CR$100,00 há aumento de 10%

NOME ..............................
RUA ..............................
LOCALIDADE ..............................
ESTADO ..............................

# PUXE PELO CÉREBRO

**NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA**

| | | |
|---|---|---|
| Nenhuma resposta certa .. | Estado primitivo | Homem-macaco |
| De 1 a 3 .............. | Cultura inferior | Selvagem |
| De 4 a 6 .............. | Cultura média | Estudante ginasial |
| De 7 a 11 .............. | Cultura superior | Universitário |
| De 12 a 14 .............. | Genial | Um sábio |
| Tôdas as quinze ........................... | | O gênio em pessoa |

1 — DE ONDE VEM A LÍNGUA SANSCRÍTICA:

— Do Japão?
— Da Índia?
— Da Malásia?

2 — QUE VEM A SER «PROIZ»:

— Cabos para amarrar embarcações?
— Peça para retificar motores?
— Nome de um animal australiano?

3 — EM QUAL DESTAS CIDADES HÁ UM MUSEU DO OURO:

— Em Ouro Prêto?
— Sabará?
— São João del Rey?

4 — SE UM FAZENDEIRO POSSUI GRANDE «SILHA», QUE É QUE POSSUI:

— Criação de aves de pena?
— Muitas terras?
— Muitos cortiços?

5 — UMA PLANTA TETRAFILA, QUER DIZER:

— Com quatro fôlhas?
— Quatro galhos?
— Sete anos?

6 — UMA PESSOA «VAPULADA» É QUANDO:

— E' açoitada?
— Saqueada?
— Operada?

7 — QUE VEM A SER ANIMAL XILÓFAGO:

— O que só anda à noite?
— Aquêle que não tem fome no inverno?
— Ou o que rói madeira?

8 — UM SINÔNIMO PARA «TRONCHO»:

— Órfão?
— Sem dentes?
— Torto?

9 — UMA GALINHA «SURU» É:

— Nanica?
— Que não põe?
— Sem cauda?

10 — UM HOMEM RURÍGENA, É:

— Muito corado?
— O que nasceu no campo?
— O que mora nas cidades?

11 — QUE QUER DIZER «ASSUNTO DE QUOTILIQUÊ»:

— De pouca importância?
— Entre parentes?
— De alto bordo?

12 — QUANDO SE DIZ: «PESQUEI UM PEIXE PUÇÁ», QUER-SE DIZER:

— Um grande peixe?
— Um peixinho insignificante?
— Um peixe feroz?

13 — UM ANIMAL «OMÓFAGO» VEM A SER:

— Aquêle que se alimenta de carne crua?
— O que vive nas montanhas?
— O indomável?

14 — QUAL DESTAS AVES É «MACRÓLOFA»:

— A galinha?
— O pato?
— O pavão?

15 — O JARACATIÁ É:

— Uma espécie de onça?
— Um fruto?
— Uma cobra?

(Respostas na pág. 49)

CONVERSA DE MULHER

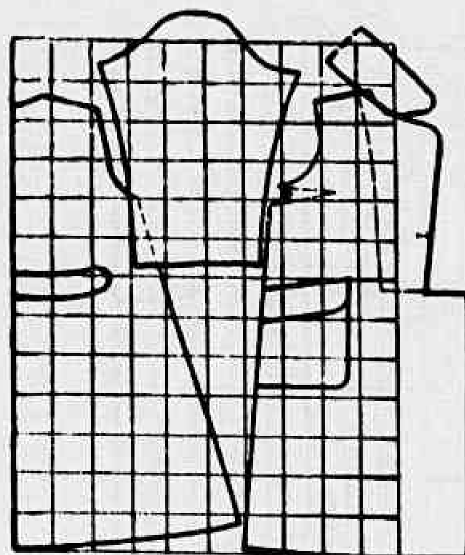
# Recepção diplomática: reunião democrática

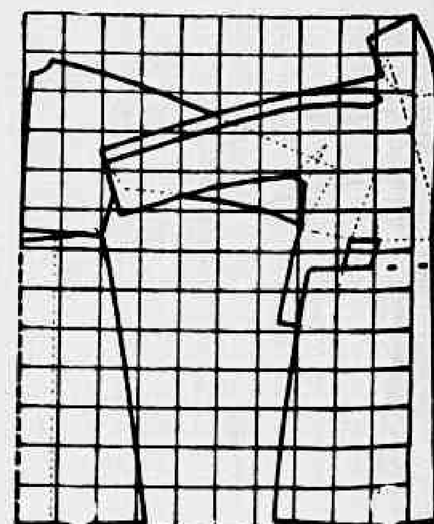


A Legação da Etiópia ofereceu no Hotel Glória uma recepção ao corpo diplomático, às autoridades do govêrno brasileiro e à sociedade carioca, por motivo da passagem do aniversário natalício do imperador Hailé Selassié I, que é a maior data da nação etíope. Foi uma linda festa, presidida pela amabilidade do encarregado de negócios *ad interim* — na ausência do ministro — da Etiópia e da Sra. Mesfin Begashet. No amplo salão nobre reuniu-se um grupo alegre, conversador — embaixadores, ministros, príncipes, representantes de países de regimes diferentes, tipos orientais e africanos ao lado de nórdicos, indumentárias femininas traindo origens diversas dentro do rigor da atualidade da moda. A esta cronista, que com outros representantes da imprensa participava dos colóquios em igualdade de tom ao lado de ministros de Estado, enviados plenipotenciários e figuras de famílias reais, ocorreu que uma recepção diplomática é uma mostra de democracia.

● Comemorando o dia nacional da Etiópia, nobre país de antiga civilização, hoje firmado no conceito internacional pela bravura de seus filhos e pela generosidade de seu ideal coletivo, assinalamos: o rajá de Mandi, embaixador da Índia, notável personalidade que anônimamente e sem distinção de traje se destacaria numa multidão; o ministro Quirós y Quirós do Panamá, vulto a um tempo sutil e forte de intelectual; o embaixador do Paquistão e a Begun Isa com uma bonita vestimenta — túnica e manto — verde; o encarregado de negócios da Polônia e a louríssima Sra. Dworkin; o general embaixador de Israel, respeitável por vários títulos e gourmet requintado e a encantadora Sra. David Shaltiel; Sua Alteza Sereníssima o príncipe Olgierd Czartorryski, excelente jogador de bridge, da Ordem Soberana de Malta; o ministro da Tchecoslováquia e a simpática Sra. Jan Cech; o embaixador da Turquia, Sr. Fuad Carim, um tipo marcante com sua bela cabeleira grisalha e seus olhos verdes de fina expressão irônica, largo de gestos; o ministro João Neves da Fontoura, de idéias rápidas e palavra fácil; o senador Ivo de Aquino, belo como o neto, e Sra.; o Sr. Nereu Ramos, que chegou logo no início da reunião, conversando muito com o ministro Sousa Lima; o Dr. Tagui Koshneviss, que inaugurou há alguns anos a representação diplomática do Irã em nosso país e é hoje proprietário de uma brasileiríssima fazenda nos arredores de Petrópolis; o Dr. Sérvulo de Melo, *attaché* diplomático da Agência Nacional. E, como eu saberia dizer se pudesse imitar a arte de redator (que a de pintor posso ainda menos) do Sr. Gilberto Trompowski, que também se achava presente, "tantas e tantas outras pessoas..."

● Foi uma bela tarde em que tivemos a honra de levar ao Major Mesfin Begashet e Sra. os nossos respeitosos cumprimentos pela passagem da data nacional de sua pátria e fazer votos pela prosperidade de seus conterrâneos e pela saúde de seu soberano, condutor incansável e eficiente do progresso de seu povo, Sua Majestade o Imperador Hailé Selassié I, que naquele dia via transcorrer o seu 60.º aniversário natalício. —





*Diagramas dos modelos*

ROTINA DE BELEZA

# Saber relaxar músculos e nervos

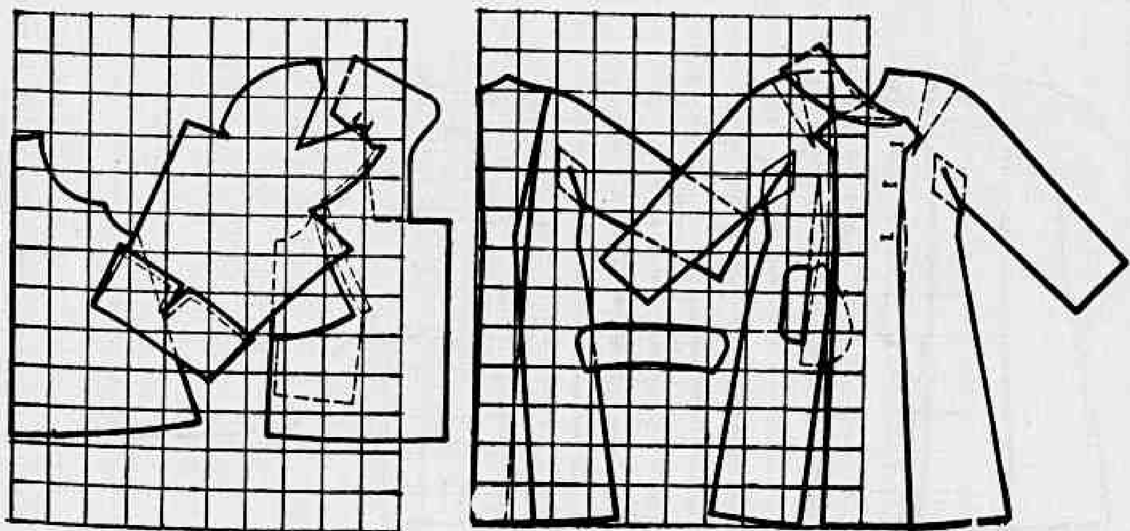


MUITO se tem escrito sôbre os métodos de aliviar a tensão dos músculos, dos nervos e do espírito para poder repousar. Os métodos são variados: pequeninos períodos de descanso num dia de trabalho; esporte e "hobbies"; hidroterapia — como, por exemplo, ficar de môlho numa banheira cheia de água quente; complicados processos de relaxamento muscular; auto-sugestão — repetir para si mesmo "Estou calma, nada me perturba"; ingestão de vitaminas e sais minerais, curas de leite; reconhecimento, domínio e expressão controlada das emoções.

Como todos nós, você tem nervos em penca e extremamente sensíveis. Os impulsos correm por êles na velocidade de entre vinte a cinqüenta metros por segundo. Assim como o coração e os pulmões trabalham mais ou menos do mesmo modo para cada um de nós, o mesmo fazem os nervos. Os seus, como os de qualquer um, ficam excitados de quando em quando; e é uma das funções dos nervos reagirem à depressão e às emoções e estimularem o corpo em busca de um equilíbrio. Se você não deixa que seu corpo siga os ditames de seus nervos em circunstâncias não prejudiciais poderá ver surgirem sintomas tais como indigestão, dor de cabeça, erupções da pele, colites, paralização de funções digestivas ou palpitações de coração. Muitas perturbações crônicas assim têm o seu início, segundo os especialistas em psico-somática. Mas o efeito imediato de certas contenções ou desvios é a fadiga. A tensão nervosa que não se descarrega, às vêzes de modo imperceptível, gasta uma boa soma de vitalidade. A vida é ritmo: "tensão e relaxamento, tensão e relaxamento" é o seu compasso. Até o incansável coração repousa entre as batidas. Quem fica conhecendo o melhor ritmo para si mesmo dá um passo à frente na arte de viver. Esta arte não consiste nem em lazer prolongado nem em movimento excessivo. O indivíduo cuja bandeira de vida está sempre a meio mastro e jamais se agita ao vento pode não cansar, mas na realidade nunca repousa verdadeiramente. Essas pessoas de aspecto vivaz e controlado que se lançam a montanhas de trabalho e permanecem felizes, atraentes e aparentemente inesgotáveis são as que se dão tôdas ao que fazem — mas não sem intervalos de repouso. Rompem a tensão por momentos, ainda que breves, de relaxamento.

● Tome o seu tempo para apreciar a maneira por que o sol cai sôbre uma coluna de fumo, o timbre de uma voz, a forma e a côr das coisas vivas, a graça de um animal, a simetria de um edifício familiar, a beleza de alguém que passa, a doçura de uma criança, mesmo a elegância de um vestido numa vitrine ou as linhas belas de u'a máquina. Faça com que as suas horas de refeição sejam as mais agradáveis possíveis. Coma as comidas mais saborosas que a sua bôlsa permitir, no ambiente mais encantador. Se o seu trabalho faz com que entre em contato com muita gente, experimente almoçar só de quando em quando, às vêzes folheando uma revista. Ou escolha uma companhia que lhe faça bem.

● Se trabalha sentada, fique por momentos em pé — para atender o telefone, por exemplo, ou consultar um livro. Quando tiver um aborrecimento, dê um passeio, ainda que só até ao bebedouro ou à esquina. Não "engarrafe" jamais as amolações, fale sôbre elas a um amigo simpático, sem exagerar nem dramatizar. Observando-se a si mesma para evitar a tensão você se ajuda a descansar.



*apresentados nas págs.* 36 *e* 37

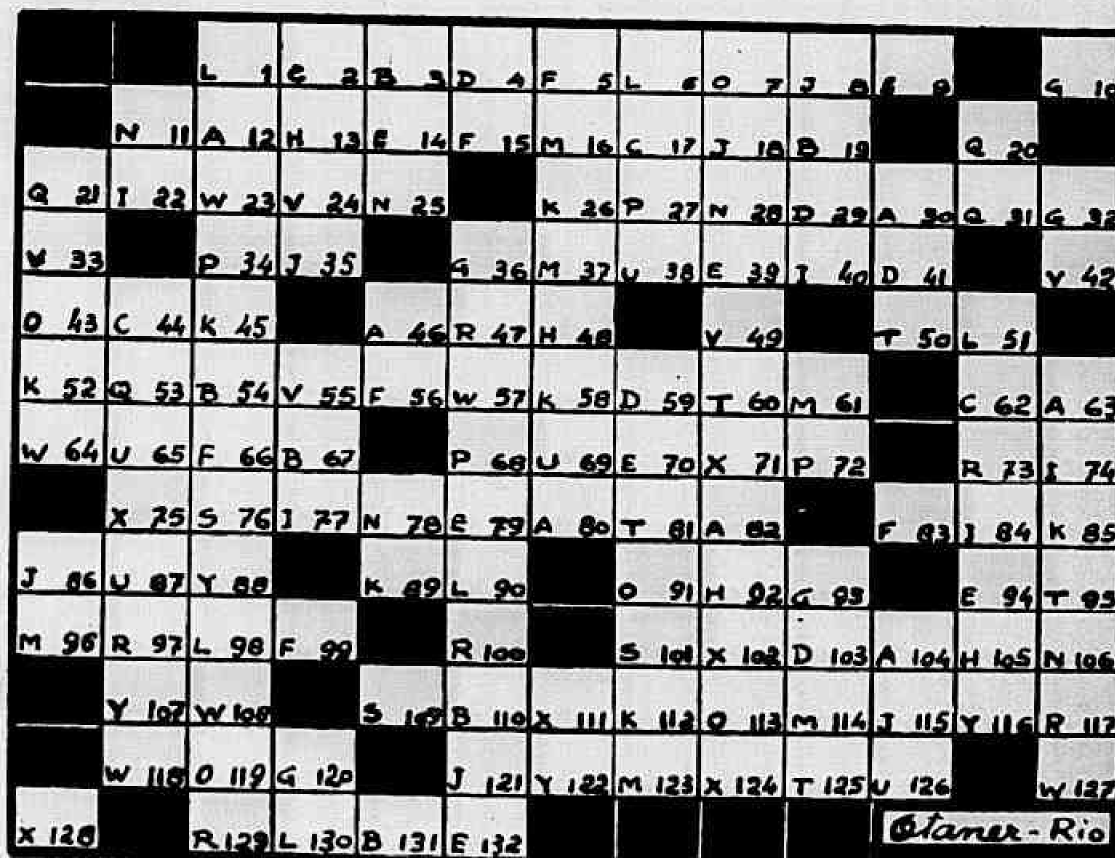
# PASSATEMPO

## LIDERGRAMA N.º 17

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| A | Gargalo | 12 | 30 | 46 | 104 | 82 | 80 | 63 |
| B | Lunetas | 131 | 3 | 54 | 67 | 19 | 110 | |
| C | Segues | 44 | 2 | 17 | 62 | | | |
| D | Detestar, sentir raiva | 41 | 29 | 4 | 103 | 59 | | |
| E | Atormentar, angustiar | 9 | 94 | 14 | 79 | 70 | 39 | 132 |
| F | Descendentes (do sexo feminino) | 5 | 15 | 56 | 83 | 66 | 99 | |
| G | Movam os remos | 32 | 10 | 36 | 93 | 120 | | |
| H | Metal precioso | 105 | 92 | 48 | 13 | | | |
| I | Em tempo algum | 22 | 84 | 77 | 40 | 74 | | |
| J | Musicata | 8 | 35 | 18 | 86 | 115 | 121 | |
| K | Absorver, sorver pelos poros | 52 | 85 | 26 | 45 | 58 | 89 | 112 |
| L | Tornam obrigatório, determinam | 6 | 90 | 1 | 51 | 98 | 130 | |
| M | Lugar solitário. solidão | 96 | 37 | 16 | 114 | 123 | 61 | |
| N | Caminhas | 11 | 28 | 78 | 25 | 106 | | |
| O | Esgote, enxugue | 7 | 43 | 91 | 119 | 113 | | |
| P | Concedido | 34 | 27 | 68 | 72 | | | |
| Q | Neste lugar | 20 | 53 | 21 | 31 | | | |
| R | Meio | 117 | 47 | 97 | 129 | 73 | 100 | |
| S | Guisado de camarões e ervas | 109 | 101 | 76 | | | | |
| T | Expressão, modo de dizer | 50 | 60 | 125 | 81 | 95 | | |
| U | Indígena | 65 | 87 | 38 | 69 | 126 | | |
| V | Decadência, queda | 24 | 33 | 55 | 42 | 49 | | |
| W | Incorre, recai | 57 | 118 | 64 | 23 | 127 | 108 | |
| X | Bebida dos deuses | 71 | 128 | 75 | 111 | 124 | 102 | |
| Y | Arredores | 88 | 122 | 116 | 107 | | | |

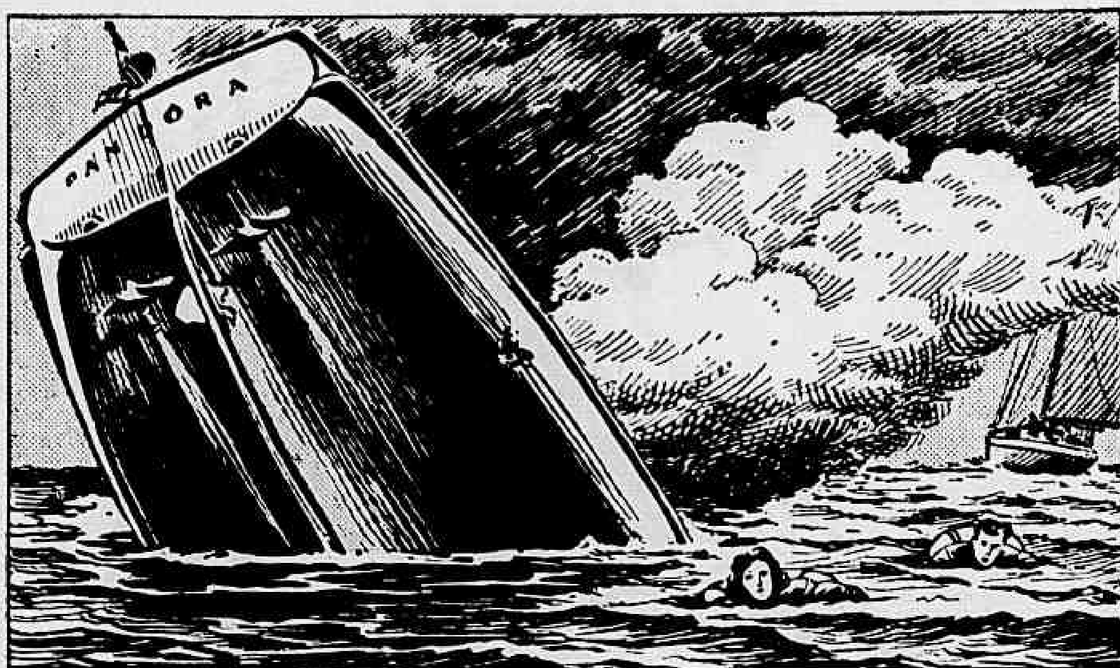
EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra numa casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa corresponden'e ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras. E, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA N.º 16: BERNARDES — *NOVA FLORESTA* — "Nem é seguro para os moços desprezar a contenda com os velhos, porque, como dizia São Jerônimo na que teve com Santo Agostinho: o boi cansado assenta o pé mais fortemente."



# AVENTURAS DO CAPITÃO ROB

# Uma Aposta Temerária









61 "Vamos abandonar a lancha!" — grita Frank para Marga. A lancha estava afundando incendiada. Muniram-se de salva-vidas e pularam nas ondas, nadando para longe. A "Pandora" estava envolvida em lavas e fumo e ia ao fundo ràpidamente. Vendo o que ocorria, Nils, pilotando o "Viking", velejou para o teatro dos acontecimentos a fim de salvar os náufragos. Enquanto isso, o barco de Larry fugia a todo pano. Ao cair da noite o bandido ordenou que não acendessem nenhuma luz a bordo. Viajariam às escuras. Lembrando-se da prisioneira, mandou dar-lhe alimentação. Ela valia muito...

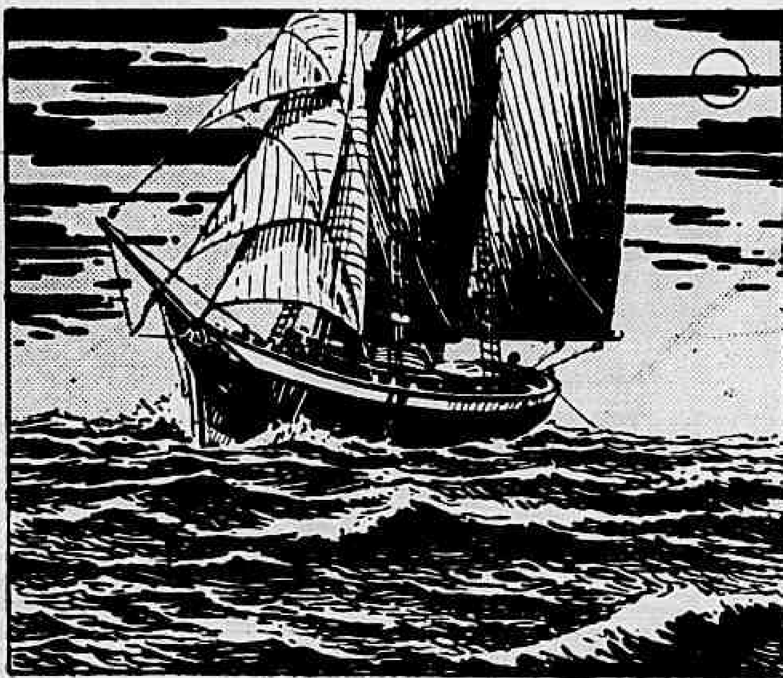







62 Quando a luta ia mais acesa, Willy e Bill, o ex-tripulante de Larry e que era agora seu inimigo, oculto no porão onde estava a moça, perceberam que Larry sairia vencedor, porquanto estava bem armado. Quando terminou a refrega êles viram que o "gangster" ganhara e ia fugindo. Quando Joe traz comida e diz a Willy que Larry sente muito ter ido a pique a "Pandora", Bill lhe dá um golpe na cabeça, prostrando-o. Bill sabe que Jojo, o guarda-costas de Larry tem um mêdo louco de fantasmas. Então se veste como uma aparição diabólica e vai até onde está o comparsa de "Cigarret-Larry".








63 Logo que se coloca por detrás dêle, Bill faz ligeiro ruído para atrair-lhe a atenção. Jojo, que vinha um tanto sobressaltado, olha para trás e vê um bicho horrível, um ser disforme, ameaçando-o. Assusta-se e perde o equilíbrio, caindo n'água. Bill lhe deseja "boa-sorte". Desce e liberta Willy. Acende tôdas as luzes do "Hydra", a fim de indicar aos perseguidores onde estavam. Larry está dormindo a sono sôlto em sua cabine. Mas Jojo consegue agarrar-se à corda da contagem de milhas e é rebocado pelo barco. A êsse tempo o iate de Rob, "Liberty II", descobre onde estava o barco de Larry...

**RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:** — O Cap. Rob, em companhia de mais outros amigos, está empreendendo no seu "Liberty II" uma prova perigosa através dos mares orientais. O milionário John Brookfeller, também no páreo, oferece um prêmio de 500 mil dólares ao vencedor. Dentre os competidores se conta Larry, indivíduo de maus precedentes e que tudo vem fazendo para ganhar o prêmio, mesmo empregando processos ilícitos. Já incendiou um dos barcos concorrentes e avariou outros. Numa das etapas, raptou Willy, exigindo para resgate a quantia de 500 mil dólares, já que estava convencido de que o seu barco não poderia ganhar a prova. Marga e seu parente Frank Morris saem em perseguição a Larry na lancha "Pandora". Larry havia mudado o nome do seu iate. Em certa altura dos acontecimentos, Larry trava verdadeira batalha contra a lancha, empregando uma metralhadora pesada que instalara a bordo. Morris só dispunha de um rifle e nada pôde fazer. Ao longe vinha o barco de Nils, contra o qual já tentara Larry.







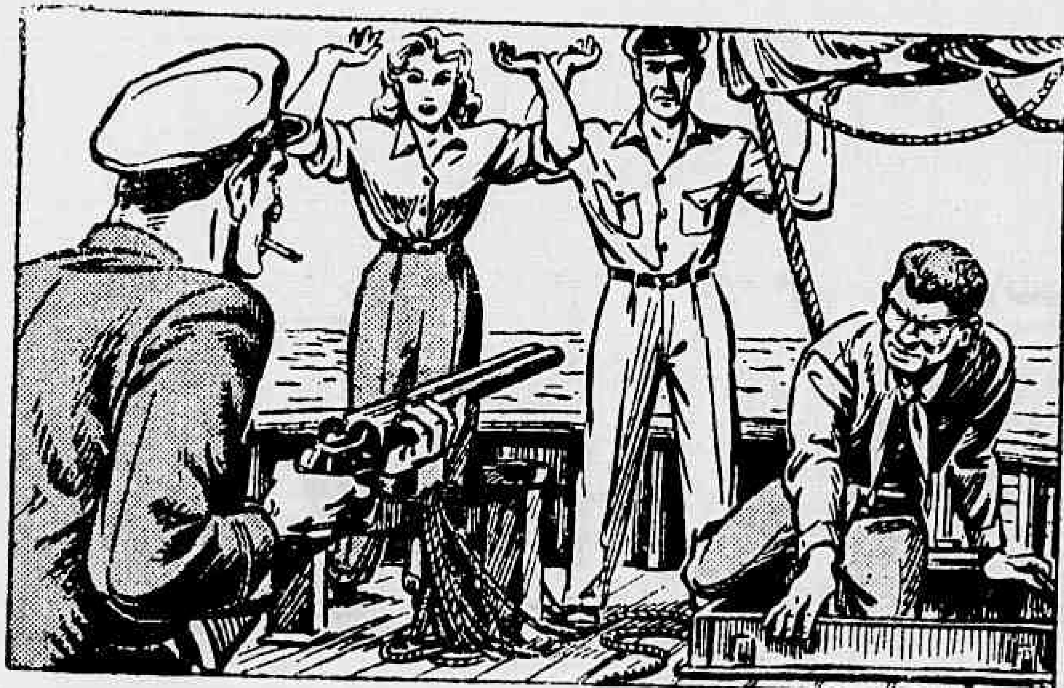

64 Foi uma surprêsa desagradável a de Larry, quando ouviu a voz de Bill: — "Mãos ao alto!". Larry não pôde fazer mais que submeter-se. Willy tratou de amarrar o tripulante que estava ali. "Onde está Jojo?" — indagou Larry. Mas Bill o acalmou, dizendo que seu comparsa caíra ao mar. Já vinha alvorecendo quando o veleiro de Rob se aproximou do "Hydra". Rob ficou admirado ao divisar Willy sôbre a coberta. E então Nils expede um radiograma comunicando que Willy estava salva. A moça e Bill contam a aventura, mas ninguém sabia que Jojo conseguira subir ao "Hydra" e tratava de agir...








65 Tudo parecia ir muito bem. Larry e seu tripulante estavam amarrados no beliche do "Hydra" e a direção do barco já estava sob o comando de Bill. Willy, libertada, não cabia em si de contentamento. O Cap. Rob, ao lado de Marga, brincava com o seu cão "Skip", esperando o primeiro pôrto para entregar os criminosos à justiça. Mas Jojo conseguira escapar, subira ao "Hydra" e, cautelosamente, procurara saber o que sucedera ao seu chefe. Descobrindo-o amarrado em seu beliche, tratou de intervir e mudar o curso dos acontecimentos. E meteu mãos à obra, desamarrando-o e ao tripulante.








66 Rob, que estava a bordo do "Hydra", ficou surpreendido ao ver que Larry estava sôlto e empunhava uma arma de dois canos, apontando-a para êles. "Mãos ao alto!" — ordenou-lhes. Rob e Willy obedeceram. Larry ordenou a Jojo que os desarmasse. O comparsa retira da cinta de Rob o seu revólver, desarmando também a Willy. Larry manda que Bill espere, e, dando uma gargalhada, aponta-lhe a arma. Bill observa que os pés de Larry estão sôbre uma corda e, ràpidamente, puxa-a com fôrça. Larry perde o equilíbrio e a arma lhe escapa das mãos. Ouve-se um tiro e Bill solta um grito de dor.

# JÁ VIU? NÃO?

Vá correndo ao mais próximo jornaleiro e veja

## QUANTOS ASSUNTOS INTERESSANTES

APRESENTA O

## ANUÁRIO ESPORTE ILUSTRADO DE 1952:

Página 3 — Levy Kleiman fala aos desportistas de todo o Brasil.

Páginas 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10 — Tidos os times do futebol carioca, que disputaram o campeonato de 1951, com as respectivas campanhas e os jogadores que tomaram parte nos jogos.

Página 10 — Todos os escores dos clássicos: Flamengo x Botafogo e Vasco x América.

Da página 11 a 35 — Os gráficos de todos os "goals" do campeonato carioca de futebol de 1951, jôgo por jôgo, da primeira à última rodada. Uma documentação completa.

Página 36 — Todos os escores de todos os jogos do campeonato carioca de futebol de 1951, com os respectivos campos e rendas.

Página 37 — Sinopse do campeonato carioca de 51 e a Taça Eficiência.

Página 38 — Os artilheiros, os goleiros vazados e os juízes que apitaram.

Página 39 — Os "penalties", os expulsos de campo, os "placards" registrados e os artilheiros negativos.

Página 40 — Os amistosos dos clubes cariocas em 1951 (Estatística completa). O 1º campeonato da juventude amadorista, com os resultados de todos os jogos, locais e rendas. Estatística completa do campeonato carioca de profissionais.

Página 41 — Campeonatos de juvenis e aspirantes de 1951.

Página 42 — Os internacionais dos clubes brasileiros em 1951. (Estatística completa).

Página 43 — O Rio-São Paulo de 1951 — Estística completa.

Páginas 45 e 46 — Torneio Municipal de 51 — Estatística completa.

Página 47 — Torneio Início de 51 — O histórico do Torneio Início, com os times campeões e respectivos jogadores.

Páginas 48, 49 e 50 — Copa Rio de 51 — Estatística completa.

Página 51 a 58 — Todos os "goals" da "Copa Rio", de 51, jôgo por jôgo, em gráficos cinematográficos.

Páginas 59, 60 e 61 — Atletismo.

Página 62 — Automobilismo.

Página 63 — Hipismo e Polo.

Páginas 64 e 65 — Natação, Saltos e Water-polo.

Página 6 — Pugilismo (Box, jiu-jitsu e luta-livre).

Páginas 67 e 68 — Voleibol (Campeonatos carioca, brasileiro e sul-americano).

Página 69 — Remo e Tênis-de-mesa.

Páginas 70 e 71 — Basquetebol (Campeonatos carioca, brasileiro, pan-americano e jogos internacionais).

Página 72 — Iatismo, Tiro ao alvo, Esgrima e Ciclismo.

Página 73 — Tênis.

**76 PÁGINAS** **CR$ 10,00**


# ACAIACA

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 26)

O índio criminoso que dela se aproximasse, fôsse pagé ou cacique ou ainda jovem guerreiro, no pacto entre ela e Taru, o Deus mais terrível da selva, virava logo "amyri" — morreria imediatamente e no recinto sagrado, davam-lhe os demais — a ibycoara — santa e rústica sepultura!

E não era sòmente isso; enquanto a Acaiaca existisse, a tribo seria feliz, alcançaria vitórias, derrotaria inimigos, seus filhos se multiplicariam e por todos os séculos vindouros reinaria a prosperidade num desafio tenaz a males eventuais!

Na taba amiga, à sombra gigante abrigada, cresciam planos, medravam táticas à derrocada inimiga, ao som da música estridente — pois mesmo à "uaranysara", a convocação da guerra, necessário lhes seria, haver a melodia dos maracás e membis — chocalhos de pedras lá dentro e gaitas do fêmur inimigo — requebros de dançarinas exóticas, ornadas com araçoiás e cocares, botoque pelas orelhas, colares em volta do pescoço, braceletes de penas nos braços, que chamavam aguamiranga — urucum pintado no corpo e o demo a saracotear-lhe n'alma!

À guiza de inspiração política, que viesse o "caium" para esquentar corações e instigar a taba inteira ao bom agouro à vitória.

Pois que, senhores, de guerra, política e amor, coisas que enfim, dão no mesmo, não trata o gentio, a êsmo!

Lá entre nossos irmãos, à solene convenção, o indispensável banquete, com discursos convencionais entre guaranis diplomatas era também bom pretexto à lábia de certos Caciques, ao mito de muita tribo.

A batalha foi travada a dois passos do Ibitira, no Tejuco mameluco; veio disfarçada em mulher, cheirando a resedá, manacá a bela flor, assim era a Manassu, a escrava de Tomaz Bueno, de quem ninguém desconfiou.

A laço de "guarapemme" aprisionada e tecida não sei por que índia — Manassu foi arrastada e Manassu se rebelou.

Os índios, fraternizados com o espírito de Tupixuara que a todos familiarizara, do Senhor Tomaz Bueno, invadiram-lhe a fazenda, libertando-lhe a escrava que, pela dedicação recebida, com êles resolveu fugir, na piroga rio abaixo, por êste Mundo sem fim...

Manassu — putyra sakena — flor cheirosa e muito bela, deu à luz a Peropyranga, mescla de branco e vermelho, gênio antes do mal que do bem.

Após vinte anos passados, numa das guerras da tribo contra os brancos civilizados, foi o jovem Tomaz Bueno, o duende Peropyranga, por êles aprisionado.

E a tanto se lhes afeiçoou que se dizendo um Caraiba, um Cristão ou o homem branco, a origem materna renegou.

Dos índios conhecendo-lhes as superstições, o pensamento lhes sondando, traduzindo-lhes o tupi e o guarani, auxiliando-os nos planos guerreiros, recebeu as credenciais de embaixador intérprete, junto a tribo de que se dizia amigo e muito lisonjeado ficou — sem que da "upiara" — da traição que não tardaria, alguém jamais desconfiasse.

Com sentimentos desleais, misto de intriga e vingança, Peropyranga, o embaixador, agiu como amigo da onça.

Sabendo como ninguém, do segrêdo da Acaiaca, da fôrça indômita que hipotecava ao gentio, da influência benéfica que sôbre Cururupeba exercia, Peropyranga tramou.

Era Cururupeba-Assu, cacique dos Tubinambás, o mais valente dos guerreiros, cujo arco de tucum, nenhum outro lhe vergava; no arremêsso da flecha com penas na extremidade mais grossa ou mesmo sem elas na ponta, nem araguyrá, arassari, araguai, aracuã, puriti arara angaaçu, iaureté penina, gavião cauré, urubu, andorinhão, tucano, tico-tico-rei ou até mesmo onça pintada — quer ave ou fera fôsse, com vida não lhe escaparia.

Nas mãos de Cururupeba Assu, rudes, firmes e grandes, diziam os índios amigos que, três jaguares ferozes, foram estrangulados brincando, assim de uma só vez, façanha de um "cangayma" ou coisa sòmente de doido.

Peropyranga — o amigo da onça — revelou à potência aliada que Acaiaca era ao gentio, símbolo sagrado, paládio da existência, fôrça na vida, glória na morte.

Que os amigos mamelucos dela não se aproximassem sob o risco de serem mortos por alguma seta maléfica, pincelada com "curare".

Assumiu o comando da tribo o tal Peropyranga e qual general invencível, prometeu derrotar os indígenas com nova arma infalível, segrêdo do estado-maior.

Que os brancos de nada temessem, mas tivessem paciência que palavra era palavra; e nem seria preciso derramar suas lágrimas sentidas, nem sangue seria vertido, nem huis nem "uubassy", a flecha com veneno na ponta, seus corpos transpassariam nem tiros de "mucáauporas" teriam que disparar.

Que o objetivo não lhes falharia — que o dissessem os Macachêros — gênios de todos os guerreiros — isso Peropyranga não sòmente afirmaria, como também garantiria.

Que esperassem os "peros" na tapira, no abrigo provisório as bodas da puranga até Cajubi, da moça mais linda da tribo com o valente Tetypa — a quem até mesmo Curupira, o Deus da floresta, temia — na noite de jacyçauassu, a lua de cara bem grande.

Que os índios, amantes de festas, a Acaiaca esqueceriam, deixariam a "atcurassap", o que valia dizer — sua melhor amiga — e para o vale iriam do par celebrar as bodas, dançando frenèticamente, aos ritmos dos maricás e aos batuques dos uais.

Na noite da lua cheia, à hora do

**(Cont. na pág. 48)**

# CÂNTICO DOS CÂNTICOS

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 23)

E desde êsse dia, sua vida passara a depender — como verdadeira mendiga do amor que era — das palavras do seu galã, jogadas a êsmo para tantos, mas que caíam na aridez de sua alma como um bálsamo. Voltava para casa com o coração leve, sonhando cada dia mais ainda com o amor de seu amor.

Mas, à medida que a obsessão crescia essas migalhas já não saciavam

CÂNTICO DOS . . .

sua fome de amor. Procurou saber onde morava, e, todos os dias, ao regressar do trabalho, passava em frente a sua casa na esperança de ao menos vislumbrar a silhueta amada na intimidade, longe das luzes da ribalta.

O monólogo interior ocupava agora períodos mais longos dos seus dias, e sobretudo, de suas noites! Tinha mêdo de que o inverno descesse sôbre sua vida, e, bruscamente, tudo cessasse; que desaparecessem as poucas flores de sua existência, e tôdas as vozes se calassem! Murcharia então, como tudo na natureza, sem haver cumprido seu dever fundamental. Não seria jamais como a figueira que dá seus figos e exala seu aroma.

Uma noite — oh, aquela noite terrível, em que a insônia a atormentara mais que de costume — resolveu procurar na leitura a fuga aos seus sofrimentos.

Em sua mesa de cabeceira jazia esquecida uma velha Bíblia que sua mãe lhe havia deixado, e foi buscar nas palavras doutrinárias desta, ajuda para vencer sua crise emocional. Lentamente, começou a folheá-la, mas sua atenção por demais voltada para a matéria, não se fixava na beleza do conteúdo do livro sagrado. Eis quando se lhe depara uma passagem inflamante, à qual, sacrilegamente, associou seus desejos carnais. Eram os Cantares de Salomão!

Devorou-a em poucos minutos. E quando terminou a leitura da mesma, havia concebido uma idéia louca. Iniciar uma correspondência amorosa com seu jovem galã, inspirada nas ardentes palavras de Sulamita.

Estava cega a todos os ditames da razão, e seu pensamento fixara-se doentiamente nesse amor criado pela sua febril imaginação, arrastando-a a cometer tôda sorte de desatinos sem que ela opusesse a mínima resistência. E mandou com o endereço para a posta restante o primeiro bilhete:

«Amado meu.

Por muito grande que seja tua indiferença, não poderá apagar meu amor por ti; nem as torrentes caudalosas de todos os mares e rios do universo poderão afogá-lo. Ainda que nunca me ames, eu jamais te esquecerei.

Sulamita».

Durante muitos dias, aguardou ansiosamente a resposta; mas, essa, não veio. Porém, não se deu por vencida. Naturalmente, pensava, êle recebia muitos bilhetes amorosos, e o seu não fôra bastante expressivo. Haveria de fazê-lo sentir que seu amor era diferente, e tão forte, que todos os outros reunidos tornar-se-iam inexpressivos diante da chama de vida e paixão que ela possuía. E assim escreveu pela segunda vez:

«Antes que refresque o dia e caiam as sombras, responde-me amado meu! Busquei-te, e não te achei; chamei-te, e não me respondeste. Não ouves os meus queixumes? Eu sou morena amado meu, e tu és para mim o ramo de mirra que morrerá entre meus seios.

Sulamita».

Desta vez, depois de muitas visitas ao correio, encontrou certa tarde o que tanto procurara.

Naquela ocasião Marta não se apercebera da indelicadeza dessa resposta, que para ela fôra como uma gôta dágua mitigando sua sêde de amor. Êle convidava-a cruamente para visitá-lo mostrando-se interessado no que lhe escrevera. Foi isto que ela, dominada pela paixão, confundira com amor, e que nada mais era, senão, desejo e curiosidade. E na exaltação de sentir-se também amada, escreveu-lhe novamente:

«Qual macieira entre as árvores do bosque, tal és tu meu amado! Quisera que tua sombra me envolvesse tôda e que teu fruto fôsse doce ao meu paladar! Irei encontrar-te amado meu. Sairemos pelos campos, passaremos as noites ao ar livre, iremos aos vinhedos, veremos se já se abrem as flores silvestres e se já dão frutos as outras macieiras. Aí, dar-te-ei meu grande amor.

Sulamita».

A resposta veio rápida e entusiasmada. Era bem isto que êle queria, mas duma maneira, que Marta não compreendera.

No entanto, mesmo acreditando no interêsse real que êle sentia por ela, hesitava. Queria certificar-se até que ponto era amada, e então sim, dar-se-ia inteiramente. Seria para seu amado, um jardim de paisagens imprevistas.

Depois de receber insistentemente seu chamado, escreveu-lhe pela última vez:

«Eu serei do meu amado, porque êle me tem amor. Irei sem demora amado meu. Tu me acolherás em teus braços e pousarei sôbre teu coração. Ficarei morando eternamente na tua carne e na tua alma! Descerás ao meu jardim, e então, derramar-se-á seu aroma.

Sulamita».

Dias depois, recebeu curto bilhete marcando a hora para o encontro, que seria em casa dêle, como desde o princípio sugerira.

Marta marchou para êsse encontro com o estoicismo duma abnegada. Iria receber o bastante em troca de seu sacrifício? Ela assim esperava.

Tudo estava combinado para a noite do dia seguinte em que lhe chegara às mãos o bilhete. Não se lembrava muito bem do que tinha feito até o momento em que tomara o táxi e dera o tão conhecido endereço. Sòmente uma coisa fixara-se na memória. Tinha sido um dia terrivelmente quente, prenúncio de tempestade. Seus nervos, já de si profundamente abalados, ainda estavam mais tensos pela aproximação da borrasca.

Mas, tinha chegado ao ponto em que não era possível recuar. Iria até ao fim.

Chegara, e a empregada viera recebê-la. Vendo aquela senhora de meia idade, não poderia supor que fôsse a visita que o patrão esperava, e daí, perguntar-lhe: «Que deseja a senhora?» Marta, surprêsa, desconcertou-se com a pergunta. Como poderia dizer o que desejava assim, de chôfre? Então, impiedosamente, disse-lhe a serviçal: «Olhe aqui, vá logo dizendo o que quer, porque o patrão espera uma visita e não pode perder tempo com pessoas que vêm oferecer mercadorias».

Fôra tomada por uma vendedora ambulante, e sem coragem para explicar quem era realmente, se deixou passar como tal. Viera, disse, oferecer máquinas de escrever; fôra o que lhe ocorrera no primeiro momento.

A empregada com olhar de mofa, retrucou-lhe: «A estas horas não se trata dessa espécie de negócios; mas, de outros. No entanto, na sua idade está claro, só poderá pensar nos primeiros. Em todo caso, vou perguntar ao patrão se precisa do que está oferecendo».

Marta ficou só. Estava transtornada pelo rumo dos acontecimentos. Relanceou o olhar pelo salão e notou a desordem que reinava neste. Cinzeiros cheios de pontas de cigarros, cálices com restos de bebidas, baralhos espalhados. Um verdadeiro caos.

Sùbitamente, ouviu uma voz bem sua conhecida, mas agora num tom cínico e revoltante e que dizia a alguém: «Sabe Flávio, telefonei-lhe porque estou numa embrulhada louca. Imagine que, para divertir-me e ver-me livre duma maníaca que andava a importunar-me com bilhetes amorosos ridículos, resolvi encontrar-me com ela hoje, à noite, aqui em casa, e acabo de receber um telefonema da Betty — que chegou ontem da Europa sem avisar-me — dizendo que vem também para cá. Não soube como descartar-me dela. Você compreende: preciso agradá-la. Sem o dinheiro do velho, minhas peças não seriam montadas. Veja só que maçada!»

Marta não quis mais ouvir o resto da conversa telefônica. Aquelas palavras cruéis, atordoaram-na completamente. Saiu correndo daquele lugar nefasto.

Desencadeara-se lá fora a tempestade meteorológica, com a mesma impetuosidade com que irrompera em sua alma a tempestade moral. Os raios riscavam os céus em todos os sentidos, e o ribombar forte dos trovões ressoava em seu coração como o fragor do desmoronar do seu sonho. Nos seus ouvidos martelavam aquelas malditas palavras. **Maníaca, ridícula**, ela, que tinha sido a encarnação vida do amor verdadeiro, dêsse que tudo dá sem nada esperar em troca, senão o próprio amor!

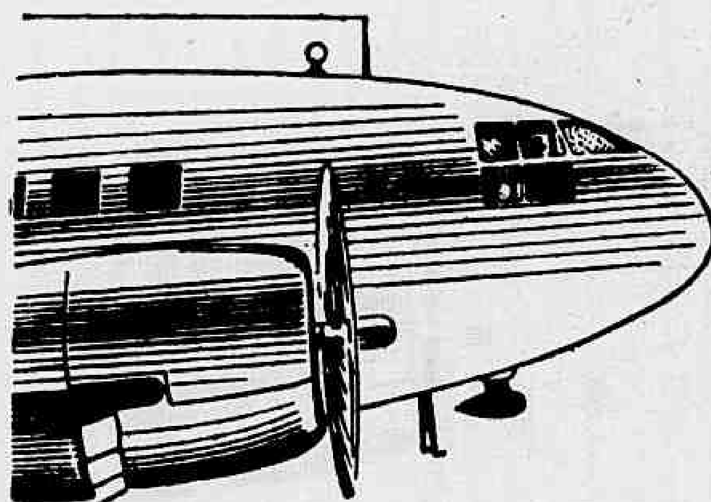
Andou por ruas e praças em busca daquele a quem amara sua alma e que não encontrara!

A chuva desabou com intensidade, e ela deixava-a cair sôbre si, para que a inundasse e lavasse de tôda impureza.

Quando deu conta do que se passava à sua volta, estava inteiramente encharcada, sentada num banco, à beira-mar. As ondas batiam na areia e recuavam, num leve marulhar. Seu olhar vagou sem rumo. Lá longe,

(Cont. na pág. 49)


**agora em sete horas de**



**ótima viagem**

do Rio a

**FORTALEZA**

**Cr$ 2.413,80**

**com apenas um pouso em Salvador para almôço**



**Aumente o prazer de sua viagem a Fortaleza provando os deliciosos e tradicionais pratos regionais da Bahia, com a oportunidade que lhe oferece o Lóide Aéreo pousando em Salvador para lhe servir um almôço quente e no confôrto de um magnífico restaurante.**

Os modernos aviões Curtiss-Comando do Lóide Aéreo, com capacidade para 50 passageiros, proporcionam maior confôrto e economia na sua viagem.

★ Magnífico tratamento a bordo

★ Horários mais adequados aos seus interêsses

★ Embarque e desembarque no Rio: Aeroporto de Santos Dumont

**LÓIDE AÉREO**

**Rua México, 11 -- Tel. 42-9967 -- Gonçalves Dias, 17**



**Sete anos depois da completa derrota Nazi, é possível ver-se capacetes germânicos em exercícios armados. Mas não é o exército alemão. E' a Polícia de Alerta. Todavia a aparência não é de polícia. Realmente, a farda assenta bem nessa gente. E o capacete é como que uma característica. Daí para um exército falta pouco.**

# A ALEMANHA RESSURGE

## SETE ANOS DEPOIS ★ PODER INDUSTRIAL ★ A POLÍCIA BÁVARA DE ALERTA ★ NÃO PRODUZIR ARMAMENTOS

**Fotos "Keystone"**

**Texto de DEMOSTENES VARELA**

SEPARADA em três partes, de um lado — com as ocupações americana, britânica e francesa, no ocidente, e a soviética, no oriente, a Alemanha, solicitada pelos dois blocos, ansiando, naturalmente pela sua unificação e pelo seu soerguimento, é problema complexo, que uma simples reportagem não pode ter a pretensão sequer de equacionar.

Terão, pois, mais o caráter narrativo, que o de análise, estas apreciações despretensiosas de quem, estando na Alemanha, não pode deixar de encarar o fato: A Alemanha levanta-se, rearma-se, a Alemanha vai se remilitarizando. Não tanto quanto o desejariam seus anseios patrióticos. Não tanto, dirá Herr Adenauer, quanto se faz mister, se as potências ocidentais querem contar com uma ajuda substancial do povo que melhor pode fazer frente, na Europa, à ameaça bolchevisante do mundo...

No caminho em que as coisas vão não será forçada a indústria germânica, nos próximos meses, a dedicar-se a fundo a um programa essencial de defesa?

Há os que, como o jovem dr. Gollnow, chefe de uma firma que há mais de um século se dedica à indústria pesada, dizem seria anti-econômico e louco mesmo produzir armamentos na Alemanha.

Isso representaria, acrescenta o moço capitão de indústria, o reaparelhamento de muitas de nossas fábricas e ademais, "nós estamos como direi na linha de frente, no lado errado do Rheno e não exatamente do lado em que poderíamos ter o nosso arsenal. Mas há caminhões e tratores, assim como acessórios, pontes portáteis, itens vitais para a Europa e seu programa de defesa e que podem ser feitos aqui no Ruhr" — afirmou êle.

NÃO NOS PEÇAM CANHÕES NEM "TANKS", POR FAVOR!

Êste repórter falou com vários técnicos, todos da mesma opinião, isto é que esta área pode ser usada como parte do programa de defesa. "Mas, por favor, disseram textualmente, não encomendem canhões, "tanks" ou aviões."

Kenneth Ames, entrevistando um dos diretores de uma grande Corporação, ouviu dêle: "Durante quase sete anos fomos desmantelados e ouvimos longos sermões sôbre o desarmamento e os males da produção de guerra. Os nossos maiores industriais foram julgados em Nuremberg e já agora o mundo começa a ficar apreensivo porque a Alemanha está sendo avassalada por um sonho de reaparelhamento guerreiro. E' esperar demais pensar numa reviravolta completa das massas trabalhadoras em curto tempo. Ademais as

Uniões trabalhadoras e os sindicatos foram de tal modo trabalhados em sentido contrário à guerra, que agora não é fácil mudá-los ràpidamente.

## APESAR DE TUDO, A ALEMANHA RESSURGE

Assim, ao contrário do que se possa supor, nem tudo são facilidades. Não há dificuldades, por exemplo, em matéria-prima e em massas desempregadas e trabalhadoras. Mas, apesar de tudo, a produção de aço e de carvão aumenta enormemente, tudo dentro das rijas fiscalizações e contrôles aliados. A produção de aço, que foi em 1951, de 13.500.000 toneladas poderá ser elevada e talvez possa alcançar os níveis de 1936, que foram os de 19.200.000 toneladas. Mas há problemas técnicos, como os da modernização da maquinaria e o dos vastos esquemas para a ampliação da produção aos níveis de antes da guerra. Os danos da guerra e o "desmantelamento" sistematizado que se havia feito reduziram o potencial do Ruhr enormemente. Há os que afirmam que êsse desmantelamento foi além do necessário, com o intuito de deixar a Alemanha fora da competição comercial, nos mercados mundiais, durante décadas. Agora, precisam daquelas mesmas indústrias destruídas e toca a reconstruí-las. E' assim o mundo... Os americanos respondem a essas críticas, que elas não são sérias, nem justas, que as fábricas desmanteladas ou destruídas, se dedicavam à produção de guerra tão sòmente. Muitas das máquinas, aliás, eram velhas e agora, com a ajuda do Plano Marshall, estão sendo reequipadas e modernizadas.

Apesar das dificuldades, muitas das quais, dizem os críticos americanos, criadas pelos cérberos dos políticos germânicos, as indústrias estão ràpidamente se recuperando.

## O PROGRESSO DA INDÚSTRIA ELÉTRICA E AUTOMOBILÍSTICA

Chefes da Siemens, por exemplo, declaram que a indústria elétrica está produzindo três vêzes mais do que em 1939 e exportando muitos por cento mais do que em 1949. A indústria automobilística germânica está produzindo o dôbro de 1936. Qualquer alemão pode comprar seu carro a prestação e a exportação de autos alemães subiu a 600 por cento.

Percorrendo o Ruhr sente-se que a confiança vai ganhando os chefes industriais da riquíssima zona carbonífera e metalúrgica. Para isso muito concorreu a recente aceitação por parte do govêrno Federal Alemão, do Plano Schuman. Todos se sentem esperançados e confiantes num período de prosperidade, em cooperação com as outras potências ocidentais.

— "Temos — disse um chefe de indústria — de pôr nossas cabeças de acôrdo, ou não haverá cabeças para se preocuparem por muito tempo."

## CAPACETES DE AÇO E METRALHADORAS...

Enquanto isso, o fato é que o gôsto e a propensão inatas dos germânicos pelas coisas de guerra, vão encontrando novamente suas oportunidades. Nesta reportagem verão os leitores alguns exercícios da "Polícia Bavara de Alerta". Os capacetes, os carros de assalto blindados, os exercícios de metralhadoras e, perto de Dachau — de tão trágicas recordações, como campo de concentração, há 15 quilômetros de Munich, onde na famosa cervejaria Hitler começou a subir, subir, até sua queda vertical, em que arrastou sua grande e extraordinária nação, as novas fôrças armadas germânicas saem em busca dos "inimigos do govêrno" e capturam alguns amotinados e grevistas.

Não há dúvida que, para um repórter brasileiro, isso já é um "princípio de conversa"...



**As três fotografias apresentam diversas fases dos exercícios militares que a Polícia Bavara de Alerta recentemente fêz nas imediações de Dachau, a coisa de 15 milhas distante de Munich e na presença de Marl Brunke, Comandante dêsse Corpo. O objetivo das manobras é a caça a desordeiros que, afinal,**




**são feitos prisioneiros. Dachau e Munich são lugares que, ainda agora, não podemos relembrar sem profunda desolação. O primeiro, teatro de cenas dantescas; o segundo, palco de negociações diabólicas. Nesses lugares essas "manobrinhas inocentes" são bastante parecidas com brinquedo de crianças.**



## A SAÚDE DO BEBÊ

# Esquema alimentar no desmame

**DR. SABÓIA RIBEIRO**

EM artigo anterior mostramos a necessidade de proceder à substituição gradual do leite por outros alimentos, ao atingir a criança o sexto mês, quer esteja sendo amamentada exclusivamente ao seio, quer pelo regime de mamadeiras. Dissemos, então, que o leite, só e exclusivo, não satisfaz a tôdas as necessidades da criança, senão até o sexto mês, sendo, daí por diante, sempre necessário que outros alimentos venham substituí-lo gradualmente.

Vejamos como proceder, na prática, quando a criança entrou no sexto mês.

Segundo as boas normas, desde o quinto ou sexto mês, estará a criança sendo amamentada com intervalo de 3½ horas de uma para outra vez. Aliás, muitos pediatras, já antes, iniciam a substituição do leite, o que não há mal, se, por essa ou aquela forma, já se anunciam, na criança, os efeitos da alimentação láctea exclusiva.

O horário já é, então, por exemplo: 7, 10½, 14, 17½ e 21 horas.

No desmame a conduta é a seguinte:

Ao sexto mês, suprime-se uma mamadura ao seio (ou uma mamadeira) — a das 10 horas — por uma refeição diferente.

Entrado o sétimo mês, outra substituição de uma mamadura ou mamadeira.

Dar-se-á, como às 10 horas, outra refeição que não leite, esta às 17 e meia horas.

A refeição diferente poderá ser um mingau farináceo ou uma sopinha de legumes.

Vale prevenir que a administração das sopinhas encontra, às vêzes, grande relutância do bebê em aceitá-las.

Mas é necessário insistir, pois o menino acabará cedendo, devendo haver tôda a constância nesse trabalho, pois, do contrário, o bebê caminhará fatalmente para uma nutrição má.

Duas coisas precisam ser bem sabidas no desmame da criança:

Como fazer o mingau farináceo?

Como preparar as sopinhas?

**Preparo dos mingaus farináceos:** Fazer um mingau com duas colheres das de chá bem cheias de farinha e outras de açucar tipo neve (levar sete minutos ao fogo brando, mexendo com colher de pau). Pôr na mamadeira e completar com leite até fazer 180 gramos ou pouco mais (se leite em pó, 5 a 6 colheres das de chá, bem cheias, em cada mamadeira).

Na escolha das farinhas, há observar o seguinte: maizena, se a criança tem tendência à diarréia; aveia, se prisão de ventre houver.

Alternando as duas, conforme as necessidades, enfrenta-se uma ou outra situação com a criança.

Preparo das sopinhas:

| | |
|---|---|
| Água .................. | 1 litro |
| Carne magra .................. | 250 gramas |
| Batatas .................. | 6 |

Legumes da estação e 4 colheres-de-chá de uma farinha tipo Pablum.

Deixar coser até engrossar e passar por peneira. Dar 200 a 250 gramas, juntando uma banana, maçã crua, sal.

Com o mingau farináceo e a sopinha (que pode ser modificada a critério) **nas duas refeições diferentes** do dia, vai a criança até o 11° mês, quando então já entrará carne nas suas refeições, vísceras, "purés" diversas, etc.

Resta sòmente dizer que, desde o terceiro mês, não faltarão à criança as vitaminas, geralmente sob a forma de suco de frutas (tomate, laranja, lima, uva, etc).

A.T. — A gestante portadora de sifilis deve ser controlada mensalmente, e o tratamento sempre repetido até desaparecimento dos sinais clínicos ou persistirem as reações sorológicas.

R. G. — Não é sempre fácil diagnosticar uma doença do coração na criança. Muitas vêzes os sinais são tão leves que sòmente uma observação mais demorada permite concluir pela sua existência ou não.

D. L. — Parece um caso que só a cirurgia pode resolver. Se é o que penso, é um caso relativamente raro.

## ACAIACA

(Cont. da pág. 44)

"cnaqui tonatiuh", do crepúsculo montanhês, enquanto era Acaiaca o "tatybeyma", deserto de almas penadas, repleto de Boitatás, houve no prado e no vale, a mais encantadora das festas da jovem e bela "puranga", filha de Curupeba-Assu.

E foi sem igual a alegria da tribo irmanada ao par, a celebrar o festejo que durou por alguns dias! Moços a juntar a lenha para as fogueiras da festa, velhos a pitar, à lareira, seus cachimbos de tabaco a que chamavam "pytyma"; as moças ou cunhãmucus, com grandes e belos cocares, cheias de brincos e colares, nos braços, os aguamirangas, os braceletes de penas, dançavam e se requebravam com corpo todo pintado com a tal tinta de urucu na dança do cururu.

Em tôrno da grande fogueira, onde queimavam os demônios, vermelhos de tanto pecar, as velhas preparavam o espêto para servir as viandas ou as aves galináceas a que chamavam "mutum" ou peixe de água doce que diziam ser "pacu".

Outras traziam e serviam dentro do "kaauy" — das cuias para bebidas, bem ardente e espumante a "chicha" de milho e banana, de paladar saboroso e ao gentio, inebriante!

Poracê! Poracê! Dança! Dança!

E se assim gritavam e exaltavam — num tam-tam infernal — da batucada dos pés — melhor ainda o faziam a dançar a cateretê!

Todos pulavam e cantavam — na confusão das Arábias — só Cururupeba cismava! Estava triste, tão triste, como a própria ibycoara — a sepultura sagrada, à sombra da bela Acaiaca!

Foi então que um "angá", ou talvez o Mahauen, mocho mateiro, agourento, que muita desgraça anuncia, mandou sua tétrica mensagem bem do cimo da Acaiaca, num — pio, pio, pio — incessante de causar espanto e mêdo.

Cururupeba a adivinhou e se melhor a interpretou — a manacá segurou, levou à bôca a membyara para alertar a tribo amiga do perigo que corria.

Ao som do tétrico clarim, para a os uais, do tambor as batucadas, cessam os arroubos de amor e todos petrificados, assim mesmo embriagados, conservando seus lugares ouvem de modo plangente o comando do guerreiro, num desespêro de causa!

— "Erê!". Vamos!

— "Makiti". Aonde? Perguntam-lhe, em côro, os amigos.

— "Akiti" Para lá — foi breve e solene, a resposta.

Após o primeiro espanto, seguidas as exclamações, seguido o grito de guerra, toca a correr "para lá", sob o rufar dos "trocanos", tambores ouvidos de "cá", a léguas infindas de "lá".

Tudo em vão!

Era tarde, muito tarde. Lá do cimo "Cruz das Almas" a idolatrada Acaiaca, a belatriz Pirapanema — Vênus do Pindorama — que lhes era o Brasil com palmeiras flabeladas, já não mais existia!

A golpes de machadadas — pela "tribo" santificada, julgando-se civilizada e a tal missão preparada, ali jazia por terra, muda, muda, fria, fria... num abandono de apache, sem festas de despedida, sem nenhum canto de amor, sem a exaltação das virtudes no necrológio de praxe, sem a "cachiri" ardente, a cachacinha do entêrro, transmudada a pobre amiga, numa pirâmide de fogo, que aos céus em brasas subia, clamando e conclamando por tôdos

**BÉL-HORMON**

**A BELEZA DOS SEIOS**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.




Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......

NOME .................. Nº ....

CIDADE ..................

ESTADO ..................

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

as fúrias dos deuses a vingança de Tupan na melopéia final.

Houve lágrimas, houve gritos, lamúrias na confusão, juras de morte ao traidor, a balbúrdia que reinou, no medonho funeral!

O laço da fraternidade que atava a tribo amiga, foi desfeito e sepultado nas cinzas da bela Acaiaca — desde êsse malfadado dia, nunca mais houve "maranitecoara", dos invencíveis guerreiros que planos de guerra medravam, sob a copa acolhedora da nobre e leal Acaiaca.

★

Após decorridos séculos, por magia arquitetônica ou da parte de Anyabebé, o anjo bom dos Tupis, ou por arte de Rudá, deus habitante das nuvens, o tronco morto refloresce e reaparece Acaiaca transformada, desde então, no elegante arranha-céu, fincado em Belo Horizonte, em pleno coração da Cidade.

## Respostas ao teste

1—Da Índia
2—Cabo para amarrar embarcações
3—Sabará
4—Muitos cortiços
5—Com quatro fôlhas
6—E' açoitada
7—O que rói madeiras
8—Torto
9—Sem cauda
10—O que nasceu no campo
11—De pouca importância
12—Um peixinho insignificante
13—Aquêle que se alimenta de carne crua
14—O pavão
15—Um fruto.


## MOLDES DE CAMISAS FRANCESES

Moldes de camisas passeio e esportes, cuecas, pijamas, robes e blusinhas, importados da França pela Distribuidora de Moldes Franceses — Av. Rio Branco, 277, Grupo 606 — Rio — Enviamos pelo Reembôlso.

HEMORRÓIDAS E VARIZES
TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO
HEMO-VIRTUS
VARIZES: FRICCIONE A POMADA NAS VARIZES E TOME O LIQUIDO.
HEMORRÓIDAS: TOME O LIQUIDO E APLIQUE A POMADA NO LOCAL
USAR DURANTE TRÊS MESES.


## CÂNTICO DOS

(Cont. da pág. 45)

a linha do horizonte, onde começava a surgir a tênue claridade do sol que nascia.

E se viu afinal, tal qual era, em tôda sua miséria e pequenez! Sua vida até agora, fôra sem sentido. Nunca tivera um estímulo, uma fé, algo de puro e elevado, pelo qual vivesse e morresse.

Neste minuto, sentia-se como se fôsse transportada pelo espaço e chegasse bem próxima à luz vivificante do sol, que agora se mostrava em tôda sua beleza e pujança. Que sensação estranha, e que silêncio! Nenhum ruído o atravessava. Parecia-lhe haver passado dum pântano para o cume duma montanha deserta!

E de súbito, compreendeu que está nessa ascensão espiritual ao infinito — de onde tudo provém — a fôrça para vencermos os desencantos e o desespêro glacial das ilusões perdidas. Emocionada até as lágrimas, entoou no coração um hino de glória ao Criador; seu verdadeiro Cântico dos Cânticos!

E com o dia que vinha lentamente despontando, nasceu para Marta, a crença em Deus!

## A COPA RIO

(Cont. da pág. 31)

último jôgo aqui no Rio o Fluminense passou por maus pedaços na classificação, empatou a zero com o Sporting, venceu de 1x0 o Grasshopers e, na véspera do cinqüentenário, superou nitidamente o Peñarol, campeão uruguaio e base do time campeão do mundo. Nas semifinais, o tricolor foi melhorando e, nas finais, com o seu time em melhor forma, superou o campeão paulista, conquistando, sem ter perdido nenhuma partida, a II Copa Rio.

Os 17 jogos da «Copa Rio» arrecadaram do público do Rio e de São Paulo mais de 12 e meio milhões de cruzeiros. No Pacaembu, Cr$ ...... 3.345.440,00 e, no Maracanã, Cr$ .... 9.259.684,90, o que representa um total de Cr$ 12.605.124,90, importância inferior a que foi obtida na «Copa Rio» de 1951.

O jogador que maior número de «goals» marcou na «Copa Rio» de 1952 foi Baltazar, do Corintians. Assinalou sete tentos e não foi alcançado na corrida de «goals», apesar de não ter participado das semifinais e das finais, pois sofreu fratura com afundamento do malar no jôgo com o Austria.

A «II Copa Rio» não conseguiu repetir o sucesso da realizada no ano passado. Não correspondeu nem técnica nem disciplinarmente. Neste setor, muito principalmente por causa dos incidentes provocados pelos uruguaios no jôgo com o Corintians. Os campeões do mundo, várias vêzes vencidos pelos brasileiros após 16 de julho de 1950, procuraram responder com a violência a superioridade técnica dos brasileiros.

Afinal a «Copa Rio» continua no Brasil e, desta vez, ficou de posse dela um clube carioca, o Fluminense, precisamente na festa do seu cinqüentenário, quebrando assim o «tabu» de que, no Maracanã, só os paulistas ganhavam os títulos de campeões, conforme aconteceu na «Copa Rio» de 51, no Rio-São Paulo de 52 e no campeonato brasileiro de 52. O bom-bocado desta vez foi para quem o fêz... desmentindo o ditado popular.

## À LUZ DA PSICANÁLISE

# A liberdade dos moços

DR. LUIZ FRAGA

P.L. é um cliente que me procura de quando em quando. Homem viajado, voltou americanizado de sua última viagem aos EE.UU.

P.L. — Estamos atrasados em mais de um século. Há confusão em nossas ruas, morosidade em nossos serviços, excesso de pedantismo em nosso sistema de ensino. Em educação, então — falo ao senhor que é também educador — em educação, paramos.

MÉDICO — Não paramos: retrogradamos, talvez.

P.L. — Ótimo, o doutor me dá razão...

MÉDICO — Melhor será dizer: tiro-lhe a razão.

P.L. — Tirar-me a razão? Não entendo.

MÉDICO — Os pais são os culpados pela anarquia que se esboça. O senhor tem 3 filhos; um em cada colégio. Responda-me honestamente: quantas vêzes o senhor visitou os colégios em que estudam os seus filhos?

P.L. — Eu sou um homem ocupadíssimo. Confio na orientação dos diretores...

MÉDICO — E não há um minuto, ao menos, para ir ao colégio onde o seu filho passa a maior parte de sua vida? Como o senhor, a quase totalidade dos pais. Êles vão ao colégio no princípio do ano, para fazer a matrícula, quando o fazem; voltam ao estabelecimento para reclamar uma reprovação... Sim, todos se queixam dos colégios que reprovam. Muitas vêzes não conhecem o diretor do colégio dos filhos, nem mesmo de vista.

P.L. — Sabe, doutor, o Jorge anda apaixonado... Não sei bem se é paixão ou desejo. Êle é um rapagão forte e bonito e dado a conquistas. Agora, porém, está demorando no último ponto de parada...

MÉDICO — O Jorge e os seus casos, o Mário e as suas conquistas, etc., mostram um desmoronamento do ideal da juventude. Para êles, o amor espiritual vale apenas um centavo. As pobres mães sofrem muito com isto mas, a sociedade sofrerá também as conseqüências desta frivolidade.

P.L. — Bem, no caso, estou temeroso pelo Jorge...

MÉDICO — O senhor não está bem certo se teme pelo Jorge ou pelo senhor mesmo. A nossa geração e a do Jorge não se compreendem. E' uma desarmonia espiritual que progride desastrosamente. O senhor tenta subjugar violentamente o seu segundo «eu», ao invés de buscar um equilíbrio salvador entre o ontem e o hoje, entre o que deve ser e o que não o deve.

P.L. — Mas, afinal, que é que devo fazer?

MÉDICO — Aprender a compreender o seu filho. Não assistir de braços cruzados a luta íntima em que êle se vê, guiado apenas pelos filmes fúteis e pelos companheiros da mesma idade.

P.L. — Todos êles são assim?

MÉDICO — Por culpa de todos os pais. Leia esta prova escrita, feita por um aluno da terceira série do curso científico. (O assunto da prova é «Dizer o que pensa da vida de estudante).

### TRECHO DA PROVA

Levanto-me às dez horas. Vou ao banho de mar, olhar as sereias em «bikini»: volto às 13, para o almôço. Passo as tardes à porta da Americana olhando as boas. À noite vou ao Bolero e corro as «boites». Esta é a minha vida de estudante. Na época das provas procuro colar. Também, se eu não cuidar do meu presente, quem o fará?»...

MÉDICO — São êsses moços, que nos governarão amanhã, que se revoltam contra Lúcia Magalhães, por questões justas que dizem respeito à freqüência...

P.L. — Lúcia Magalhães!... O doutor cita esta senhora como uma celebridade!

MÉDICO — Não me preocupam as celebridades. Lúcia Magalhães é, sem favor uma educadora de valor.

P.L. — E' uma senhora intransigente...

MÉDICO — Cumpre o seu dever. Como diretora do Ensino Secundário vem recebendo os aplausos dos educadores brasileiros. Não foi nem poderia ser compreendida pelos estudantes de nossa geração que pensam num diploma, apenas num diploma, pouco lhes importa a forma de o conseguir.

P.L. — Bem, doutor, para terminar, o senhor aconselha que diminua a liberdade de Jorge...

MÉDICO — Absolutamente, não pensei em restringir a liberdade mas, ao contrário, na outorga da plena liberdade, ligada, todavia, ao sentimento de responsabilidade. E' preciso que os jovens tenham êste sentimento. Só a responsabilidade faz o homem. E' a liberdade com responsabilidade que determina a base da felicidade das massas e a felicidade do indivíduo.

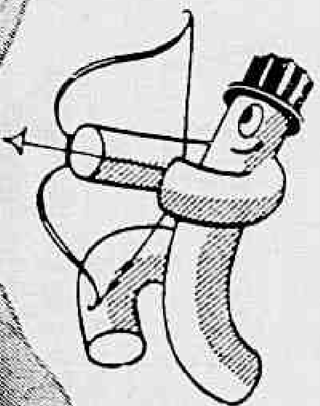
## CORRESPONDÊNCIA

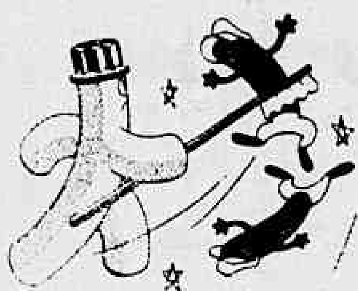
— M.R., O.J., N.M., H.G., V.F., A.H. — Distrito Federal. Podem ir ao meu consultório, à Rua Senador Dantas, 76, 4º andar,, 2as., 4as., 6as., das 16 às 18 horas.

— Mariano, Júlio, L. M., N.B. — Estado do Rio. Já enviei a resposta pelo correio.

# O amor começou com um sorriso... e Kolynos

Para conservar seu amor... mantenha seu sorriso divino, seus dentes como pérolas, seu hálito perfumado... seja Kolynos-ista e encante ainda mais! Kolynos embeleza a bôca assegurando uma limpeza perfeita. Kolynos protege os dentes combatendo as cáries. Kolynos purifica o hálito e rende muito mais!

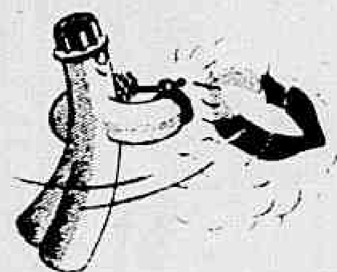




**Combate as cáries**

Kolynos combate realmente as cáries, destruindo até 92% das bactérias causadoras das dolorosas cáries. Kolynos limpa e protege os dentes.

Kolynos satisfaz as exigências de todos!



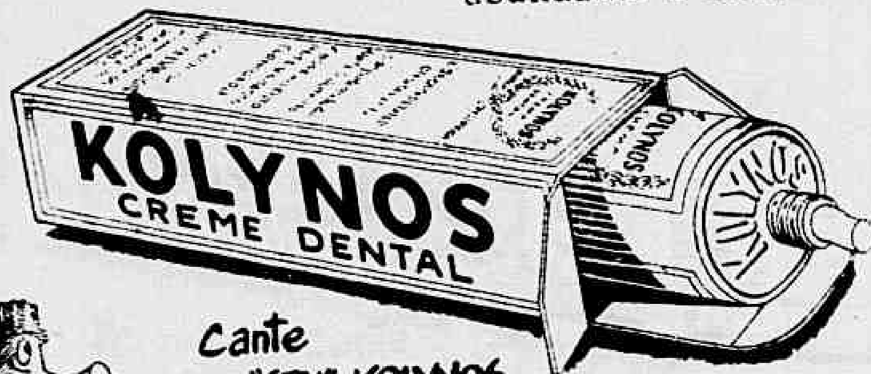
**Perfuma o hálito**

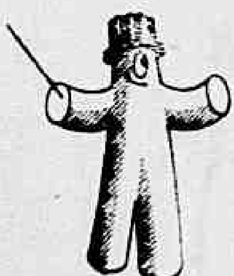
Kolynos perfuma o hálito e neutraliza os ácidos bucais, deixando na bôca uma duradoura sensação de saúde e bem-estar.



**Rende muito mais**

Kolynos é o creme dental preferido das famílias, porque rende muito mais — um centímetro na escôva sêca basta para obter espuma abundante e eficaz.



Cante com "SEU" KOLYNOS
2 vêzes ao ano visite o dentista
3 vêzes ao dia seja Kolynos-ista




# UMA SOPA PARA SALVAR O DIA



*Afinal de contas, pondo de lado os preconceitos, a verdade é que as sopas de lata podem salvar o dia: puras, simplesmente despejadas da lata na panela para esquentar ou gelar e depois no prato; misturadas a outras sopas, constituindo perfeitas criações; como molhos; e também como tempêro em diversas espécies de comida. Uns achados, minha senhora. Senão vejamos...*

**1** Consomé gelado guarnecido: **Ponha para gelar uma lata de consomé. Antes do jantar apenas uns minutos, junte ao caldo finas rodelas de rabanetes e salsa picada.**

**2** Para um dia quente: **Misture o conteúdo de uma lata de sopa de tomate com o de uma de sopa de aipo e junte 1 ½ xícaras de leite frio. Sirva com fôlhas de aipo picadas salpicadas em cima.**

**3** **Sopa de milho:** Frite algumas tiras de bacon. Retire o bacon da frigideira e em sua gordura doure uma cebola partida. Misture os conteúdos de uma lata de creme de galinha e de creme de milho, 1 ½ xícaras de leite e sirva com o bacon cortadinho por cima, tudo muito quente.

**4** **Sopa favorita:** Cozinhe 2 cebolas picadas em manteiga farta por alguns minutos. Junte uma lata de sopa de tomate, uma de consomé, uma xícara de leite e outra de água. Levante apenas a fervura e sirva.

**5** Creme de cogumelos de luxo: **Esquente uma lata de sopa de cogumelos, ½ xícara de água, 1 xícara de queijo ralado até que o queijo derreta. Ótimo para acompanhar macarrão, arroz ou peixe.**

**6** Sopa rápida de curry: **Misture uma colher de pó de curry ao conteúdo de uma lata de creme de galinha. Junte camarões frescos, cozidos, ou de lata, um pouco de caldo de carne. Sirva com arroz.**

**7** **Sopa de feijão especial:** Refogue em gordura quente ½ quilo de carne. Despeje em cima uma lata de sopa de feijão, a mesma quantidade de água, uma colher de pó de chili e deixe ferver. Sirva com bolachinhas salgadas.

**8** **Almôndegas picantes:** Misture a ½ quilo de carne moida e temperada o conteúdo de uma lata de sopa de pimentão e duzentas gramas de farinha de rôsca. Faça bolinhos e frite até dourar.



**9** Spaghetti surprêsa: **Vá cobrindo camadas de spaghetti, numa fôrma, com sopa de rabada e queijo ralado. Deixe cêrca de 15 minutos em forno moderado e sirva.**

**10** Costeletas de porco com môlho: **Frite bem as costeletas dos dois lados, passe-lhes mostarde, retire para uma fôrma e despeje em cima o conteúdo de uma lata de sopa de galinha. Deixe cêrca de quarenta e cinco minutos no forno, ou até a carne ficar bem macia.**

**11** **Batatas recheadas:** Retire a polpa de batatas grandes assadas no forno. Misture a polpa amassada com sopa de galinha e pedacinhos de azeitona preta. Recheie e sirva quente.

**12** **Costeletas de vitela:** Refogue e doure algumas costeletas de vitela em gordura muito quente. Junte uma lata de sopa de legumes, a mesma quantidade de água, temperos verdes, cebola picada, sal. Deixe ferver lentamente em panela tampada por duas horas.

**13** **Sopa de salsichas:** Despeje numa fôrma uma lata de sopa de creme de aipo e a metade dessa porção de leite. Corte por cima pedacinhos de salsicha. Cozinhe no forno por cêrca de vinte minutos.



**O Ministro da Ordem de Malta, Príncipe Olgierd Czartoryski, assinando o Livro de Presença. Da esquerda para a direita: — Ministro Lafayette de Andrada, Dr. Carlos Brandão, Dr. Izaias de Andrada, Embaixador Edmundo da Luz Pinto, Dr. Carlos Pena, tôdas figuras graduadas na Administração da Santa Casa.**

# UMA FESTA DA CIDADE

## O CENTENÁRIO DO HOSPITAL DA SANTA CASA E O SIGNIFICADO CULTURAL DA EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DO GLORIOSO EVENTO

**Acorreram ao certame o representante do Sr. Presidente da República, Sua Eminência, o Cardeal-Arcebispo, D. Jayme de Barros Câmara, o Ministro José Linhares, Presidente do Supremo Tribunal Federal, o Prefeito do Distrito Federal, Dr. João Carlos Vital, a Embaixatriz de França, o Embaixador de Portugal, Dr. Antônio de Faria, o Ministro da Ordem de Malta, Príncipe Olgiord Czartoryski, o Dr. Nereu Ramos, Presidente da Câmara Federal, Vereadores e considerável número de pessoas da administração pública e da sociedade.**

AO grato e feliz ensejo da passagem do centenário do Hospital da Misericórdia, a Provedoria da Santa Casa, ora sob a orientação do Ministro Lafayette de Andrada, organizou interessante Exposição documentária, artístico-religiosa, que alcançou o mais pleno êxito. Basta assinalar que visitaram o certame mais de duas mil pessoas, de tôdas as categorias sociais que se mostraram surprêsas ante o magnífico acêrvo de relíquias religiosas, lamentando que a Misericórdia, de há muito tempo não procurasse tornar conhecidos e vulgarizados tantos e tão inestimáveis valores.

Tivemos ocasião de admirar, entre outras soberbas telas, a do Batismo de São João Batista, em bronze, provàvelmente flamenga, datada de 1498, segundo informe de peritos do Patrimônio Artístico Nacional, talvez singular em tôda a América do Sul. Vimos ainda uma outra curiosidade da Exposição, um histórico crucifixo que, durante a época do Brasil colonial e no império, servia para acompanhar os condenados à morte. Fomos informados que a Imagem do Redentor recebeu o último ósculo do mártir Tiradentes.

Várias outras telas de real importância cultural embelezaram a suntuosa "Exposição do Centenário", orientada pela seguinte comissão de Irmãos, prèviamente designada pelo Ministro Provedor: Dr. Elysio Rodrigues Lima, Escrivão da Irmandade, Dr. Carlos Martins Gonçalves Pena, Mordomo do Hospital, Dr. Martinho Rodrigues Mourão, Conselheiro da Mesa, que muito contribuíram aos louros do notável feito.

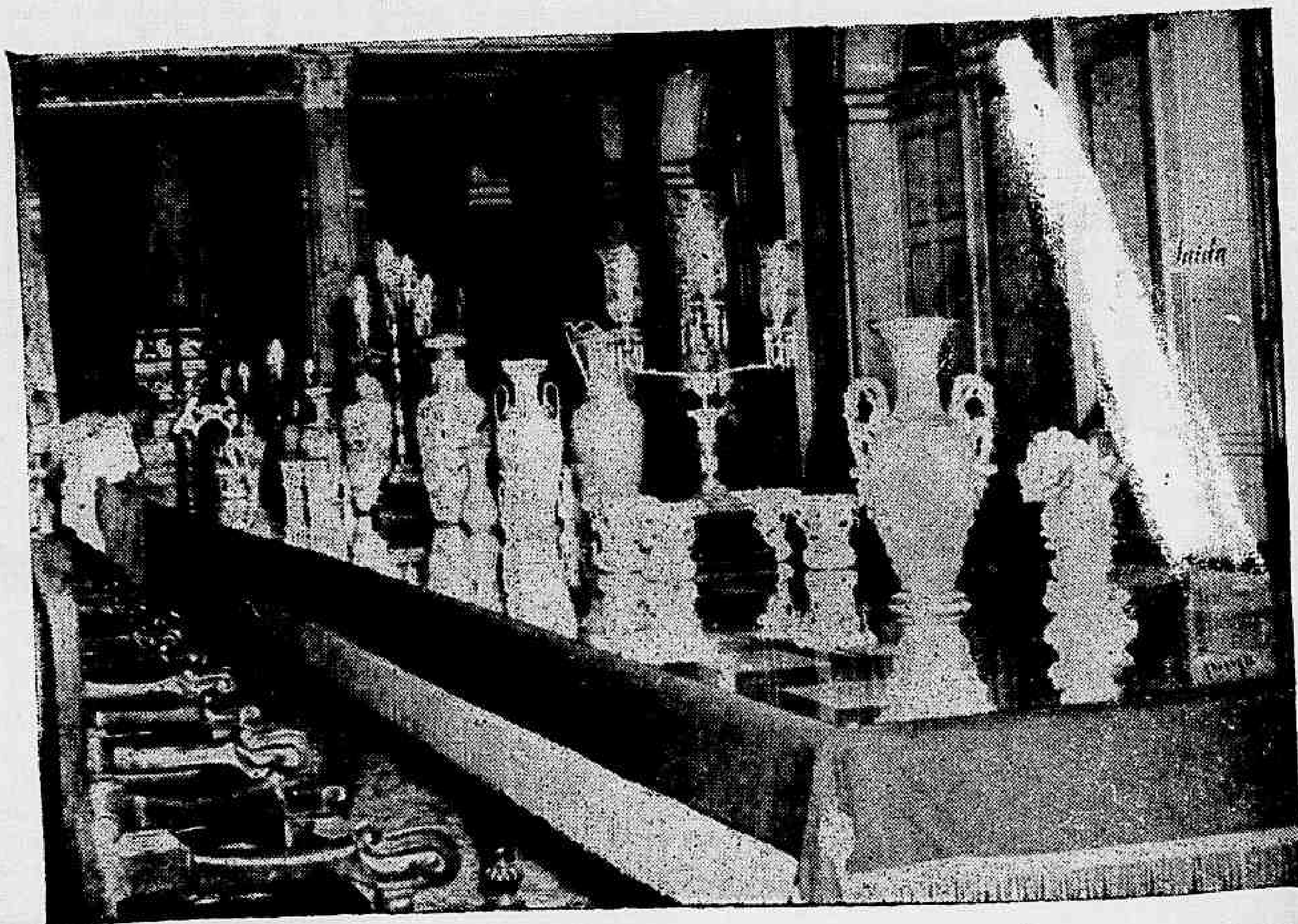
Riquíssimos paramentos religiosos, custódias, a célebre "Massa" representativa da autoridade, os balandraus da Provedoria, vasos de Sèvres, admi-




**O Provedor, Ministro Lafayette de Andrada, chama a atenção de Sua Eminência, o Cardeal-Arcebispo D. Jayme Câmara, e do Ministro J. Linhares, para um dos curiosos documentos expostos mais examinados.**

rável conjunto, enfim, constituíram a seção artístico-religiosa, dignificando assim a bela iniciativa da Provedoria.

E' de assinalar, contudo, um outro aspecto que despertou justificada atenção. Referimo-nos à colaboração do Arquivo, que reuniu um conjunto de documentos tradutores do roteiro histórico da velha Instituição. Entre outros figuraram a primeira fôlha do "Caderno" de entradas de crianças abandonadas na antiga "Casa dos Expostos", hoje Fundação Romão de Matos Duarte, que data de



**...icos vasos — alguns de Sèvres — que guarneceram a mesa do "Salão de Honra". Mais de duas mil pessoas visitaram a "EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO" e ficaram encantadas com as preciosíssimas relíquias religiosas que constituem o incalculável acêrvo da Santa Casa da Misericórdia.**

1738, tendo agasalhado, até agora, cifra superior a 60.000 menores que a Misericórdia ampara com seu manto protetor. Da mesma data o documento original da "Instituição do Lava-Pés", que se realiza, anualmente, nas Quintas-Feiras Santas. Continuando o relato referimos, para terminar, o "fac-simile" do decreto de abdicação de Pedro I, uma das peças mais características e valiosas da seção documentária.

★

Claro está que um conjunto dessa natureza e eficiência teria que despertar desusado interêsse dos visitantes graduados da Exposição. Saudaram o Ministro Lafayette de Andrada — Provedor em exercício, na ausência do Provedor efetivo Dr. Ary de Almeida e Silva — pela oportuna iniciativa, o Cardeal-Arcebispo D. Jayme de Barros Câmara, sobremodo encantado pela mostra dos objetos religiosos, o Prefeito João Carlos Vital, o Ministro José Linhares, Presidente do Supremo Tribunal Federal, Dr. Nereu Ramos, e muitíssimos outros visitantes cujos nomes nos escaparam.

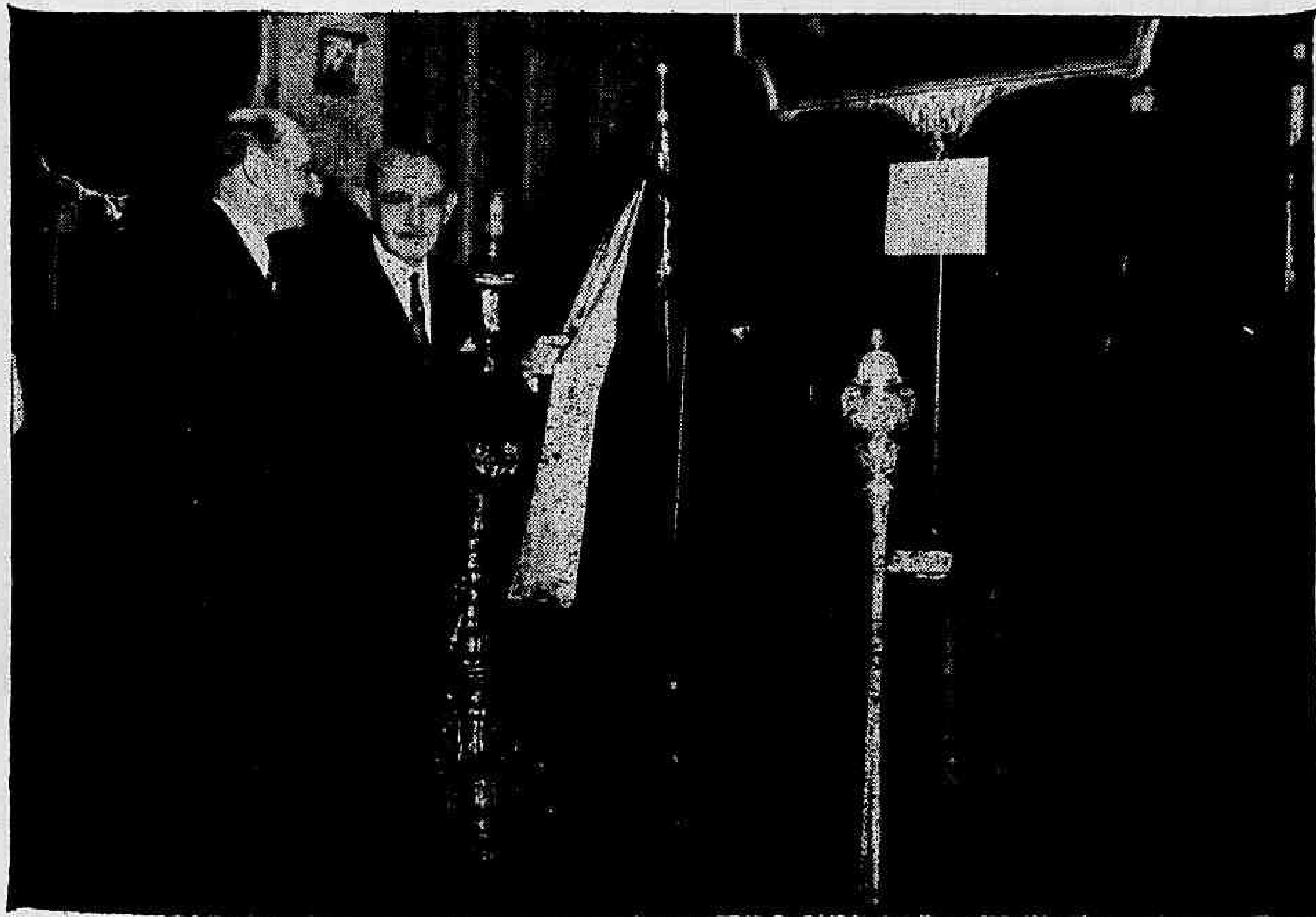
O Ministro Provedor recebeu-os, com sua reconhecida gentileza, mostrando satisfação pela honrosa presença das figuras do Corpo Diplomático. A Embaixatriz de França, Senhora Arvengas, não ocultou sua admiração, tanto mais valiosa, visto já ter tido ocasião de acercar-se, na Europa, de certames semelhantes. Outro tanto sucedeu com o Dr. Antônio de Faria, Embaixador de Portugal que, acompanhado de seu Secretário, demorou-se no recinto, visitando ainda várias dependências do Hospital, para assinalar, em palestra, a ótima impressão que lhe causou tudo quanto teve oportunidade de ver.

O Ministro da Ordem Soberana e Militar de Malta, Príncipe Olgierd Czartoryski, cujos abnegados propósitos coincidem com os da Misericórdia — e a despeito de sua recente investidura muito já têm feito em prol da caridade pública e mais ainda espera fazê-lo, cumprindo um programa de elevado alcance humanitário e social — teve oportunidade de acentuar ao Ministro Lafayette de Andrada essa circunstância, expondo ao Provedor da Misericórdia, que o ouviu atentamente, o programa de suas próximas concretizações.

Foram assim bem-vindos à Santa Casa todos êsses ilustres visitantes que se retiraram entusiasmados com a considerável obra, secularmente mantida pela digna e respeitável Irmandade.



**Fotografia do raríssimo quadro flamengo, pintura sôbre cobre que data de 1498. Êsse quadro, que é talvez único em tôda América do Sul, foi alvo das atenções dos visitantes da "Exposição do Centenário".**



**O Ministro Lafayette de Andrada, ao lado do Escrivão Dr. Elysio Rodrigues Lima, mostrando aos visitantes o Balandrau e a Vara da Provedoria. A lado do Balandrau, a célebre Inana em prata portuguêsa.**



**Todos cantam e riem numa alegria contagiante, à qual ninguém foge. No centro da foto, ainda uma vez, aparece J. Fath, de cabeleira, e à sua esquerda Mlle. Leoni.**

# O CARNAVAL DE

Nova York, os quais em português macarrônico e em francês complicado, estavam oferecendo "três platônicos casacos de marta", se ela quisesse inspirar alguns modelos para êles.

Ônibus cheios de compradores do ramo de modas e cronistas sociais de Paris, deram, êles próprios, um ar festivo com flores e lenços aqui. Limousines cheias de notabilidades francesas, diplomatas continentais e celebridades transatlânticas viram êste artístico "show" de amadores representado ao ar livre, fora do palco, tirado por filas de "cangaceiros" brasileiros a cavalo, algumas vêzes, dois para cada animal. Êles cavalgavam ao longo de tapêtes vermelhos através de renques de mesas onde havia ceia regada a champanha.

As despesas da festa foram estimadas em mais de 25 mil dólares.

Muito contribuiu para o acontecimento o Sr. Joaquim Silveira, com 45 anos e possuindo apenas dez milhões de dólares. A festa foi realizada sob seus auspícios. E' êle o maior proprietário de indústria têxtil do Brasil, de cujos tecidos Jacques vai lançar uma coleção de modelos em setembro, no Rio.

Para lembrar o Brasil estava a rival de Fath, Elsa Schiaparelli envergando uma fantasia de galo com bico, crista e lindas penas. De maneira encantadora se via a primeira modêlo de Paris, Bettina, num vestido branco de algodão e sandálias de ballet. A fascinante Ginger Rogers em espantoso indumento com toucado surrealista, e sapatos dourados. Claudette Colbert, um tanto retraída, com pele de marta azul-prateada e roupão de renda Balenciaga (!!). Orson Welles, que sempre parece estar preparado para representar. O mavioso cantor parisiense Jean Sablon, parecia estar no seu elemento com um



**Madrugada de 3 de agôsto no Castelo de Corbeville, nos arredores de Paris. Cêrca de 1.500 celebridades mundiais e 100 brasileiros de destaque. E muita luz.**

# JACQUES FATH

traje de gaúcho tostado de sol. O poético Jean Louis Barrault, o mais famoso ator de França, fazia passos de uma dança equilibrando uma sombrinha numa dança chamada "frevo". A modista de chapéus de Nova York, Lily Daché, com três lenços que ela brandia numa nova moda naquela noite. Lawrence Marcus, do famoso estabelecimento do Texas, Nieman Marcus, arranjou-se como pôde com umas roupas que tomou emprestado em seu hotel. Finalmente, o anfitrião Fath, com rosas e diamantes em seus cabelos de ouro, exibia uma crinolina branca, parecendo uma visão etérea, à luz das velas, era como um fantasma da côrte de Luís XIV, que viera passar, ao menos aquela vez, um verão no Castelo de Corbeville...

A festa teve grande repercussão em todo o nosso país, não sòmente pelo seu ineditismo, como porque, ocorreu em Paris onde é enorme a afluência de brasileiros não sendo pequeno o número dos que para lá foram especialmente convidados.

O costureiro Jacques Fath, com seus quarenta janeiros de idade, organizou com os mesmos um dos mais retumbantes acontecimentos sociais dêstes últimos tempos, deslumbrando parisienses, americanos e... brasileiros.

Parece que houve o intento de repetir, em resposta alucinante, uma festa mais ou menos idêntica levada a efeito na Itália. Mas, o que caracterizou o espetáculo do castelo medieval de Corbeville foi a reprodução em miniatura do carnaval do Rio e de cenas equestres de "cangaceiros" e vaqueiros do nordeste, coisas que os parisienses jamais pensaram poder ver no próprio território francês.

A festa ficou nos anais de Paris como coisa sensacional, uma coisa dos tempos de Roma pagã. E' dêsse acontecimento inusitado as fotos que vão ilustrando a presente reportagem.




Na foto de cima: — a artista cinematográfica Ginger Rogers, como todos, canta e ri dançando com Tony Pawson. Sentada — à direita — Madame Schiaparelli, grande modista parisiense. Em baixo: — Orson Welles, para quem o carnaval do Brasil não é novidade, palestra com a artista Claude Borelli.





Aqui Jacques Fath, êle próprio, o comandante da festa é figura central duma suposta dança indígena do Brasil. Atrás, Jacques Miller, "jazz-bander" de Paris. Fath estaria vestido de índio. Mas que índio cabeludo!

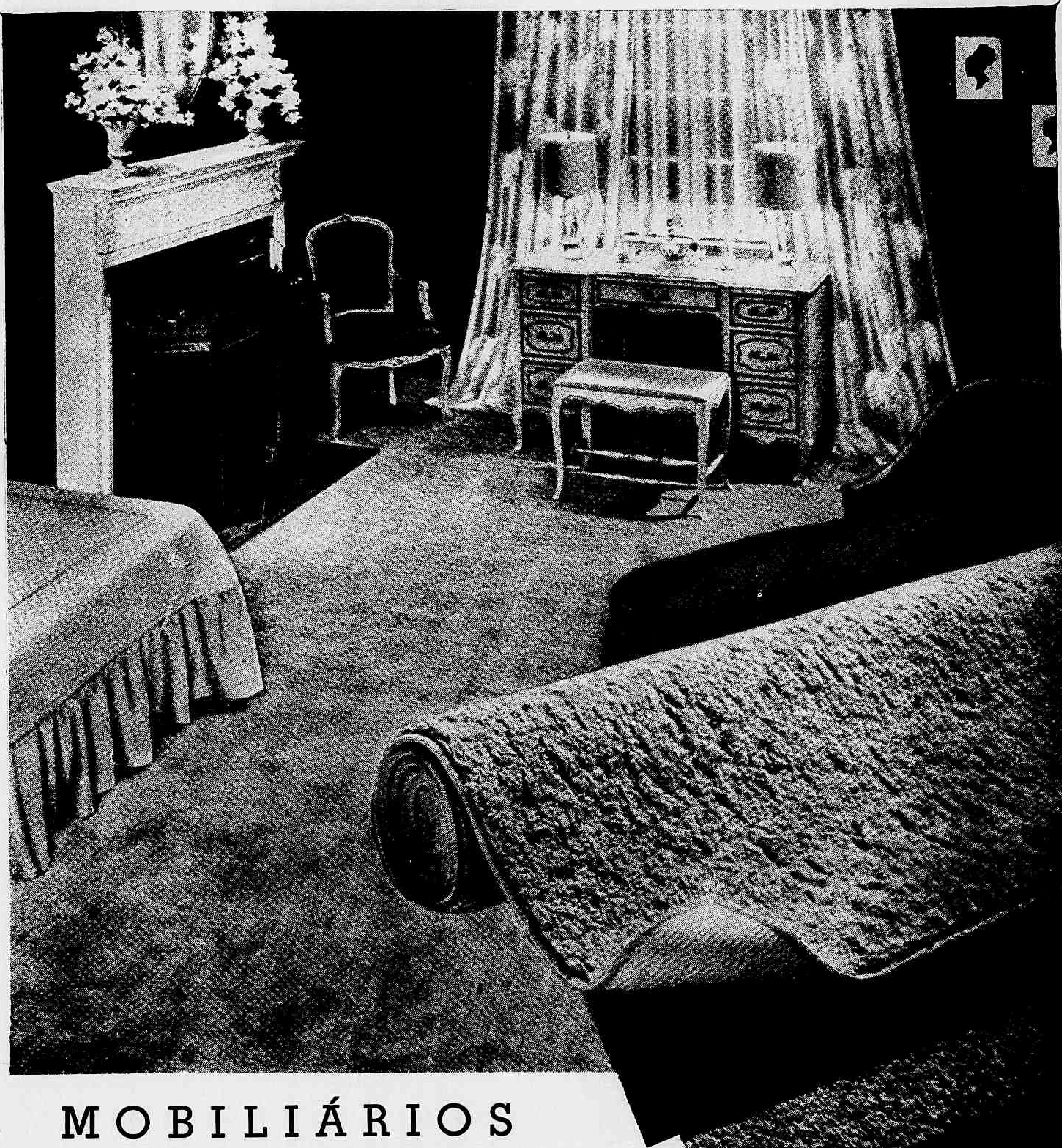
ÚLTIMO

# FLASH



TOMOU novo rumo o crime da ladeira do Sacopã. O depoimento de Walton Avancini, última testemunha arrolada na denúncia do promotor Emerson de Lima, causou grande sensação no tristemente famoso crime do "citroen negro". Avancini, acompanhado de seu advogado, Leopoldo Heitor, acusou o tenente Bandeira do homicídio, no qual perdeu a vida o bancário Afrânio de Lemos. Perante intensa expectativa dos que acorreram à sala do júri, declarou a testemunha-chave do crime do Sacopã: "Eu estava no citroen quando Afrânio foi assassinado e vou fazer tal revelação no sumário do tenente Bandeira." Nesse instante, o advogado, Romeiro Neto, patrono do acusado, resmungou baixinho: "que miséria".

Walton Avancini reconstituiu a cena do crime: quando tomara o carro em certo local, nesta capital, já se encontrava nêle, o tenente Bandeira. Durante a viagem em redor da Lagoa Rodrigo de Freitas, Afrânio e o tenente falavam de Marina. A certa altura se desentenderam e aconteceu a tragédia. Insultado, prosseguiu Avancini, o bancário deu uma bofetada no tenente. Êste, sacando do revólver, assassinou Afrânio, a queima-roupa. Depois fugiu. Avancini, testemunha ocular do crime, concluiu afirmando que o "pivot" do homicídio fôra Marina Costa. O testemunho de Avancini, que era esperado com ansiedade, veio dar nova diretriz ao rumoroso processo. Um dia antes, êle e o seu advogado sofreram um atentado de morte, até agora não desvendado. A confissão de Walton Avancini, encerrou o sumário de acusação do tenente Jorge Alberto Franco Bandeira. Seguiram-se as testemunhas de defesa.



MOBILIÁRIOS
DECORAÇÕES

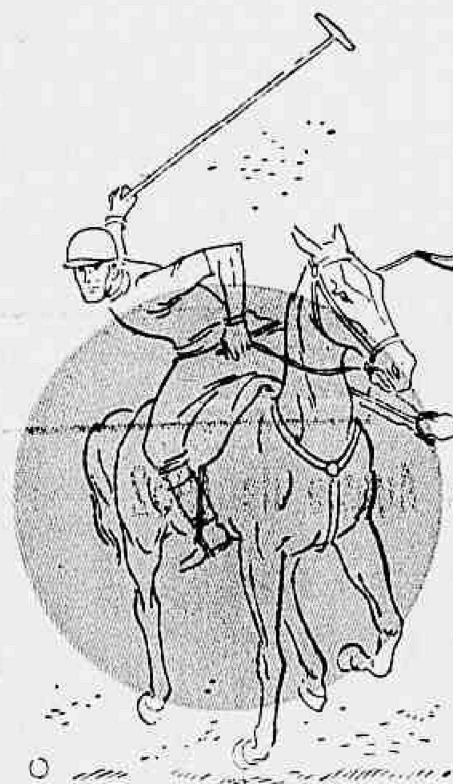
TAPÊTES e
PASSADEIRAS de FORRAÇÃO

durante as obras
A PREÇOS DE ARRASAR!

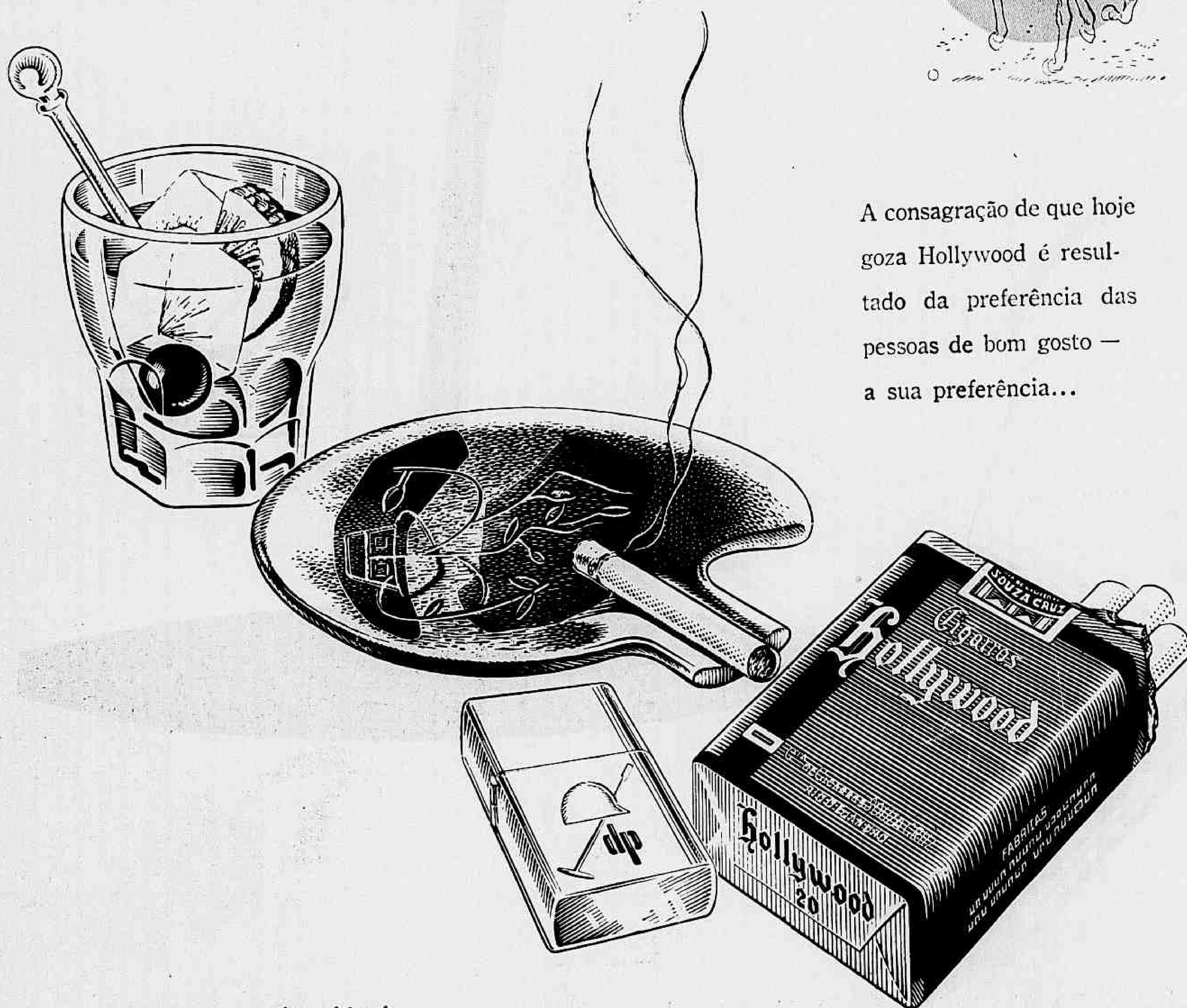



65 — Rua da CARIOCA — 67 — RIO





eleito por você... preferido por milhares!




A consagração de que hoje goza Hollywood é resultado da preferência das pessoas de bom gosto — a sua preferência...

H-88.145

cigarros

# Hollywood

*uma tradição de bom gosto*




UM PRODUTO SOUZA CRUZ